



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Estudos da Linguagem

BRUNO FERREIRA DE LIMA

**A CARTOGRAFIA DAS EXCLAMATIVAS-WH EM PORTUGUÊS
BRASILEIRO: CATEGORIAS E HIERARQUIAS**

CAMPINAS,

2020

BRUNO FERREIRA DE LIMA

**A CARTOGRAFIA DAS EXCLAMATIVAS-WH EM PORTUGUÊS
BRASILEIRO: CATEGORIAS E HIERARQUIAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto

Co-orientador: Prof. Dr. Renato Miguel Basso

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pelo aluno Bruno Ferreira de Lima e orientada pelo Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto e co-orientada pelo Prof. Dr. Renato Miguel Basso.

CAMPINAS,

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

L628c Lima, Bruno Ferreira de, 1992-
A cartografia das exclamativas-wh em português brasileiro : categorias e hierarquias / Bruno Ferreira de Lima. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Aquiles Tescari Neto.
Coorientador: Renato Miguel Basso.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise linguística. 2. Gramática gerativa. 3. Princípios e parâmetros - Linguística. I. Neto, Aquiles Tescari. II. Basso, Renato Miguel. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The cartography of wh-exclamatives in Brazilian Portuguese : categories and hierarchies

Palavras-chave em inglês:

Linguistic analysis (Linguistics)

Generative grammar

Principles and parameters - Linguistics

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora:

Aquiles Tescari Neto [Orientador]

Sandra Quarezemin

Simone Lúcia Guesser

Data de defesa: 26-03-2020

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-1116-5914>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4776177127133134>



BANCA EXAMINADORA:

Aquiles Tescari Neto

Sandra Quarezemin

Simone Lúcia Guesser

**IEL/UNICAMP
2020**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

*“Live your life as an exclamation rather than as explanation”
(Isaac Newton)*

Dedico à minha mãe. Muito obrigado por tudo!

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, a que agradeço.

Confesso que me parece ser uma tarefa meio ingrata tentar listar todas as pessoas e instituições que colaboraram com esta minha caminhada durante estes anos de mestrado. Sinto-me em débito com muita gente e peço desculpas desde já a quem eu esquecer de mencionar aqui.

Bom, primeiramente, devo agradecer a minha mãe: mãe, eu jamais teria chegado a lugar algum sem o seu apoio e suporte. Minha gratidão a você é infinita e espero um dia poder compensar ao menos parte de todo o esforço que você já fez por mim.

Agradeço também ao meu pai, por todos os papos e conselhos, e, principalmente, pela inestimável ajuda nos momentos de deslocamento de cidade. Obrigado também pela ajuda com o Noam (meu novo dog) e por nunca perder a paciência com o bichinho, mesmo com ele praticamente destruindo toda a casa.

Devo também um especial agradecimento ao professor Dr. Renato Miguel Basso. Renato, o senhor sabe que foi extremamente importante na minha trajetória. Não só por me acolher e me orientar durante os anos de graduação, como por me incentivar a continuar na linguística e me mostrar que a pesquisa acadêmica pode ser divertida. Até hoje, suas aulas foram as melhores que já tive na vida. Para mim, é uma honra poder continuar contando com sua ajuda e poder tê-lo como co-orientador.

Não posso deixar de agradecer também ao meu grande amigo Felipe dos Santos (Fellers). Cara, você foi fundamental para que eu me tornasse linguista e sabe disso. Não fosse aquele convite, feito em 2012, para participar do Círculo Fanzine de Literatura e Arte (a que já aproveito para agradecer também!), eu jamais teria ingressado em um curso de bacharelado em Linguística; não fosse todos os nossos papos e ‘brizas’ sobre filosofia e linguagem, eu jamais teria continuado no curso. Muito obrigado por tudo e perdoe a bagunça da casa, rs. Sei que não fui o melhor colega de república, neste quesito.

Igualmente, devo agradecer aos João Francisco Bergamini Perez (aka Jãozeta), pelos anos e anos de amizade e companherismo desde o primeiro ano do curso em Linguística. Para além de todas as nossas conversas e risadas, você já me salvou de

diversos pepinos e não tenho palavras para dizer o quanto sou grato. *Tamo junto sempre, mano!*

Agradeço ao meu primo Welligton Belarmino, por toda a camaradagem destes anos e, principalmente, por te me ajudado (muito!) na minha ida ao consulado chinês. Ao Genildo Rodrigues (que agora é da família, né?!), por todas as conversas. Vida longa ao Zumbi Holocausto!

Jonathan Torres (vulgo Jonzin), também lhe devo agradecimentos: você sempre foi um grande *parça* e, mesmo que possamos divergir politicamente, sempre te considerarei um irmão.

Ludmilla Alves (Lumex, Lumeishions, Lindona...ihh <3), você me aturou desde o começo do mestrado e não fosse todo o seu carinho e ajuda, eu realmente não sei o que faria. Seu apoio e afeto foi crucial para minha saúde mental e para minha felicidade durante esses anos. Muito obrigado por todos os rolês e por toda sua inesgotável paciência. Sei que não sou a pessoa mais fácil de conviver, mas mesmo assim você sempre se manteve ao meu lado e eu jamais esquecerei disso. Você é a melhor companheira que eu poderia desejar ter!

Para não me estender demais, agradeço também a todos os meus amigos de São Carlos que me acompanharam desde a graduação (ou antes): Eliel (ou 'Elierzin'), Guilherme Santos, Guilherme Teixeira, Guilherme Scopin (são muitos guilhermes...), Edmar Neves, Caroline, Marília e tantas outras pessoas...

Adiel, desde a época do colegial, sempre soubemos que chegaríamos a algum lugar, mesmo com todos os nossos professores afirmando o contrário. A cada passo que damos nesse sentido (*btw*, parabéns pela aprovação na OAB!), lembro com carinho destes tempos. Obrigado por tudo, irmão! Bruna, você foi a primeira pessoa que me mostrou que era possível fazer uma universidade. Muito obrigado pelo seu apoio!

Agradeço também aos meus amigos Pedro (Pedrovksi) e Filipe (Fillzor) por todos os rolês dados e papos trocados. Fillzor, mesmo com todas as suas crises, sei que você ainda chegará longe. Você é um dos caras mais inteligentes que já conheci. Pedrovski, só voa, rapaz!

Rafael Ésquines e Marina, muito obrigado por todos os papos e memes trocados. Vocês são pessoas muito queridas por mim! Aproveito também para agradecer ao pessoal do Filosofísica (Iago, Manivela, Fucci, Espeto...): não sei se vocês sabem disso, mas vocês foram cruciais para minha formação acadêmica e intelectual. Igualmente, agradeço

ao pessoal do VortexCaoscast e, em especial, ao Gelo, por ter colaborado com meu desenvolvimento espiritual.

Aos membros da minha banca de qualificação, professora Dra. Juliana Nespoli e professor Dr. Carlos Felipe Pinto, o meu muito obrigado pela paciência e por todas as contribuições dadas ao texto. Certamente esta pesquisa não seria a mesma sem a ajuda de vocês.

Aos membros da minha banca de defesa, professoras Dra. Simone Guessier e Dra. Sandra Quarezemin, muito obrigado por terem aceitado o convite, por terem lido meu trabalho e contribuído para que aprimoramentos fossem feitos nessa versão final!

Aos meus amigos aqui de Barão Geraldo: Marina Maia, Victor Veríssimo, Yuri Poti, Rafael Beraldo... me perdoem por não ter sido tão presente quanto eu gostaria, mas saibam que em todos os rolês que demos, eu me diverti muito. Considero vocês pra caramba!

Marcos Sant Anna (Marcox), desde aquele papo sobre a peita do Descendents, eu sabia que nos tornaríamos *parças*. Que venham mais rolês e shows para colarmos!

Obrigado também a todos que colaboraram com as páginas *Memes Formosos da Formal e Escola de Humor do DL*. Apesar de se encontrarem meio inativas atualmente, são projetos que tenho orgulho de ter participado. A propósito, meu agradecimento também ao Daniel Diniz, que conheci neste contexto ‘clubista formalista’ e hoje considero um amigo (apesar dos poucos rolês dados).

Muito obrigado também a todos meus colegas do grupo de pesquisa LaCaSa (Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino) pelas instigantes discussões semanais sobre sintaxe; aos colegas e professores que compõem o Grupo de pesquisa ForMA; a todo o pessoal da secretária de pós-graduação em Linguística da Unicamp; aos funcionários do IEL, por todas as ajudas (principalmente durante aquelas manhãs de sábado) e a todo o pessoal da Extecamp, por ter permitido a realização dos cursos de extensão “Gramática na Ponta do Lápiz” e “Sintaxe e a formação do professor de português”, cursos em que, com muito orgulho, colaborei.

Agradeço também a todos os participantes dos congressos *3rd Eissi - Syntax, Semantics, Interfaces e Cognition*; *Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática*; *Workshop: Recent Issues in the Syntax of Questions* e *the Third International Workshop on Syntactic Cartography* e, principalmente, a todos aqueles que me fizeram perguntas e comentários em minhas apresentações. Não conseguirei mencionar nominalmente a todos aqui, mas saibam que vocês me ajudaram muito!

Em especial, agradeço ao professor Dr. Luigi Rizzi, por toda a simpatia e humildade com que sempre conversou comigo nos intervalos dos eventos; as professoras Dra. Lisa Shen Cheng e Dra. Hamida Demirdache, por toda a simpátia com que fizeram “os primeiros comentários em minha primeira apresentação oral”, durante minha ida à Alemanha. Também agradeço aos professores Dr. Marcel Den Dikken e Dr. Ian Roberts e seus comentários e sugestões durante minha apresentação na China. A ajuda de vocês foi crucial para o desenvolvimento desta dissertação.

Da minha ida a Alemanha, também devo um especial agradecimento ao meu já amigo linguista ganês, Dr. Samuel Alhassan Issah, por todos os conselhos e pelos rolês na Alemanha. *You are a great guy, man!* Também devo agradecer a Katherine Kaiser, por tentar me acalmar durante meu visível nervosismo pré-apresentação. Deu tudo certo no final e, em parte, devo às suas palavras tranquilizadoras.

Roberto Henrique Lima, você provavelmente não lerá nunca esta dissertação, mas caso um dia leia, saiba que aqueles rolês por Frankfurt foram bem massa (mas ainda assim: *vai parmera!!*).

Agradeço também ao professor dr. Carlos Míoto, pelos valiosos comentários em meu pôster durante o *Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática*, em Floripa.

Por último, mas talvez o agradecimento mais importante, vai para o meu orientador, professor Dr. Aquiles Tescari Neto, não só por ter aceito orientar esta pesquisa, como por toda sua inestimável ajuda, teórica e cotidiana, ao longo destes dois anos. Agradeço a paciência com a qual conduziu este trabalho e como sempre tentou me auxiliar em todos os aspectos da pesquisa. O senhor também foi extremamente caridoso comigo e me impulsionou a conhecer lugares que eu jamais imaginaria. Nunca pensei que, durante o mestrado, eu teria condições de apresentar trabalhos na Alemanha e na China. O senhor não só nunca duvidou de mim, como sempre me motivou a galgar voos mais altos. Professor, sou extremamente grato por tudo o que fez por mim. Este trabalho certamente não seria o mesmo sem seus valiosos conselhos, de forma que devo todos os acertos deste trabalho a sua pessoa.

RESUMO

Assumindo a vertente cartográfica da Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (cf. RIZZI, 1997, 2004a, b; CINQUE, 1999, 2004, 2013, 2017; BENINCÀ; MUNARO, 2011; LAENZLINGER, 2011; BRUGÈ et al., 2012; dentre outros), a presente dissertação se volta a uma descrição das sentenças exclamativas-wh do português brasileiro (PB) em comparação com esse mesmo tipo sentencial em outras línguas já descritas. Apesar de as exclamativas-wh contarem com descrições importantes na literatura (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001; MICHAELIS, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003; CASTROVIEJO, 2006; RETT, 2011, etc), principalmente no PB (SIBALDO, 2009, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016; MEDEIROS JUNIOR e SIERO, 2018; PINHEIRO, 2019; etc), a natureza das exclamativas, enquanto modalidade sentencial, ainda não está bem definida, uma vez que não há uma teoria unificadora para elas (ODA, 2008). Assim, a definição desse tipo sentencial envolve uma série de propriedades que, à primeira vista, parecem variar de acordo com a abordagem adotada, tornando necessário um mapeamento mais preciso e abrangente dos traços conceituais envolvidos nessa construção. Dessa forma, consideramos que as exclamativas-wh não correspondem a uma categoria “primitiva” da gramática, no sentido de que mais de uma categoria funcional é necessária para lexicalizar seu conteúdo (LIMA, 2018a,b). À “junção” das propriedades (“traços” categoriais) necessárias para a derivação das exclamativas-wh denominamos de *exclamatividade-wh*. Dito isso, a pesquisa tem dois objetivos principais: i) descrever as propriedades sintático-semânticas das exclamativas-wh e ii) propor uma análise que capture essas propriedades em termos das categorias funcionais envolvidas nesse tipo sentencial. Essas categorias são geralmente identificadas com certas projeções funcionais, seguindo a diretriz do princípio *One Feature One Head* (KAYNE, 2005), que postula, para cada traço do sistema conceitual, uma categoria funcional *única* na hierarquia sintática. Para organizarmos estes traços, apresentamos um panorama sobre a literatura das exclamativas-wh, elencando suas propriedades discursivas e contrastando as descrições, por diferentes autores, de exclamativas-wh do PB e de diferentes línguas, tais como o islandês (JÓNSSON, 2010); o húngaro (LIPTAK, 2005; 2011); o japonês (ONO, 2008; YAMATO, 2010); o espanhol (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001), o catalão (CASTROVIEJO, 2006) e o português europeu (AMBAR, 2003). Propomos uma sistematização das propriedades elencadas pela literatura, seguindo a metodologia da Cartografia Sintática – sobretudo os *testes de sensibilidade/co-ocorrência* (TESCARI NETO, 2019) –, para determinar as categorias que estariam envolvidas na expressão da exclamatividade-wh e a posição dessas categorias na hierarquia oracional. Apresentamos um quadro sinóptico que contempla as categorias que universalmente parecem estar envolvidas nesse tipo de construção e, com base em testes sintáticos desenvolvidos para o PB, argumentamos que as projeções ForceP, MirativeP, EvaluativeP, EvidentialP, CircumstantialP (ou DemP) seriam acionadas na derivação de todos os tipos de exclamativas-wh para serem valorados, respectivamente, os traços de força, miratividade, avaliação, evidencialidade/referencialidade e indexicalidade. O traço de gradatividade (E-deg) seria um traço valorado tão somente pelas exclamativas-que/quanto, não pelas exclamativas-como. Sobre a valoração do traço de *indexicalidade*, apresentamos a proposta de Giorgi (2008) e alguns contra-argumentos ao fato de o feixe de categorias de *SpeechAct* ser expresso, segundo a autora, em CP e não em IP – diferentemente do tratamento oferecido em Cinque (1999) às categorias Mood. Apresentamos um conjunto de dados sobre exclamativas do PB para argumentar contra a duplicação desnecessária, em CP, de categorias com importes conceituais similares aos de categorias altas da zona alta do IP.

Palavras-chave: Exclamativas; Cartografia Sintática; Hierarquia; Categorias Funcionais.

ABSTRACT

By assuming the cartographic version of the Principles and Parameters Theory (cf. RIZZI, 1997, 2004a, b; CINQUE, 1999, 2004, 2013, 2017; BENINCÀ; MUNARO, 2011; LAENZLINGER, 2011; BRUGÈ et al., 2012, etc.) this dissertation turns to a description of Brazilian Portuguese (BP) wh-exclamatives in comparison with this same modality in other languages already described. Although the wh-exclamatives already counts with important descriptions in the literature (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001; MICHAELIS, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003; CASTROVIEJO, 2006; RETT, 2011, etc), mainly in BP (SIBALDO, 2009, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016; MEDEIROS JUNIOR e SIERO, 2018; PINHEIRO, 2019; etc), the nature of exclamatives—as a sentential type—is not yet well defined, since there is no unifying theory for them (ODA, 2008). Thus, the definition of this sentential type involves a series of properties that, at first glance, seem to vary according to the approach adopted, making it necessary to map, more precisely and comprehensively, the conceptual features involved in this construction. Therefore, we consider that the wh-exclamatives do not correspond to a “primitive” category of the grammar, in the sense that more than one functional category is necessary to lexicalize their content (LIMA, 2018a,b). The “junction” of the properties (categorical “features”) necessary for the derivation of exclamatives-wh is what we call wh-exclamativity. That being said, this research has two main interrelated goals: first, to describe the syntactic-semantic properties of the wh-exclamatives and, secondly, to propose an analysis that captures these properties in terms of the functional categories involved in this sentential type. These categories are generally identified with certain functional projections, following the guideline of the *One Feature One Head principle* (KAYNE, 2005), which postulates, for each feature of the conceptual system, a unique functional category in the syntactic hierarchy. In order to organize these features, we present an overview of the literature on wh-exclamatives, by listing their discursive properties and contrasting the descriptions, by different authors, of exclamatives-wh of BP and other languages such as Icelandic (JÓNSSON, 2010); Hungarian (LIPTAK, 2005; 2011); Japanese (ONO, 2008; YAMATO, 2010); Spanish (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001), Catalan (CASTROVIEJO, 2006) and European Portuguese (AMBAR, 2003). We propose a systematization of the properties listed by the literature, in view of the methodology of the Syntactic Cartography – especially the sensitivity tests (TESCARI NETO, 2019) – to determine the categories that would be involved in the expression of the wh-exclamativity and the position of these categories in the sentential hierarchy. We present a synoptic table that contemplates the categories that universally seem to be involved in this type of construction and, based on syntactic tests developed for BP, we argue that the ForceP, MirativeP, EvaluativeP, EvidentialP, CircumstantialP (or DemP) projections would be triggered in the derivation of all types of exclamatives-wh to have respectively valued the features of *force*, *mirativity*, *evaluation*, *evidentiality/referentiality* and *indexicality*. The *degree* feature (E-deg) would only be valued by *quanto*-exclamatives and *que*-exclamatives, but not by *como*-exclamative. Regarding the valuation of the indexicality feature, we present Giorgi's proposal (2008) and some counter-arguments to the contention that the bundle of SpeechAct categories is expressed, in the author's view, in CP but not in the IP field—unlike the treatment offered in Cinque (1999) to the Mood categories. We present a set of data on PB exclamatives to argue against the unnecessary duplication, in CP, of categories with conceptual values similar to those of high categories in the upper IP zone.

Keywords: Exclamatives; Syntactic Cartography; Hierarchy; Functional Categories

Lista de Figuras

Figura 1 – Tipologia das exclamações.....	23
Figura 2 - Representação estrutural das interrogativas-wh.....	48
Figura 3 - Representação estrutural das exclamativas-wh.....	48
Figura 4 – Representação estrutural das exclamativas-wh e-only.....	49
Figura 5 – Estratégia ‘mover + soldar’ das exclamativas-wh.....	87
Figura 6 – Estratégia ‘mover + mover’ das exclamativas-wh.....	88
Fig. 7 – Quadro das categorias funcionais acionadas em exclamativas-wh: uma primeira aproximação.....	91
Figura 8 – Representação de Cruschina e Remberger da Speech Act Phrase.....	101
Figura 9 – a zona (mais) alta do middlefield.....	103
Figura 10 – Quadro (‘revisitado’) das categorias funcionais acionadas em exclamativas-wh.....	107
Figura 11 – Da valoração, por Soldagem de um DemP na projeção estendida do N, do traço de indexicalidade.....	109
Figura 12 – Estrutura da porção da hierarquia oracional responsável pela valoração do traço de indexicalidade.....	109
Figura 13 – Derivação das exclamativas-como no PB.....	111
Figura 14 – Derivação das exclamativas-que/quanto no PB.....	115
Figura 15 – Representação do Speech Act Phrase.....	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A REPRESENTAÇÃO GRAMATICAL DAS EXCLAMATIVAS: UMA VISÃO GERAL DO ESTADO DA ARTE.....	20
1.1 AS PROPRIEDADES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DAS EXCLAMATIVAS-WH.....	22
1.1.1 NA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL.....	26
1.1.2 NA ABORDAGEM PRESSUPOSICIONAL.....	28
1.1.3 NA ABORDAGEM ESCALAR.....	30
1.1.4 CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS CONSENSUAIS DAS EXCLAMATIVAS.....	34
1.2 O PROGRAMA CARTOGRÁFICO E A ‘SINTATIZAÇÃO’ DAS CATEGORIAS FUNCIONAIS DAS EXCLAMATIVAS	38
1.3 VARIAÇÃO INTERLINGUÍSTICA DAS PROJEÇÕES FUNCIONAIS DAS EXCLAMATIVAS-WH	43
1.3.1 MOVIMENTO-WH.....	46
1.3.2 EXCLAMATIVIDADE ENQUANTO FENÔMENO DA PERIFERIA ESQUERDA: ANÁLISES POSSÍVEIS	50
2 A DENOTAÇÃO DAS EXCLAMATIVAS-WH: INDEXICALIDADE E EXPRESSIVIDADE.....	57
2.1 A SEMÂNTICA DA INDEXICALIDADE	60
2.2 PARALELOS ENTRE EXCLAMATIVAS-WH E PREDICADOS DE GOSTO PESSOAL	65
2.3 PARALELOS ENTRE EXCLAMATIVAS-WH E EXPRESSIVOS	70
3 A HIERARQUIA DOS CONSTITUINTES FUNCIONAIS NAS EXCLAMATIVAS-WH DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	81
3.1 QUANTAS PROJEÇÕES SÃO NECESSÁRIAS PARA LICENCIAR AS EXCLAMATIVAS-WH?	83
3.2 EXCLAMATIVIDADE NO MIDDLEFIELD? – UMA HIPÓTESE PARA AS EXCLAMATIVAS-COMO	101
3.3 DERIVANDO AS EXCLAMATIVAS-COMO E AS EXCLAMATIVAS-QUE/QUANTO	108
3.4 EXCLAMATIVAS-QUE X EXCLAMATIVAS-QUANTO: DOIS TIPOS DE GRAUS EXCEPCIONAIS.....	117
3.5 O LUGAR DA INDEXICALIDADE NA ESTRUTURA SINTÁTICA: CONTEXTO E A INTERFACE PRAGMÁTICA-SINTAXE	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

INTRODUÇÃO

Assumindo o Programa Cartográfico da Teoria de Princípios e Parâmetros (RIZZI, 1997, 2004a, b; CINQUE, 1999, 2004, 2013, 2017, etc.), este estudo se volta a um tipo específico de sentenças exclamativas, a saber, as exclamativas-wh. As ocorrências em (1-3) ilustram tais construções:

- (1) Que bagunça esse lugar!
- (2) Como é linda aquela mulher!
- (3) Quanta barata nessa casa!

Do ponto de vista da semântica, essas sentenças se distinguiriam dos demais tipos sentenciais por serem factivas^{1,2}, veicularem implicaturas escalares e não poderem ser encaixadas no par pergunta/resposta (ao contrário das interrogativas-wh) (ZANUTTINI e PORTNER, 2003)³. Para além dessas propriedades, as exclamativas-wh também veiculariam um significado escalar, podendo expressar uma atitude expressiva perante as propriedades do referente wh (o que se denomina na literatura de “interpretação i-level”) ou perante o evento ou objeto que esse referente veicula (interpretação “e-level”) (NOUWEN e CHERNILOVSKAYA, 2015).

Em uma perspectiva sintática, o entendimento é o de que o movimento do elemento-wh seja obrigatório nas exclamativas, mas não nas interrogativas (ZANUTTINI e PORTNER, 2003; VILLALBA, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016). Todavia, não há consenso na literatura sobre como ocorre esse movimento, embora haja o consenso de que a posição de pouso (*landing site*) das exclamativas-wh seja uma posição mais alta em CP do que a posição (final) aonde se movem as interrogativas-wh (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003, AMBAR, 2003; ZENDRON DA CUNHA, 2016). Também é bastante consensual a conjectura de que as exclamativas-wh compartilhem certas propriedades exibidas por categorias nucleares do sistema CP (AMBAR, 2003; LIPTAK, 2005, 2006; CASTROVIEJO, 2006, 2008; JÓNSSON, 2010;

¹ Entendemos por ‘factivas’ as construções que são tomadas como “verdadeiras” pelo falante (KIPASRKY; KIPASRKY, 1971). No caso das exclamativas-wh, tal factividade é postulada com base em alguns testes, tais como o teste de encaixamento: verbos factivos (como “saber”, “perceber”, “lamentar”, etc) podem tomar exclamativas-wh como complemento (ZANUTTINI e PORTNER, 2003), como no exemplo (i) abaixo:

(i) João sabe [como é bom aquele filme].

² Conforme veremos na seção 3.1 do capítulo 3, contudo, a *factividade* não pode ser tomada como condição *sine qua non* para a veiculação da exclamatividade-wh.

³ Na seção 1.1, essas propriedades semânticas são descritas e explicitadas com exemplos.

YAMATO, 2010; entre outros), o que será – com base em cuidadosa revisão desses textos – revisto de maneira crítica: na verdade, conforme argumentaremos na seção 3.1. do cap. 3, apenas um traço do sistema CP está obrigatoriamente envolvido na exclamatividade-wh (nos três distintos tipos de exclamativas: exclamativas-que, exclamativas-quanto e exclamativas-como), nomeadamente o traço de [força], associado à modalidade sentencial; o traço de [gradatividade], (aparentemente) também um traço de CP (cf. seção 3.3), deve ser valorado tão somente no caso das exclamativas-que/quanto. Os outros quatro traços – associados pela literatura consultada ao sistema CP – são valorados no *Middlefield* (IP), em projeções altas da hierarquia de Cinque (1999), conforme atestado (cf. seção 3.2) pelos testes de co-ocorrência do sintagma exclamativo-wh com itens (alegadamente) pertencentes a uma das projeções onde o sintagma-wh deve se mover para valorar um dos traços associados à exclamatividade-wh (no espírito dos testes de “sensibilidade” a que se refere Tescari Neto (2019)).

Dito isso, a presente dissertação tem dois objetivos principais inter-relacionados. Primeiramente, o trabalho busca descrever as propriedades sintático-semânticas (muitas delas já apontadas em trabalhos da literatura sobre o português brasileiro (PB) e outras línguas) das exclamativas-wh do PB e propor uma análise que capture essas propriedades em termos das categorias funcionais envolvidas nesse tipo sentencial. Em segundo lugar, ao contrastar as descrições, por diferentes autores, de exclamativas-wh em diferentes línguas, o trabalho visa a propor uma sistematização dos diferentes traços categoriais, elencados pela literatura como envolvidos na expressão da exclamatividade-wh. Conforme veremos, essas categorias são geralmente identificadas com certas projeções funcionais, sobretudo em abordagens não sincréticas/analíticas. Faz, portanto, sentido recorrer à metodologia da Cartografia Sintática para definir as categorias que, de fato, estão envolvidas na exclamatividade-wh.

No plano metodológico, então, os traços identificados nos diferentes autores consultados (como envolvidos na derivação de sentenças exclamativas-wh) serão organizados em um “quadro sinóptico” (cf. seção 3.1) que posteriormente será submetido a rigoroso escrutínio, tendo em vista os testes de co-ocorrência de itens (alegadamente) pertencentes a uma mesma classe (Tescari Neto, 2019). Tais testes possibilitarão não só discriminar as categorias (do ‘quadro sinóptico’) que, de fato, estão envolvidas na expressão da exclamatividade-wh como também propor uma abordagem que tipologicamente dê conta de determinar as categorias envolvidas na exclamatividade-wh nas mais diversas línguas.

Uma vez inserido no projeto cartográfico, nosso estudo seguirá a diretriz metodológica de toda pesquisa cartográfica, o princípio *one feature, one head* (KAYNE, 2005), estabelecendo, portanto, uma correspondência sistemática entre as características morfossintáticas e semânticas das sentenças exclamativas e suas devidas projeções funcionais, hierarquicamente estabelecidas na estrutura sintática. Desse modo, investigaremos, sobretudo no cap. 1, as propriedades discursivas (semânticas e pragmáticas) atribuídas na literatura para as exclamativas-wh, para, em seguida, mostrarmos possíveis representações sintáticas – procedimento típico em Cartografia (cf. NESPOLI, 2018, cap.1) – para as exclamativas-wh (cap. 3). Como veremos, não é consensual, entre os estudiosos das exclamativas-wh, as categorias (ou projeções) que estariam envolvidas na derivação de suas ocorrências, de modo que será avançada uma proposta de organização dessas categorias (cf. seção 3.1 do cap. 3).

Estabeleceremos, no capítulo 2, uma discussão sobre o significado das sentenças exclamativas, com a investigação da natureza da denotação dessas sentenças em contraste com estruturas indexicais e expressivas. Argumentaremos em favor da hipótese segundo a qual a carga avaliativa/expressiva das exclamativas desempenha um papel importante na derivação das exclamativas-wh, podendo ser a motivação para certas diferenças, em termos de estrutura, entre diferentes tipos de exclamativas-wh, como será discutido no capítulo 2.

Por fim, no capítulo 3, mostraremos que diferentes línguas se estruturam de maneiras diferentes a depender do elemento-wh veiculado, para, em seguida, com base nos testes de sensibilidade/co-ocorrência de categorias, argumentar, como dito acima, que a maioria das propriedades das exclamativas podem ser satisfeitas na zona alta do *middlefield* (CINQUE, 1999) e não na periferia esquerda. Com base na literatura da área, mostraremos, a partir de uma análise interlinguística, que há argumentos para considerarmos diferentes manipulações de uma única estrutura, via Soldagem ('Merge') e movimento para cada tipo de exclamativa-wh.

Assim, na seção 3.1, descrevemos as categorias funcionais envolvidas, segundo a literatura da área, e elaboramos o já mencionado quadro sinótico (cf. fig. 7, seção 3.1), com o fim de organizar as diferentes categorias envolvidas na exclamatividade-wh. Em seguida, verificamos as categorias que poderiam ser consideradas 'sinônimas' e, com base na metodologia da Cartografia Sintática, apresentamos um quadro sinótico revisitado (fig. 10), que contempla as categorias que universalmente parecem estar entrar nesse tipo de construção.

Feitas as análises da seção 3.1., chegamos às duas questões centrais do presente trabalho: haveria uma configuração sintática distinta para cada exclamativa-wh e seu respectivo elemento-wh envolvido? Se sim, todas as construções exclamativas checariam seus traços nas mesmas áreas ou seria possível conjecturar sobre diferenças estruturais a depender do operador-wh envolvido na expressão?

O trabalho se volta, então, a uma análise sintática das sentenças exclamativas no PB, observando as categorias funcionais acionadas (sobretudo na periferia esquerda, de acordo com os autores consultados), sem, contudo, ignorar que muitas dessas categorias parecem ser valoradas numa “zona alta de IP”, conforme já adiantado acima. A partir dos testes desenvolvidos na seção 3.1 – em torno da discussão geral sobre as categorias do quadro sinóptico –, atestamos que os traços de *miratividade*, *avaliação*, *referencialidade*, *indexicalidade* e *força* são necessários para derivar exclamativas-wh, independentemente do tipo (exclamativas-que/quanto ou como), *translinguisticamente*. Ainda no cap. 3, colocamos em xeque a necessidade da valoração dos traços de foco e factividade nas exclamativas-wh (seção 3.1) e aventamos a hipótese de as exclamativas-como se comportarem de forma distinta das exclamativas-que e das exclamativas-quanto, não tendo como posição de pouso final, necessariamente, a periferia esquerda (seção 3.2). Apresentamos, na sequência, uma proposta de derivação que não só evidencia os traços/categorias envolvidos neste tipo sentencial como também captura essa distinção entre as exclamativas-como e as exclamativas-que/quanto (seção 3.3). A seção 3.4 sugere que, além dos cinco traços mencionados acima – comuns a todos os tipos de exclamativas-wh –, o traço de *gradatividade* está envolvido tão somente na derivação de exclamativas-que/quanto, não em exclamativas-como.

O capítulo 3 é finalizado com uma discussão sobre como o contexto pode ser “mapeado” já na estrutura sintática, discussão essa de bastante relevância em Cartografia Sintática atualmente. É feita uma análise crítica de duas hipóteses (GIORGI, 2008; SPEAS e TENNY, 2003) que visam a acomodar o traço de indexicalidade (e outros traços ‘discursivos’) em uma posição alta da periferia esquerda. Questionamos essas análises, argumentando que tais categorias já estariam presentes em uma posição intermediária, na zona alta do IP.

Por fim, nas *Considerações Finais* da dissertação, fazemos uma breve retomada dos pontos principais apresentados nas *Considerações finais* de cada capítulo e uma apresentação sucinta dos resultados obtidos. Em linhas muito gerais, a dissertação sugerirá – sobretudo com base em argumentação construída maiormente a partir de dados

do PB, mas considerando, entretanto, dados e discussão de diferentes autores sobre as exclamativas-wh em islandês, húngaro, japonês, espanhol, catalão e português europeu (doravante PE) – q uma vez que a inversão ue as projeções de MoodEvidentialP, MoodEvaluativeP, MoodMirativeP e ForceP são necessárias na valoração, via movimento, dos traços das exclamativas-wh, independentemente do seu tipo (que, quanto ou como). Para além dessas quatro projeções, uma quinta projeção também é obrigatoriamente acionada na derivação de qualquer tipo de exclamativa-wh, de modo a garantir a valoração, via Soldagem, do traço de indexicalidade: assim, na ausência de uma categoria dêitica (DemP) soldada na projeção estendida do nome, um XP circunstancial (LocP, TemporalP ou MannerP) é necessariamente soldado na projeção estendida do V. A dissertação também mostrará que as exclamativas-que/quanto, mas não as exclamativas-como, adicionalmente envolvem uma sexta projeção funcional, imediatamente acima de ForceP, nomeadamente DegP, o que garante a valoração dos traços de *gradatividade* (em consonância com o argumentado na seção 3.4).

1 A REPRESENTAÇÃO GRAMATICAL DAS EXCLAMATIVAS: UMA VISÃO GERAL DO ESTADO DA ARTE

Considerações iniciais

Embora, atualmente, as exclamativas contem com um bom número de estudos que exploram seus diferentes aspectos morfossintáticos, prosódicos e semântico-pragmáticos (ELLIOTT, 1971, 1974; D'AVIS, 2002; GUTIÉRREZ-REXACH, 2001; MICHAELIS, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003; CASTROVIEJO, 2006; RETT, 2011; SIBALDO, 2009, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016; PINHEIRO, 2019, etc.), a investigação sobre as sentenças exclamativas nas línguas naturais é um empreendimento relativamente recente. Até os anos 70, pouco se sabia sobre essa modalidade e, até hoje, o tópico ainda está aberto à discussão (VILLALBA, 2008).

A natureza das exclamativas, enquanto modalidade, ainda não está bem definida, uma vez não há uma teoria unificadora para as exclamativas, mas sim diversas investigações em domínios distintos (ODA, 2008), de modo que ainda existem muitas discussões sobre suas propriedades pragmáticas (ROSENGREN, 1997; BEIJER, 2002), semânticas (RETT, 2008, 2011; DELFITTO e FIORIN, 2014; GUTZMANN, 2015; NOUWEN e CHERNILOVSKAYA, 2015) e sintáticas (MICHAELIS, 2001; VILLALBA, 2003; ZANUTTINI e PORTNER, 2003; AMBAR, 2003; ZENDRON DA CUNHA, 2016; PINHEIRO, 2019, entre outros).

Assim sendo, a definição das exclamativas, enquanto uma modalidade em particular, envolve múltiplas propriedades que parecem variar de acordo com a abordagem adotada⁴.

Em uma perspectiva pragmática, as sentenças exclamativas são caracterizadas por apresentarem uma avaliação por parte do falante que, do ponto de vista ilocucionário⁵, veicula surpresa e exclamação, i.e., veicula um *ato ilocucionário expressivo*.

⁴ Não estamos afirmando aqui, obviamente, que esse não seria o caso com outros objetos de estudo. O procedimento científico é sempre interpretativo na medida em que um dado só existe quando encapsulado em uma determinada abordagem teórica. Como já afirmou Saussure (1995, p.15) “é o ponto de vista que cria o objeto”. Nessa mesma linha de raciocínio, Demo (1995, p. 33) chega inclusive a afirmar que “(...) um dado não fala por si, mas pela boca de uma teoria. O dado não é em si evidente, mas feito evidente no quadro de referência em que é colhido.” Assim, nosso intento ao dizer que as exclamativas apresentam diferentes propriedades, a depender da abordagem adotada, é apenas destacar todos os possíveis traços conceituais que poderiam estar envolvidos na veiculação de uma sentença exclamativa. Uma vez que esta pesquisa se orienta pela epistemologia da Cartografia Sintática e uma vez que seguiremos o princípio de *one feature, one head* (KAYNE, 2005) – como veremos adiante –, esse mapeamento dos traços conceituais das exclamativas se faz necessário.

⁵ Segundo a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1962), dizer é fazer. Quando veiculamos uma sentença

Segundo Searle (1979), *atos ilocucionários expressivos* são usados para “expressar o estado psicológico específico na condição de sinceridade sobre o estado de coisas especificado no conteúdo proposicional” (p. 29, *tradução nossa*). Dessa forma, pode-se dizer que os *atos de fala expressivos* servem para veicular nossos sentimentos e atitudes frente a um determinado evento ou objeto. Sendo esse o caso, as sentenças exclamativas se enquadrariam nessa classificação, uma vez que expressam um estado de emoção, marcado pela entoação.

A propósito, do ponto de vista prosódico, as exclamativas-wh apresentam entoação final ascendente. Ademais, no PB, haveria três correlatos entoacionais diferentes para as exclamativas-wh, um para cada elemento-wh presente no início da sentença [‘como’, ‘que’ e ‘quanto’] (ZENDRON DA CUNHA, 2016).

Em uma perspectiva semântica, em geral, assume-se que essas exclamativas podem ser definidas a partir das seguintes propriedades: **i**) a veiculação de uma atitude do falante perante o predicado; **ii**) o fato de a vericondicionalidade de seu predicado ser dependente de perspectiva (em geral, do falante); **iii**) a sensibilidade à experiência (visual, auditiva, etc); **iv**) a gradatividade/escalaridade e **v**) a factividade (ELLIOTT, 1974; D’AVIS, 2002; MICHAELIS, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003; CASTROVIEJO, 2006; RETT, 2011)⁶.

Em todas as sentenças exclamativas haveria a expressão de um estado emocional do falante sobre um estado de coisas que extrapola suas expectativas. Essa extrapolação da expectativa do falante perante um objeto ou evento gera a surpresa/perplexidade, que é expressa, na veiculação dessas sentenças, no ato de exclamar (ELLIOTT, 1974; MICHAELIS, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003).

Desde modo, sentenças como as em (1) – (4) expressam, de alguma forma, um estado emocional de surpresa, admiração ou perplexidade por parte do falante sobre um estado de coisas, extrapolando alguma expectativa prévia. Essa extrapolação da expectativa do falante perante um objeto ou evento gera a surpresa expressa na veiculação dessas sentenças:

também estamos desempenhando um conjunto de atos: o ato de dizer a sentença (*ato locucionário*), o ato de performar uma ação (*ato ilocucionário*) e o ato de buscar provocar um efeito na pessoa que escuta essa sentença e pode, por conta disso, desempenhar alguma ação (*ato perlocucionário*). Em termos de atos ilocucionários, a ação performada pelas sentenças pode variar a partir de sua modalidade: declarativas veiculam uma declaração; exclamativas, surpresa; imperativas, ordem ou comando, e assim por diante.

⁶ Tais propriedades serão explicitadas por meio de exemplos e breve discussão ao longo da seção 1.1.

- (1) Essa casa está uma bagunça!
- (2) Que bagunça essa casa!
- (3) Como está bagunçada essa casa!
- (4) Quanta bagunça que tem nessa casa!

De uma perspectiva sintática, em geral, considerando que as exclamativas e interrogativas muitas vezes exibem uma estrutura sintática semelhante, são propostas análises unificadas para esses dois tipos sentenciais. Desta forma, a diferença entre interrogativas-wh e exclamativas-wh repousaria em algum traço distintivo em determinado momento da derivação. Tal traço distintivo é descrito de maneira específica, a depender da abordagem sintática assumida: pode ser tanto um operador dentro de um determinado domínio (no caso, um operador dentro de CP), como no caso de uma abordagem *sincrética*, quanto pode ser uma diferença referente ao número de categorias funcionais necessárias para acomodar as propriedades discursivas dessas estruturas, como no caso de uma abordagem *cindida*, como veremos adiante.

Por ora, adiantamos que o trabalho se insere em uma abordagem cartográfica, seguindo o princípio do *one feature, one head* – que postula, para cada traço do sistema conceitual, uma categoria funcional *única* na hierarquia sintática (KAYNE, 2005). Assim, nossa exposição partirá das propriedades discursivas (semânticas e pragmáticas) atribuídas na literatura para as exclamativas-wh (seção 1.1), para, em seguida, evidenciar a metodologia e a adequação do Programa Cartográfico da teoria de Princípios e Parâmetros para lidar com o fenômeno em uma interface sintaxe-discurso (seção 1.2). Por fim, mostramos possíveis representações sintáticas às estruturas envolvendo exclamativas-wh, com base na revisão da literatura da área (seção 1.3). Ao término do capítulo, apresentaremos as considerações finais da discussão apresentada até então.

1.1 As propriedades semântico-pragmáticas das exclamativas-wh

Em princípio, é possível veicular uma exclamação de diferentes formas, por meio de estruturas distintas, a depender de certas características prosódicas (ZENDRON DA CUNHA, 2016). Todavia, existe uma distinção na literatura entre as sentenças que são denominadas de ‘exclamações’, como (1), repetida a seguir, e sentenças que são denominadas de ‘verdadeiras exclamativas’ (CASTROVIEJO MIRÓ, 2006, 2008; GUTIÉRREZ-REXACH, 2008; MICHAELIS, 2001; VILLALBA, 2003, ZANUTTINI;

PORTNER, 2003, PINHEIRO, 2009, entre outros), como (2) – (4), também repetidas abaixo.

- (1) Essa casa está uma bagunça!
- (2) Que bagunça essa casa!
- (3) Como está bagunçada essa casa!
- (4) Quanta bagunça que têm nessa casa!

Em tese, toda sentença declarativa pode se tornar uma exclamativa, enquanto força ilocucionária, a depender da prosódia (ELLIOT, 1971). Contudo, essas sentenças exclamadas derivadas de sentenças declarativas – denominadas de *exclamações* na literatura – não podem ser consideradas como um tipo sentencial próprio.

Segundo Rett (2008, p.1), as ‘exclamações’ (i.e., sentenças exclamadas expressas com sentenças declarativas) são distintas das denominadas ‘exclamativas’ (exclamações expressas com elementos-wh, DPs definidos e construções de inversão): para que a expressão de uma exclamação seja expressivamente correta, seu conteúdo deve ser saliente e o falante deve considerar surpreendente esse conteúdo; já para as exclamativas, além do ‘fator surpresa’, seu conteúdo deve veicular alguma ‘escalaridade’ – por vezes compreendida pela ação de um operador lógico alocado em CP, que extrapola o limite máximo de uma escala (ZANUTTINI e PORTNER, 2003); ou, por vezes, compreendida como um grau que deve exceder um padrão contextualmente relevante (RETT, 2008) –, além de veicular predicados factivos e ter um certo caráter indexical (PFEIFFER, 2017).

Disso se segue que exclamações e exclamativas têm em sua estrutura dois diferentes tipos de operadores de força ilocucionária, dado que, apesar de esses operadores terem o mesmo valor (uma expressão de surpresa), eles têm domínios diferentes: um é uma função sobre proposições; o outro, uma função sobre propriedades de grau. Assim, esta seria a tipologia das exclamações:

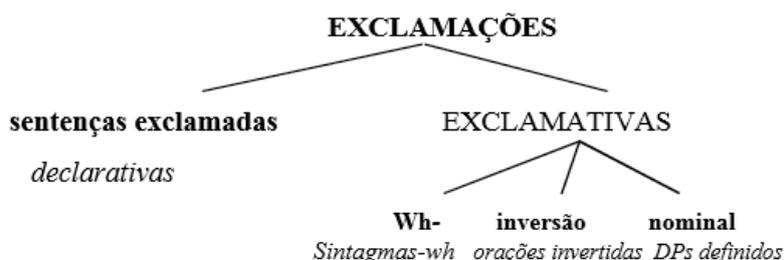


Fig. 1 – Tipologia das exclamações (Fonte: Rett, 2011, p. 2 – tradução livre)

Segundo Rett (2011), tal tipologia se justifica pelo fato de a sintaxe dessas estruturas variar, de modo que uma exclamação como (5) teria uma estrutura sintática de uma sentença declarativa, ao contrário das exclamativas-wh em (6) – (8).

- (5) A casa está bagunçada!
- (6) Que bagunça nessa casa!
- (7) Nessa casa, quanta bagunça, hein!
- (8) Que bagunça!

Castroviejo (2008) chega a uma distinção semelhante ao comparar as propriedades pragmáticas das *exclamativas-wh* com a distribuição discursiva⁷ das *exclamações*. Por meio de alguns testes⁸, a autora chega à conclusão de que há diferenças entre essas estruturas em termos de *Common Ground*⁹, e as únicas características em comum entre as duas construções são a entonação enfática e a marcação de atitude não-neutra (avaliativa) por parte do falante.

Assim, neste trabalho, focaremos apenas nas exclamativas-wh. Esse tipo de sentença ainda não foi amplamente descrito – ainda que já contemos com interessantes trabalhos recentes, sobre o PB, voltados sobretudo a seu aspecto sintático (SIBALDO, 2009, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016; PINHEIRO, 2019) –, o que justifica nossa escolha por esse tema.

A primeira grande investigação sobre as sentenças exclamativas ocorreu apenas nos anos 70, com Elliot (1971; 1974), que propôs um conjunto de testes¹⁰ para distinguir

⁷ Propriedades *pragmáticas* e *discursivas* aqui são tomadas como sinônimos.

⁸ A autora analisa alguns dados do catalão, focando em interjeições, exclamações e exclamativas e aponta algumas distinções em propriedades relevantes em alguns testes. Entre as propriedades relevantes destacadas estão a questão do *propósito* e da *atitude do falante* no uso dessas construções. Quanto ao *propósito*, Castroviejo (2008) identifica que apenas em exclamativas e interjeições o falante faz considerações com o intuito primário de se “auto-expressar”, não havendo, então, a expectativa de alguma reação do interlocutor; no caso das exclamações, por outro lado, o propósito primário seria o de fazer uma asserção ou questão, enquanto a atitude do falante seria secundária. No que diz respeito à *atitude do falante*, o produtor da mensagem pode expressar-se sobre um estado de coisas ou sobre um grau (mas não sobre outros tipos de entidades): interjeições podem expressar sobre ambos, exclamações podem expressar sobre estados de coisas e exclamativas podem expressar sobre graus.

⁹ Por *common ground* nos referimos ao conceito cunhado por Stalnaker (1978), que diz respeito ao conhecimento compartilhado entre falantes em uma conversa.

¹⁰ Elliot (1971; 1974) elabora uma série de testes para distinguir sentenças interrogativas de sentenças exclamativas, como o da inversão entre sujeito e verbo auxiliar; o da inserção da conjunção “whether” (pelo qual interrogativas encaixadas permitem, enquanto exclamativas encaixadas não); o da permissão de *WH-the Hell Phrases* em interrogativas, mas não exclamativas; os testes com diferentes tipos de advérbios (a respeito dos quais o autor identifica haver advérbios – como *very* ‘muito’, *unbelievably* ‘inacreditavelmente’ e *extremely* ‘extremamente’ – que só podem ocorrer com exclamativas, sendo banidos em interrogativas); os testes com orações apositivas (permitidos, segundo o autor, em exclamativas, mas não em interrogativas do inglês), etc.

interrogativas de exclamativas no inglês. Elliott observa, por exemplo, que orações exclamativas só podem ser selecionadas por predicados factivos.

Os testes realizados por Elliott foram muito influentes e até hoje guiam os estudos das exclamativas. Foi com base nessas observações que foi estabelecida, pela primeira vez, a distinção entre orações matrizes interrogativas (que envolveriam inversão de sujeito-verbo) e orações matrizes exclamativas (que não envolveriam tal inversão):

- (9) How many books you read!
 quantos muitos livros você leu
 ‘Quantos livros você leu!’
- (10) How many books did you read?
 quantos muitos livros AUX você leu
 ‘Quantos livros você leu?’

Como veremos adiante no capítulo, apesar de ter sido útil para a análise do inglês, o mesmo teste não dá conta de uma série de línguas que permitem inversão em orações exclamativas. Em todo caso, foi dessa bateria de testes que Elliott observou que as orações exclamativas só podiam ser selecionadas por predicados factivos: é o que vemos em (11), em que o predicado *amazing* ‘impressionante’ legitima a ocorrência de uma exclamativa-wh como complemento, diferentemente do predicado *to ask*, em (12), que não pode tomar uma exclamativa-wh por complemento.

- (11) It’s amazing how very expensive this wine is.
 É impressionante como muito caro esse vinho é
 ‘É impressionante como é caro esse vinho!’
- (12) *I asked how very expensive this wine was.
 eu perguntei quão muito caro esse vinho foi
 ‘Eu perguntei o quão caro esse vinho foi’

A partir desta observação, Grimshaw (1979) ampliou a hipótese e postulou que as sentenças exclamativas seriam factivas (i.e, a verdade da proposição que elas denotam seria pressuposta). Dessa afirmação, tal propriedade passa a ser formalizada de diferentes formas pelos teóricos: Gutierrez-Rexach (1996), por exemplo, deriva a factividade a partir da denotação de um operador exclamativo ilocucionário, que incluiria um predicado emotivo nulo; Zanuttini e Portner (2003), por outro lado, argumentam que a factividade das exclamativas é codificada sintaticamente por um operador factivo de CP. Esse caráter

factivo das exclamativas-wh, todavia, não é consensual¹¹ (CASTROVIEJO, 2006; MAYOL, 2008) e a análise de Zanuttini e Portner (2003) é alvo de críticas (como as de RETT, 2008), como veremos adiante, e com maiores detalhes, ao longo deste trabalho.

A esse propósito, apesar das diferentes abordagens que surgiram nos últimos anos com o intento de descrever as exclamativas, ainda falta uma teoria mais geral sobre elas¹² (ZEVAKHINA, 2014). Em parte, essa dificuldade de formulação de uma teoria geral para as sentenças exclamativas se justifica pela multiplicidade de propriedades (sintáticas, semânticas e pragmáticas) envolvidas na expressão das exclamativas-wh nas mais diversas línguas.

Há diversos trabalhos sobre a semântica e a pragmática das exclamativas, realizados em diferentes abordagens. Zevakhina (2014), numa tentativa de ‘tipologizar’ as diferentes perspectivas nas quais as exclamativas são investigadas, distingue três principais abordagens: a *construcional*, a *pressuposicional* e a *escalar*. Cada uma dessas abordagens identifica diferentes propriedades para as exclamativas-wh. Assim, dedicaremos uma breve seção para cada uma dessas abordagens (seções 1.1.1 – 1.1.3) para, em seguida, chegar às propriedades consensuais identificadas pelas três abordagens (seção 1.1.4).

1.1.1 Na abordagem construcional

A primeira abordagem para o tratamento das exclamativas é a proposta no âmbito da gramática construcional dos trabalhos de L. Michaelis e K. Lambrecht (1996) e Michaelis (2001). Os autores lidam com dois tipos de sentenças exclamativas do inglês:

- (13) The way he looks at me!
 ART forma ele olha para 1sg-ACC
 ‘A forma como ele olhou pra mim!’
- (14) What a big house you have!
 que uma grande casa você tem
 ‘Que casa grande você tem!’

¹¹ Além das críticas teóricas, há dados linguísticos do PB que colocam em dúvida a veiculação dessa propriedade na derivação das exclamativas-wh (ver seção 3.1).

¹² Em um trabalho sobre as construções de grau do japonês (do qual as exclamativas-wh fazem parte), Oda (2008) também pontua: “até o momento, não parece existir nenhuma pesquisa abrangente sobre as exclamativas e cada autor está trabalhando em sua própria abordagem teórica” (ODA, 2008: 216 – tradução livre).

Segundo os autores, (13-14) seriam exclamativas (embora de diferentes tipos), pois veiculariam uma série de propriedades intrínsecas a essa modalidade. A começar pelo caráter dêitico das exclamativas, tanto a sentença em (13) quanto a sentença em (14) expressam um julgamento de algo tido como surpreendente pelo falante, de modo que não é possível que a avaliação de (13) e (14) seja atribuída a outra pessoa que não o falante que as tenha proferido. Em outras palavras, as sentenças exclamativas têm um componente indexical – que pode estar na estrutura-wh a partir de algum elemento silencioso – que expressaria a perspectiva do falante que, frente a uma situação não-canônica,¹³ veicularia a emoção de surpresa¹⁴.

Esta surpresa só é possível se o referente estiver identificável no discurso. Ademais, tal surpresa seria acompanhada por uma avaliação – também intrínseca ao sujeito que profere a sentença –, que pode ser positiva ou negativa (MICHAELIS, 2001, p. 1039). Essa avaliação, por sua vez, só é possível porque a proposição veiculada e avaliada é pressuposta¹⁵ pelo falante. Tal proposição pressuposta envolveria uma “escalaridade” e o falante se comprometeria com a realidade dessa escala. Em outros termos, ao veicular uma surpresa, por exemplo sobre o tamanho de uma casa, tal como em (14), o falante o faria com base em um certo parâmetro esperado, que foi extrapolado.

Assim, em resumo, nessa abordagem, (13) e (14) podem ser definidas como sentenças exclamativas em virtude das seguintes propriedades: i) têm uma proposição pressuposta aberta; ii) expressam comprometimento com uma extensão escalar; iii) expressam uma postura afetiva em relação à escala; iv) apresentam um componente indexical (i.e., o julgamento é realizado pelo falante) e v) possibilitam a identificação do referente de quem se predica (MICHAELIS, 2001, p. 1041). Dessa forma, i) e ii) diriam respeito ao caráter ‘escalar’ das exclamativas; iii), iv) e v) apontariam para um certo caráter dêitico, i.e., de indexicalidade das exclamativas¹⁶. Como veremos adiante, muitas

¹³ Michaelis (2001) define uma situação não-canônica como aquela em que o falante “falha” ao prever – com base em uma suposição prévia ou em um conjunto de suposições (i.e., um estereótipo) – um conjunto de normas comportamentais ou um modelo do mundo físico.

¹⁴ Essas propriedades semânticas serão retomadas no capítulo 3, seção 3.1, em termos de traços que projetarão categorias. O capítulo 2 tratará, com vagar, da propriedade de indexicalidade, que também será retomada em termos de categorias funcionais na seção 3.1 e seguintes.

¹⁵ Há um certo consenso, na literatura, de que a proposição veiculada pelas exclamativas-wh é pressuposta pelo falante. Uma vez que o conteúdo é pressuposto, as exclamativas seriam factivas. Contudo, tal como retomaremos na seção 3.1, há alguns dados no PB que colocam essa propriedade em xeque.

¹⁶ Como veremos adiante, no capítulo 2, por vezes esse caráter indexical das exclamativas, em que a perspectiva do predicado é sempre autocêntrica (i.e., parte da avaliação de quem fala) tem influência na forma como a sentença é estruturada.

dessas propriedades, com uma ou outra modificação, são elencadas como propriedades das exclamativas também em outras abordagens.

1.1.2 Na abordagem pressuposicional

Nessa abordagem, os autores adotam a acepção de que um tipo sentencial próprio é um par que inclui uma forma gramatical e um uso conversacional. Assim, as exclamativas-wh se distinguiriam dos demais tipos sentenciais em ao menos quatro propriedades: i) veiculação de surpresa perante o evento; ii) veiculação de predicados factivos; iii) veiculação de implicatura escalar¹⁷ e iv) incapacidade de funcionar no par pergunta/resposta (ZANUTTINI e PORTNER, 2003).

Segundo Zanuttini e Portner (2003), as sentenças exclamativas se tornam agramaticais quando não encaixadas em predicados factivos, como vemos em (16) e (17):

- (15) João **sabe** [como é linda aquela mulher!]¹⁸
 (16) *João **pensa** [como é linda aquela mulher!]
 (17) *João **pergunta** [como é linda aquela mulher!]

Esse caráter factivo das sentenças exclamativas seria codificado sintaticamente em CP a partir de um operador factivo. Considerando que as exclamativas e interrogativas exibem uma estrutura sintática semelhante, o que as distinguiria seria a presença de um morfema abstrato (o morfema F) em C, que expressaria factividade.

Ademais, ao contrário das interrogativas-wh (18), sentenças exclamativas-wh (19) também não funcionam no par pergunta/resposta, como podemos atestar em seguida:

- (18) a. – Quanto doce Maria come?
 b. – não sei.
 (19) a. – Quanto doce Maria come!
 b. #– não sei¹⁹.

¹⁷ A ideia é que as exclamativas introduziriam uma implicatura escalar convencional, uma vez que ela não pode ser anulada. Essa implicatura convencional seria responsável pela ampliação do domínio de quantificação do operador-wh (ZANUTTINI e PORTNER, 2003; ZENDRON DA CUNHA, 2016).

¹⁸ Voltaremos a essa questão do encaixamento no capítulo 3, seção 3.2. Aparentemente, *que*, *quanto* e *como* ocupam posições distintas (seja de Soldagem ('Merge') externa, seja de Soldagem interna), de modo que podem ocorrer restrições em algumas exclamativas encaixadas, mesmo com predicados factivos, como veremos a seguir.

¹⁹ Sabemos que uma resposta como 'sim' pode ser adequada para uma exclamativa-wh como (19):

i) A: Quanto doce a Maria come!
 B: Sim.

O propósito em constatar que as exclamativas-wh não funcionam em par pergunta/resposta é o de argumentar que as exclamativas não têm poder assertivo, de modo que essa modalidade não é uma boa escolha para performar (19) ou responder uma questão (20), como no clássico exemplo apresentado por Grimshaw (1979):

- (20) a. - Quão alto é Bill?
b. #- Quão alto é Bill!

Contudo, como bem identificou Castroviejo (2008), não é sempre verdade que exclamativas-wh não podem servir como respostas para interrogativas. Por vezes, exclamativas-wh são escolhas felizes para responder interrogativas, ainda que não sejam respostas diretas:

- (21) a. – Quer comer o bolo?
b. – Que ideia fantástica!

Diálogos possíveis como (21) não evidenciaríamos que exclamativas se qualificam como respostas de interrogativas polares, mas implicariam que, assumindo a máxima da relevância (GRICE, 1975), haveria uma veiculação de carga informacional: no caso, a resposta exclamativa em (21b) seria um “sim” indireto à pergunta de (21a).

Sobre a propriedade de veicular implicatura escalar, as sentenças exclamativas-wh não apenas expressam uma implicatura escalar, como também uma ampliação do domínio de uma escala, isto é, essas sentenças não apenas expressam o ponto extremo de uma escala, como também extrapolam o ponto extremo que a escala considera (este fenômeno é denominado pelos autores de *widening*) (ZANUTTINI e PORTNER, 2003). A hipótese do *widening* é a de que, dada uma sentença como (22),

(22) Como é linda aquela pintura!

uma escala é disparada, por meio da combinação do adjetivo veiculado e do operador-wh, na sentença exclamativa, e essa escala (no caso sobre a beleza dessa pintura) extrapolaria o grau máximo.

A ideia de *widening* está intimamente conectada com a concepção tipológica de exclamativa para os autores: Zanuttini e Portner (2003) argumentam que uma oração é

Nesse caso, contudo, a resposta não seria polar, mas, sim, uma espécie de “eu concordo” indireto, como bem nos apontou Simone Guesser (comunicação pessoal).

identificada como exclamativa a partir de dois componentes sintáticos: i) um componente factivo e ii) um operador-wh. Dessa forma, as exclamativas conteriam uma estrutura-wh de operador-variável e um morfema abstrato FACT no domínio do CP. A inferência pragmática de widening emerge a partir da combinação desse traço [+ wh] com o morfema abstrato.

Nessa perspectiva, para os autores, as exclamativas-wh teriam a mesma denotação das interrogativas-wh: um conjunto de proposições alternativas. O que distinguiria as exclamativas das interrogativas seria o efeito widening que ampliaria esse conjunto de proposições. Dessa forma, o conceito de widening seria uma formalização de uma implicatura escalar convencional, segundo a qual a proposição expressa pelas exclamativas extrapolaria o ponto máximo de uma escala.

Todavia, há autores, como Gutiérrez-Rexach (1996), que questionam essa análise, argumentando que nem sempre há a interpretação de extrapolação de grau extremo nas exclamativas-wh, pois haveria exclamativas associadas com adjetivos que denotariam uma escala fechada. Seria o caso de adjetivos como ‘seco’, ‘vazio’ ou ‘cheio’, que não parecem permitir uma análise com base na ideia de *widening*, porque a escala associada não pode ser extrapolada para além de um certo ponto. Além disso, para o autor, exclamações (declarativas com força ilocucionária exclamativa) podem ser consideradas ‘verdadeiras exclamativas’, não havendo diferença de significado entre elas e as exclamativas-wh.

Castroviejo (2006), por sua vez, alega que exclamativas-wh são um tipo especial de construção de grau, que inclui um conteúdo descritivo, e o falante considera a informação veiculada como já conhecida pelo interlocutor, com um conteúdo implicado, que é descrito como uma atitude emocional sobre um grau, como veremos na abordagem a seguir²⁰.

1.1.3 Na abordagem escalar

Uma outra forma de explicar esse fenômeno ‘escalar’ das exclamativas-wh é apresentada por Rett (2008), que defende haver, nas exclamativas-wh, a propriedade

²⁰ Essa discussão será retomada nas seções 3.1 e 3.2. Na seção 3.1, em particular, argumentaremos que o traço [gradativo] está envolvido em exclamativas-que e em exclamativas-quanto, em consonância com a abordagem escalar, discutida na seção seguinte.

semântica da restrição de grau (*Degree Restriction*), que diz respeito à impossibilidade de leitura não-gradativa. A hipótese é a de que as exclamativas-wh necessariamente envolvam propriedades gradativas e, portanto, constituam uma espécie de construção de grau.

A teoria de Zanuttini e Portner (2003) veicula a denotação de um conjunto de proposições que, adicionalmente, envolvem um ‘ampliador de domínio’ que permite que a denotação reflita não apenas as proposições verdadeiras p que são salientes no discurso, como todas as proposições verdadeiras p .

Como mostramos anteriormente, é crucial, para Rett (2008), fazer a distinção entre sentenças exclamativas e sentenças *exclamadas* (sentenças exclamativas veiculadas por sentenças declarativas). Tal distinção recai sobre o conteúdo veiculado: exclamações veiculam funções sobre proposições, enquanto exclamativas veiculariam funções sobre graus. Rett (2008) critica a hipótese de Zanuttini e Portner (2003), alegando que tal análise seria incapaz de explicar a restrição de grau, devido ao fato de não distinguir formalmente um conjunto de proposições sobre graus de um conjunto de proposições sobre indivíduos.

Compreendendo p como uma sentença exclamativa qualquer e q como o objeto/evento avaliado pela sentença exclamativa, uma sentença exclamativa p expressa uma atitude do falante – que pode ser de surpresa, admiração, desgosto, etc. – sobre q . Essa atitude do falante é sempre gradativa e se encontra num ponto máximo de uma escala.

Em termos formais, segundo essa abordagem, o conteúdo proposicional de uma exclamativa seria uma propriedade de graus $\mathcal{D}_{\langle d, \langle s, t \rangle \rangle}^{21}$. Essa propriedade de grau pode ser denotada diretamente pelas exclamativas, como também pode requerer uma certa quantidade de coerção ou enriquecimento semântico. Assim, ao veicular uma sentença exclamativa, o falante está ciente de $\mathcal{D}_{\langle d, \langle s, t \rangle \rangle}$ e tem evidência perceptiva direta de que existe um grau d acima do padrão de $\mathcal{D}_{\langle d, \langle s, t \rangle \rangle}$ tal que a proposição $q = \mathcal{D}_{\langle d, \langle s, t \rangle \rangle}(d)$ é verdadeira (RETT, 2008). Em outras palavras, uma sentença exclamativa expressa uma atitude do falante – que pode ser de surpresa, admiração, desgosto, etc. – sobre q .

Em resumo, o conteúdo das sentenças exclamativas é uma propriedade de graus Σ do tipo $\langle d, \langle s, t \rangle \rangle$, sobre o qual o falante tem evidência direta de que algum grau d está em

²¹ Essa fórmula indica que há uma propriedade de grau d sobre um conjunto de proposições s que resultará num valor de verdade t .

Σ , esse grau excede o padrão de Σ e o falante acredita que $\Sigma(d)$ é verdadeiro (RETT, 2011). Tomemos, por exemplo, uma sentença como (23):

(23) Como João é alto!

Tal sentença é proferida porque o falante teve evidência direta sobre a altura do João (d) e essa altura excede a sua expectativa frente a um determinado parâmetro de altura Σ , de forma que (24) denota um conjunto de graus em que João é alto (RETT, 2011, p.8):

(24) Como João é alto!
{d: alto' (joão, d)}

Dessa forma, exclamativas-wh seriam incapazes de receber uma interpretação que expressasse surpresa do falante em relação a algo não graduável²². Essa característica das exclamativas-wh de veicularem apenas propriedades gradativas justificaria a estranheza de sentenças como (25) e (26):

(25) #Que grávida essa mulher!
(26) #Como é fechada essa porta!

Ao que tudo indica, exclamativas-wh devem, obrigatoriamente, receber interpretação de grau (RETT, 2008). Tal restrição de grau é particularmente evidente em exclamativas-wh encabeçadas por “qual” (*what a*). Isto porque a palavra-wh “qual” opera sobre indivíduos, como podemos constatar na interrogativa-wh abaixo

(27) Quais pimentas João comeu?

em que “quais” opera sobre os indivíduos correspondentes às coisas que João comeu. Uma possível extensão dessa observação resulta na predição de que o elemento-wh “quais” opera sobre indivíduos em exclamativas-wh.

Imaginemos o seguinte cenário (proposto originalmente por Rett, 2008 e adaptado aqui): suponhamos que João tenha comido algumas pimentas de uma mesa da cozinha e a questão da “ardência” delas seja o tópico da conversa. Representemos essas pimentas

²² Antes de Rett (2008), Michaelis e Lambrecht (1996) também haviam alegado algo similar, ao proporem que a necessidade de uma interpretação escalar seria responsável pela inexistência de exclamativas nucleadas por “quem” (uma vez que “quem” não veicula escala alguma, não seria possível formar exclamativas com esse elemento-wh).

com variáveis de A a F. João comeu as pimentas A, B e C – justamente as pimentas mais ardidas da mesa. Alguém, então, veicula a seguinte sentença ao observar João comendo essas pimentas:

- (28) What peppers John ate!
 que pimentas João comeu
 ‘Que pimentas João comeu!’

Dessa sentença, podemos dizer que o elemento *what* ‘que’ pode ser usado para exclamar que o João comeu as pimentas A, B e C (e não as D, E e F), de forma que o elemento-wh estaria quantificando sobre indivíduos (numa interpretação individual), mas, também é possível uma leitura segundo a qual o elemento “what” possa ser usado para exclamar que o João comeu as pimentas mais ardidas da mesa (A, B e C), de modo que a palavra-wh estaria operando sobre graus (numa interpretação de grau).

A análise de Zanuttini e Portner (2003) não capturaria essas duas possíveis leituras de significado para (28). Dito isso, além da semântica de grau, há mais um traço de significado nas exclamativas-wh que não parece estar presente em outros tipos sentenciais.

Segundo Nouwen e Chernilovskaya (2015), esse fenômeno gradativo ocorre de diferentes formas, a depender da língua. A ideia geral é a de que haja dois tipos de exclamativas-wh e que esses dois tipos difiram quanto ao tipo de significado escalar que veiculam. A variação paramétrica entre as línguas residiria no tipo de expressão-wh envolvido em cada tipo de exclamativa. Para evidenciar o contraste, tomemos os exemplos do inglês (29) e do holandês (30), a seguir:

- (29) What a book John reads
 que um livro John lê
 ‘Que livro John leu!’

- (30) Wie ik net op straat tegenkwam!
 quem eu apenas de rua encontrar
 ‘Quem eu acabo de encontrar na rua!’

(29) só pode expressar, no inglês, que o livro que John está lendo é surpreendentemente longo, ou bonito, ou revelador: a surpresa da sentença exclamativa recai sobre as características do livro e não sobre o fato de John estar lendo um livro. Por outro lado, na sentença exclamativa do holandês, em (30), a surpresa recai sobre o fato de o indivíduo

ter encontrado alguém na rua e não sobre alguma característica desse indivíduo (o fato de ele ser alto, magro etc.²³).

Temos então dois tipos de estruturas de exclamativas-wh e esses dois tipos diferem semanticamente em termos do tipo de significado escalar que veiculam: o primeiro tipo, exemplificado em (29), expressa uma atitude exclamativa perante o referente wh (denominado na literatura de *i-level*), enquanto o segundo, exemplificado em (30), expressa uma atitude perante o evento que esse referente veicula (denominado na literatura de *e-level*)²⁴. Segundo os autores, as línguas diferem em relação a quais expressões-wh estão envolvidas em quais tipos de exclamativas e se ambos os tipos estão disponíveis.

Nossa hipótese inicial para o português brasileiro é a de que exclamativas-wh encabeçadas por *que* teriam interpretação *i-level*, enquanto exclamativas nucleadas por *quanto/quanta* teriam interpretação *e-level*, como veremos adiante (precisamente na seção 3.4).

Por ora, recapitulemos a seguir as propriedades semântico-pragmáticas consideradas relativamente consensuais na literatura.

1.1.4 Características semântico-pragmáticas consensuais das exclamativas

Apesar das diferentes abordagens sobre as sentenças exclamativas, há traços comuns a todas as perspectivas (ZEVAKHINA, 2014). Um bom exemplo disso é a expressão de *postura afetiva* frente ao evento/objeto avaliado na veiculação da exclamatividade. Tal traço – inicialmente proposto na abordagem construcional (MICHAELIS, 2001) –, ainda que não seja formalizado em algumas abordagens, é compreendido como intrínseco às sentenças exclamativas: sempre que uma exclamativa

²³ No espírito de Nouwen e Chernilovskaya (2015), então, se ocorrer uma situação em que o falante acaba de encontrar uma pessoa extremamente alta e quer expressar essa surpresa em relação à altura da pessoa, ele não poderá utilizar a sentença (i) ‘Wie ik net op straat tegenkwam!’. Tal sentença só pode ser utilizada para expressar a surpresa em ter encontrado um determinado indivíduo, não para expressar a surpresa sobre suas características.

²⁴ Por *e-level* compreende-se o nível extensional do significado, ou seja, sua referência; enquanto que, por *i-level*, compreende-se o nível intensional do significado, isto é, as características e propriedades intrínsecas desse referente (NOUWEN e CHERNILOVSKAYA, 2015). A distinção entre as leituras *i-level* e *e-level* será retomada no capítulo 2 e também na seção 3.2.

é expressa, há uma quebra de expectativa e uma veiculação de uma atitude por parte do falante (admiração, surpresa, desgosto, perplexidade, etc.)²⁵.

Um outro traço compreendido como pertencente às sentenças exclamativas (ainda que não seja formalmente tratado por todas abordagens) é o traço de *indexicalidade*²⁶. Como nos mostra Michaelis (2001), a expressão avaliativa das exclamativas é dêitica, ou seja, sempre parte da perspectiva do falante que profere a sentença. Para além desse traço de indexicalidade, as exclamativas exibiriam o de *factividade*²⁷: a verdade das proposições veiculadas por essa modalidade – considerando que as exclamativas, de fato, denotariam um conjunto de proposições, como afirmam Zanuttini e Portner (2003) – seria pressuposta pelo falante.

A ideia de factividade surge no clássico artigo de Kiparsky e Kiparsky (1971), que identifica uma classe de verbos denominados factivos. Esses verbos seriam caracterizados por uma série de propriedades sintático-semânticas que os diferenciaria. Entre elas, está o fato de esses verbos introduzirem a pressuposição de que a oração encaixada expresse uma proposição verdadeira (comportamento similar ao que ocorre com as exclamativas-wh, como vimos anteriormente) e a obrigatoriedade do seu caráter definido, i.e., o fato de os complementos dos predicados factivos terem de ser específicos.

Assim, se for mesmo o caso que as exclamativas sejam factivas, essa característica seria uma explicação plausível para a agramaticalidade das sentenças exclamativas com sintagmas indefinidos, como (31) e (32):

- (31) *Como é feia uma camisa!
 (32) * Que linda uma menina!

Para além desses traços, todas as abordagens concordam que as sentenças exclamativas envolvem alguma ‘escalaridade’²⁸, havendo discordância sobre a sua natureza. Assim, na perspectiva pressuposicional, não se trataria de *graus* envolvidos, mas sim, de uma extrapolação de um ponto máximo de uma escala (denominado pelos

²⁵ Adiante, no capítulo 3, formularizaremos os traços envolvidos na exclamatividade-wh e retomaremos a essa noção durante o tratamento tipológico realizado para essas propriedades na discussão do quadro sinótico.

²⁶ A propriedade de indexicalidade será tratada no capítulo 2, em seus aspectos sintático-discursivos e, em seguida, incorporada à hierarquia sintática no cap. 3.

²⁷ Retomaremos à discussão acerca deste traço no capítulo 3, onde concluiremos que ele não é um traço necessário na exclamatividade-wh.

²⁸ Tal como os demais traços discutidos nesse capítulo, o traço de escalaridade será retomado adiante, no capítulo 3, ao oferecermos uma tipologia dos traços envolvidos na expressão da exclamatividade-wh, traços esses que reuniremos em um “quadro sinótico” (vide seção 3.1)

autores de *efeito widening*, como vimos anteriormente). Nessa perspectiva, em uma sentença como (33)

(33) que feia essa camisa!

há uma escala de ‘feitura’; a camisa em questão teria extrapolado o limite máximo dessa escala.

Já nas perspectivas construcional e escalar, a ideia é a de que as exclamativas veiculariam graus. Os valores de um atributo determinado contextualmente poderiam ser semanticamente representados como um conjunto de graus escalares ordenados. Esse conjunto seria ordenado a partir dos graus que o falante espera para aqueles que o falante não espera (RETT, 2008). Assim, em uma sentença como (34),

(34) Que casa grande eu vi!

o caráter de surpresa das exclamativas pode ser justificado por uma diferença de grau: o grau do tamanho (grande) da casa é maior que o grau que o falante esperaria, daí a exclamatividade.

À primeira vista, temos uma diferença sutil; contudo, há implicações teóricas e metodológicas nessa distinção: como mostramos anteriormente, segundo a perspectiva escalar, haveria uma distinção entre um conjunto de proposições sobre graus e um conjunto de proposições sobre indivíduos, algo que a abordagem pressuposicional não distingue.

Por fim, um último traço que seria intrínseco às sentenças exclamativas seria o de *referencialidade*²⁹: é necessário que o referente de quem a propriedade escalar é predicada seja saliente e acessível no discurso.

Dito isso, podemos recapitular e elencar os possíveis traços das sentenças exclamativas. Como vimos, tendo em vista então a resenha acima, as exclamativas expressam:

- i) *postura afetiva frente ao objeto/evento avaliado;*
- ii) *caráter dêitico do sujeito;*
- iii) *factividade*³⁰;

²⁹ Essa noção de referencialidade está intimamente relacionada à propriedade de indexicalidade, que será discutida com mais afinco no cap. 2. O capítulo 3 retomará essa propriedade ao propor que ela seja expressa, já na Narrow Syntax, em uma posição dedicada da estrutura. Como veremos, associaremos essa propriedade ao traço de evidencialidade.

³⁰ Embora esse traço seja elencado na literatura, há argumentos para não se considerar a factividade como propriedade intrínseca das exclamativas-wh, tal como veremos na seção 3.1

iv) *escalaridade*;

v) *identificação do referente de quem se predica*;

vi) *surpresa*

Uma vez identificados os traços que as exclamativas-wh deveriam envolver, nosso próximo passo é compreender como tais traços podem ser integrados à e/ou realizados na estrutura sintática.

Nos últimos anos, diversos trabalhos foram desenvolvidos com o objetivo de acomodar, na estrutura sintática, essas propriedades semânticas e pragmáticas. Podemos destacar duas abordagens diferentes que foram desenvolvidas para dar conta, em uma teoria sintática, dessas propriedades discursivas das exclamativas: i) a abordagem que assume a existência de uma ‘categoria sincrética’, onde os diferentes traços são combinados (URIAGEREKA, 1995; ZUBIZARRETA, 1998; SIMPSON, 1999) e ii) a abordagem que acomoda esses traços numa perspectiva de CP/IP explodidos, em que cada uma das diferentes propriedades são representadas por diferentes projeções funcionais (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999; POLLOCK, MUNARO e POLETTO, 1999, AMBAR, 2003)

Como já mencionado, assumimos, no presente trabalho, uma abordagem cartográfica do CP cindido em diversas categorias funcionais dedicadas à interpretação discursiva. Acreditamos que tal abordagem é vantajosa por dar conta de capturar o mais abrangentemente possível os traços semânticos e pragmáticos envolvidos na expressão da *exclamatividade* das exclamativas-wh³¹.

Comprendemos a veiculação das exclamativas-wh como um fenômeno complexo que envolve múltiplas propriedades discursivas (advogamos a hipótese de que as exclamativas-wh não sejam uma categoria única, primitiva, mas o resultado da valoração (sintática) de vários traços, valorações essas que, derivacionalmente, terão como *output* a expressão da exclamatividade-wh). Assim, a “exclamatividade” das exclamativas-wh seria a junção de todos esses traços necessários para a veiculação de uma sentença exclamativa feliz – no sentido griceano do termo, i.e., no sentido de bem-sucedida (GRICE, 1975).

³¹ Como será discutido adiante no capítulo 3, não são apenas as categorias da periferia esquerda (CP) que estariam envolvidas na expressão da exclamatividade das exclamativas-wh. Na seção 3.2, levaremos a hipótese de que algumas exclamativas-wh iniciadas por “como” podem ter suas propriedades satisfeitas no *middlefield* (IP).

Como veremos adiante, há diversas vantagens explanatórias com a assunção de uma abordagem cartográfica para analisar as exclamativas-wh. Mas antes disso, façamos uma breve revisão da epistemologia (geral) e da metodologia dessa abordagem sintática que adotaremos no trabalho.

1.2 O Programa Cartográfico e a ‘sintatização’ das categorias funcionais das exclamativas

Em meados dos anos 80, uma série de debates questionava se as representações sintáticas das categorias funcionais seriam mais complexas do que era pressuposto até então, sobretudo tendo em vista a arquitetura da oração proposta em Chomsky (1986). Larson (1988), por exemplo, cinde o VP em duas camadas, as denominadas *VP-shells*: a mais baixa, de natureza lexical, e a dominante, de natureza funcional (vP). Pollock (1989) também propõe uma cisão do IP em duas categorias: AgrP e TP³².

A partir dessas “explosões” de categorias antes consideradas atômicas, uma nova linha de pesquisa começa a ser desenvolvida, o Programa Cartográfico, com o objetivo de determinar os átomos da estrutura sintática, desenhando mapas com configurações bastante precisas. Os trabalhos fundadores deste programa propõem a expansão das categorias funcionais tanto no domínio da oração (vP (BELLETTI, 2004), IP (CINQUE, 1995, 1999) e CP (RIZZI, 1997, 2004, dentre outros)), como no domínio da projeção estendida do nome (cf. CINQUE, 2005; 2013; LAENZLINGER, 2011).

Dessa forma, desde os trabalhos seminais de Cinque (1995, 1999), sobre a estrutura do IP (também denominado de ‘Middlefield’), e de Rizzi (1997), sobre a estrutura enriquecida do CP (a “periferia esquerda”), diversas pesquisas surgiram com o intento de investigar esses domínios estendidos e desenhar mapas precisos da estrutura sintática.

Faz parte da empreitada do projeto cartográfico o estabelecimento de uma correspondência sistemática entre as características morfosintáticas e semânticas de uma modalidade e suas devidas projeções funcionais, hierarquicamente estabelecidas na

³² Houve, inclusive, uma discussão teórica a respeito da ordem de TP e AgrP na representação da estrutura sintática. Para Pollock (1989), TP dominaria AgrP, uma vez que, observados os dados do francês, pode-se constatar que o V finito obrigatoriamente se move até o núcleo mais alto, T, ao passo que o V infinitivo poderia permanecer in situ, i.e., em V, ou se mover a Agr, mas jamais a T; Belletti (1990), por outro lado, argumenta que a concordância estaria acima do tempo; assim, o lexema verbal se moveria primeiro ao T e depois à concordância (Agr), levando em conta o “*Mirror Principle*” (BAKER, 1985).

estrutura sintática (BENINCÀ e MUNARO, 2011). Tal princípio é denominado de *one feature, one head* e estabelece que, para cada traço semântico-pragmático, há um núcleo numa posição hierárquica na estrutura sintática (KAYNE, 2005).

Além de seguir esse princípio, a Cartografia sintática se orienta, segundo Tescari Neto (2013), sob os seguintes fundamentos teóricos: i) a teoria da antissimetria de Kayne (1994); ii) as camadas de Cinque (1999) para o *middlefield* ('espaço IP'); iii) as camadas periféricas do domínio oracional (RIZZI, 1997) e iv) a estrutura em camadas de Cinque para os PPs.

A Cartografia assume os cânones da *Teoria Antissimétrica de Kayne*, adotando o *axioma da correspondência linear (LCA)*, segundo o qual as ordenações lineares são compreendidas a partir das relações hierárquicas (KAYNE, 1994). A adoção desse princípio restringe o modelo, uma vez que não permite múltiplos especificadores por núcleo (limitando a apenas um por projeção funcional). O fato de o conteúdo semântico de um constituinte Soldado em posição de especificador coincidir com o conteúdo semântico de seu núcleo funcional seria um argumento em favor dessa restrição de um especificador/adjunto por núcleo.

Ainda sobre a influência de Kayne (1994) no Programa Cartográfico, podemos citar também a conjectura que restringe a posição do movimento e da adjunção: a operação de Soldagem, seja externa (quando o elemento tomado pela numeração é concatenado a outro no curso da derivação), seja interna (quando ocorre o movimento de um constituinte que o (res)Solda em uma posição acima) seria unidirecional, ocorrendo apenas à esquerda. Desta forma, uma vez que os modificadores ocupam especificadores de núcleos funcionais distintos, e, sendo esses núcleos hierarquicamente ordenados, os especificadores também serão (TESCARI NETO, 2013).

Seguindo esse raciocínio e com base na distribuição relativa de advérbios de classes semânticas distintas em diferentes línguas, Cinque (1999) estabelece uma hierarquia rígida para os advérbios.

O IP, já explodido em duas projeções por Pollock (1989), se desdobra em cerca de quarenta categorias funcionais, cada uma caracterizada por um traço semântico distintivo, constituindo o que é denominado por Cinque (1999) de 'espaço IP'.

Cinque (1999) utilizou advérbios de diferentes classes e partiu da combinação de dois advérbios por vez nas duas ordens possíveis, conforme ilustrado em (35-36), a seguir (TESCARI NETO, 2013), em que ">" indica precedência:

- (35) a. AdvPA > AdvPB
 b. *AdvPB > AdvPA
 (36) a. AdvPB > AdvPC
 b. * AdvPC > AdvPB

Com base nestas combinações, conclui-se que AdvPA precede AdvPB. Tendo em vista o Princípio da Uniformidade (CHOMSKY, 2001) e utilizando-se dessa reconstrução de fragmentos da hierarquia, através dos testes de transitividade aplicados a diferentes línguas, é possível chegar a uma hierarquia mais completa (como a proposta por Cinque (1999: 106)):

(37) *A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais em IP (Middlefield)*³³

[*francamente* Modo ato de fala > [*felizmente* Modo avaliativo > [*evidentemente* Modo Evidencial > [*provavelmente* Modalidade Epistêmica > [*uma vez* T Passado > [*então* T Futuro > [*talvez* Modo Irrealis > [*necessariamente* Modalidade Necessidade > [*possivelmente* Modalidade Possibilidade > [*normalmente* Asp Habitual > [*finalmente* Asp Tardio > [*tendencialmente* Asp Predisposicional > [*novamente* Asp Repetitivo(I) > [*frequentemente* Asp Frequentativo(I) > [*de/com gosto* Modalidade Volitiva > [*rapidamente* Asp Acelerativo (I) > [*já* T Anterior > [*não...mais* Asp Terminativo > [*ainda* Asp Continuativo > [*sempre* Asp Contínuo > [*apenas* Asp Retrospectivo > [*(dentro) em breve* Asp Aproximativo > [*brevemente* Asp Durativo > [(?) Asp Genérico/Progressivo > [*quase* Asp Prospectivo > [*repentinamente* Asp Incoativo (I) > [*obrigatoriamente* Modo Obrigação > [*em vão* Asp Frustrativo > [(?) Asp conativo > [*completamente* Asp singcompletivo(I) > [*tudo* Asp Repetitivo (II) > [*frequentemente* Asp Frequentativo (II) >...

Cinque (1999) argumenta em favor da hipótese mais forte para a variação tipológica, afirmando não só que todas as línguas contam com o mesmo inventário de projeções funcionais, como também que sua ordem relativa é sempre a mesma. As línguas variam apenas em termos de quais categorias são realizadas morfonologicamente e quais são silenciadas (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010). Desse modo, a estrutura hierárquica do IP (e das demais projeções estendidas) seria uma propriedade da Gramática Universal.

Além do IP cindido, nos interessa também a expansão do CP e suas projeções funcionais da periferia esquerda. De forma sintética, o CP é a área responsável pela

³³ Adaptada para o português brasileiro e inspirada em Tescari Neto (2013).

articulação entre o conteúdo proposicional, expresso pelo IP, e a estrutura superior, que pode ser uma sentença matriz ou o discurso. Segundo Rizzi (1997), uma série de categorias funcionais localiza-se no campo do CP, de forma que esse domínio precisa ser estendido para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas.

Com essa estrutura enriquecida, Rizzi (1997) consegue dar conta da distribuição dos constituintes da periferia esquerda da sentença. Uma vez cindido, o sistema CP comportaria dois subsistemas compostos por duas categorias cada: o subsistema *ForceP-FinP* e o subsistema *FocP-TopP*. O primeiro subsistema é o responsável por relacionar o CP com a estrutura superior e inferior, enquanto o segundo codifica informações como tópico e foco, de forma independente. Assim, o sistema CP, em Rizzi (1997, p. 288), passa a ter esta estrutura abaixo:

(38) [ForceP ... TopP ... FocP ... TopP ... FinP]

Cada uma das categorias dos subsistemas codifica uma informação semântico-pragmática. Para uma versão cartográfica mais dura, tais categorias estariam codificadas na Gramática Universal. Assim, *ForceP* é a projeção responsável por qualificar o tipo da sentença (força interrogativa, declarativa, exclamativa, etc.), orientada para a ‘articulação do discurso’; *FinP* é a projeção responsável por conectar o sistema CP com o IP e codificar informações que determinam a finitude da sentença (determinando a sentença como finita ou infinita); *FocP* é outra categoria do sistema CP com importe semântico/pragmático, envolvida em construções de foco e responsável pela valoração de traços de constituintes-wh (Rizzi, 1997 – ver, contudo, Rizzi, 2001 e discussão abaixo); *TopP*, por sua vez, é a projeção do CP onde são valorados os traços pela estruturação de tópico (RIZZI, 1997).³⁴

Em Rizzi (2001), o autor revisa sua análise e a projeção IntP é proposta na periferia esquerda da sentença, devido a configuração sintática do complementizador interrogativo ‘se’ e do comportamento de elementos-wh correspondentes a advérbios altos, como ‘*perché*’ e ‘*come mai*’. A categoria Int seria alocada entre ForceP e FocP; FocP, por sua vez, ficaria entre projeções de TopP. Assim, a hierarquia, levemente modificada, para a periferia esquerda da sentença seria a seguinte:

³⁴ A estrutura da periferia esquerda da sentença (ou sistema CP) foi amplamente estudada em trabalhos sobre o PB: cf. Míoto (2001); Guessier e Quarezemin (2013); Quarezemin e Tescari Neto (2015); Pinto (2018), entre outros.

posições onde alguns traços associados à expressão da exclamatividade-wh são valorados.

De um modo geral, embora já contemos, como dito acima, com contribuições bastante interessantes sobre as exclamativas-wh do PB (cf., dentre outros, SILBADO, 2009, 2016; ZENDRON DA CUNHA e SEARA, 2014; ZENDRON DA CUNHA, 2016; MEDEIROS JÚNIOR e SIEIRO, 2018; PINHEIRO, 2019), há ainda muitas questões sobre esse tópico de investigação (tendo em vista a interface sintaxe-semântica/pragmática). Nesse sentido, partir de uma metodologia cartográfica de investigação nos parece uma atitude bastante acertada. Tendo em vista que categorias discursivas e categorias do sistema conceitual têm acesso à sentença diretamente a partir da representação sintática, é plausível argumentar que um constituinte com função discursiva deva estar em uma posição sintática específica (RIZZI, 2001). Conforme vimos anteriormente, provavelmente tal posição sintática se encontra na periferia esquerda da sentença.

Vejam, brevemente, na seção abaixo, o que a literatura postula sobre a (possível) estrutura sintática das exclamativas-wh e as motivações para o movimento-wh em exclamativas – o porquê do movimento, o que se movimenta e para onde – e, por fim, um breve esboço de análise – com base na literatura da área (RIZZI, 1997; LIPTÁK, 2005; JÓNSSON, 2010; AMBAR, 2003) – das exclamativas-wh, numa perspectiva cartográfica.

1.3 Variação interlinguística das projeções funcionais das exclamativas-wh

Como podemos atestar na bibliografia consultada (cf. GUTIÉRREZ-REXACH, 2001; AMBAR, 2003; LIPTÁK 2005; CASTROVIEJO, 2006; JÓNSSON, 2010; YAMATO, 2010; SIBALDO, 2009; ZENDRON DA CUNHA, 2016; PINHEIRO, 2019 dentre outros), as orações exclamativas exibem uma articulada estrutura e proveem posições específicas dedicadas à interpretação semântico-discursiva. Investigamos quais posições são ocupadas pelas exclamativas-wh do PB e como se dá seu movimento para CP, analisando suas diferenças com as interrogativas-wh³⁸.

³⁸ Cf. no capítulo 3, a seção 3.1, onde argumentamos que a exclamatividade-wh envolve igualmente categorias de IP.

Todavia, olhando para a periferia esquerda de algumas línguas, percebemos que as categorias acionadas nas exclamativas-wh parecem variar de acordo com as propriedades das línguas.

Como vimos anteriormente, as exclamativas-wh se distinguiriam das demais sentenças por aos menos cinco propriedades, porquanto sentenças exclamativas-wh expressam: i) uma postura afetiva frente ao objeto/evento avaliado; ii) um caráter indexical do sujeito; iii) um conteúdo proposicional pressuposto (denotando factividade); iv) um componente gradativo/escalar e v) uma identificação do referente de quem se predica. Desse modo, é esperado que ao menos cinco projeções sejam acionadas, se seguirmos o princípio de *One Feature, One Head* (KAYNE, 2005). Mas essa uniformidade entre as propriedades das exclamativas e suas projeções funcionais não ocorre, do ponto de vista da descrição pelos autores.³⁹

No islandês, a análise estrutural proposta por Jónsson (2010) envolve três projeções funcionais no CP: ExclP (Exclamative Phrase), HdegP (High Degree Phrase) e WhP (Wh Phrase); no japonês, por sua vez, as projeções funcionais acionadas no CP são MoodP (Mood Phrase), FocP (Focus Phrase) e FinP (Finitude Phrase) (cf. YAMATO, 2010).

Em comum, temos o fato de as exclamativas-wh ativarem a posição de foco (FocP) na periferia esquerda. Ao menos é o caso do japonês (YAMATO, 2010) e do húngaro (LIPTÁK, 2005, 2011).

A propósito, no húngaro⁴⁰ (LIPTAK, 2005; 2011), a distribuição dos sintagmas-wh em duas construções sintáticas possíveis evidencia duas possíveis estruturas para as sentenças exclamativas-wh, uma com inversão verbo-preverbo (41) e outra sem (42):

- (41) Mennyi könyvet olvastál el!
Quanto livro-ACC leu-2SG PV

³⁹ Como veremos adiante no capítulo 3, não existe um consenso sobre as categorias funcionais envolvidas na exclamatividades-wh. Mais adiante, munidos da metodologia da Cartografia Sintática e do princípio de *one feature, one head*, buscaremos organizar esses traços em um quadro sinóptico.

⁴⁰ No húngaro, há dois subtipos de exclamativas a depender da expressão usada como constituinte exclamativo: um sintagma-wh (exclamativas-wh) ou um sintagma-de (exclamativa-de). As denominadas *exclamativas-de* do húngaro se devem à presença da palavra ‘de’ (que é denotado no PB como ‘mas’) que é uma expressão de grau e tem a mesma distribuição que exclamativas-wh (N/Adj/Adv). Em ambos os tipos, o constituinte exclamativo se move para uma posição pré-verbal (na periferia esquerda). Segundo Liptak (2005, p.164), as exclamativas-de são sentenças exclamativas tais como as exclamativas-wh, embora difiram quanto a sua distribuição externa, uma vez que, diferentemente das exclamativas-wh, as exclamativas-de não podem ser introduzidas por um complementizador finito em contextos matrizes, nem podem ser encaixadas. Para nossos propósitos, consideraremos apenas a estrutura das exclamativas-wh dessa língua nessa seção.

‘Quantos livros você leu!’

- (42) Mennyi könyvet el-olvastál!
 Quanto livro-ACC PV-leu-2SG
 ‘Quantos livros você leu!’

Ambas as sentenças diferem em termos de ordem de palavras, mas seu significado exclamativo básico é o mesmo (o equivalente da sentença em PB: ‘Quantos livros você leu’). Contudo, em (41), o pré-verbo aparece após o verbo, se comportando exatamente como as interrogativas-wh do húngaro, enquanto (42) reflete uma construção impossível para questões nessa língua. Disso se segue que mais posições estão envolvidas para sintagmas-wh em exclamativas do que em interrogativas (LIPTAK, 2005, p. 162).

Tal verificação por Liptak (2005; 2011) no húngaro vai ao encontro da hipótese de Benincà (1996) de que haja uma projeção mais alta disponível nas exclamativas, mas não nas interrogativas. A razão para a postulação dessa projeção ‘extra’ se deve ao fato de as interrogativas do húngaro necessariamente serem interpretadas como foco contrastivo, devendo ocupar as posições sintáticas dedicadas para foco contrastivo, enquanto as exclamativas não necessariamente. Os constituintes-wh nas exclamativas têm duas posições dedicadas na periferia esquerda: foco (FocP) e uma projeção de quantificação mais alta (ManyP). Ambas as projeções são associadas com operadores escalares exclamativos, mas se distinguem quanto às propriedades seletivas: ManyP pode hospedar apenas expressões numéricas e de quantidade, enquanto FocP não exhibe restrições seletivas. Assim, sintagmas-wh numéricos/quantidade têm uma maior ‘flutuação’ na estrutura das exclamativas, indo para uma posição de foco em interrogativas, e subindo para uma posição mais alta em exclamativas (LIPTAK, 2005).

Já de acordo com a estrutura proposta por Ambar (2003), as exclamativas-wh atuariam a categoria AssP (projeção funcional que expressa a atitude do falante), EvalP (que apresenta uma avaliação) e as noções de *common ground*⁴¹ (AssertiveP e EvaluativeP), além das categorias FocusP e WhP. A categoria AssP, a projeção responsável por codificar o conhecimento que o falante tem sobre o predicado, garantiria o caráter de factividade das exclamativas-wh, enquanto EvalP, acomodaria as propriedades de implicatura escalar. Assim, a periferia esquerda das sentenças exclamativas-wh teria a seguinte estrutura (AMBAR, 2003, p.211):

⁴¹ Essas projeções de *common ground* seriam responsáveis por acomodarem as informações para a interface entre sintaxe e pragmática (AMBAR, 2003; FARKAS, 2015).

(43) [XP [EvaluativeP [Eval' [AssertiveP [Ass' [XP [WhP [Wh' [FocusP [Foc' [XP [FinP]]]]]]]]]]]]]

Em comum, há a veiculação de uma projeção a mais para as exclamativas e não para as interrogativas, tal como vemos em Benincà (1996), Liptak (2005, 2011).

Sumariando, as diferentes projeções envolvidas na expressão da exclamatividade-wh nas diferentes línguas pelos diferentes autores aqui revisados deixam evidente – conforme apontaram-me Carlos Felipe Pinto e Juliana Nespoli (comunicação pessoal) – que esses autores não estavam comprometidos, *a priori*, com uma teoria unificadora sobre a expressão da exclamatividade-wh nas línguas. Muito embora todos abracem teorias gerativistas, seu principal interesse era o de descrever a sintaxe/semântica das exclamativas-wh em determinada língua. Isso não significa dizer que os referidos trabalhos não sejam trabalhos sobre a Gramática Universal: conforme claramente aponta Chomsky (1986), descrições sobre uma língua-I específica são descrições sobre a Gramática Universal, à medida em que as asserções sobre as propriedades da língua-I em questão podem ser verificadas (em outros sistemas), sendo, portanto, asserções sobre a Gramática Universal. O compromisso da presente dissertação – muito embora seja, *a priori*, o de descrever a sintaxe das exclamativas-wh em PB – é também estender o espectro de descrição, propondo uma análise em termos de GU, que contemple, portanto, no espírito dos princípios mais caros à Cartografia – nomeadamente, o princípio do *One Feature, One Head* (KAYNE, 2005) e o princípio da Uniformidade (CHOMSKY, 2001) –, as categorias veiculadas na expressão da exclamatividade-wh, dando conta não só da caracterização dessa modalidade em PB como também em outras línguas. Esse ponto será desenvolvido com vagar, como já dito alhures, no cap. 3. Por ora, iremos rever, na próxima seção, as considerações da literatura a respeito do movimento-wh nas exclamativas.

1.3.1 Movimento-wh

Como vimos na seção acima, não são consensuais as informações a respeito da Soldagem externa nas exclamativas-wh. Quanto à Soldagem interna, argumenta-se que o movimento do elemento-wh é obrigatório nas exclamativas, ao passo que, nas

interrogativas, está aberto à variação entre as línguas, sendo possíveis pelo menos três tipologias de línguas relativamente à possibilidade de mover ou não o elemento-wh: línguas com movimento-wh obrigatório em interrogativas (p.ex., em inglês), línguas de interrogativas sem movimento-wh (p.ex., chinês) e línguas cujo movimento-wh em interrogativas é descrito como “opcional” (p.ex., PB). Assim, assume-se que há movimento nas exclamativas-wh, mas há distinções de análise a respeito da natureza do movimento e sua justificativa. Observando a literatura da área, percebe-se que o movimento-wh pode ocorrer para formalizar duas propriedades: concordância abstrata na configuração núcleo-spec (RIZZI, 1996) e/ou checagem/valoração de traços (CASTROVIEJO, 2006).

Quanto ao primeiro, podemos destacar o influente *critério-wh*, proposto por Rizzi (1996), que enquadra o movimento-wh como uma necessidade de concordância abstrata entre núcleo e especificador.

(44) *Critério-wh* (RIZZI, 1996, p. 64, tradução livre)

- A. Um operador-wh deve estar em uma configuração de spec-núcleo com um X^0 [+WH]
- B. Um X^0 [+WH] deve estar em uma configuração de spec-head com um operador-wh

Uma segunda justificativa para o movimento-wh seria a de que as exclamativas deveriam se mover para a periferia esquerda por propósitos de checagem/valoração de traços. Nesse sentido, a palavra-wh não seria inerentemente exclamativa, mas obteria essa interpretação pelo fato de checar o traço [+ EXCL] no especificador do determinante que serviria como um marcador de força na estrutura do DP⁴² (BENNIS et al., 1998).

Para além disso, não há consenso na literatura sobre o tipo de movimento-WH realizado ou sobre a extensão do movimento, i.e., a altura, na periferia esquerda, onde a WH-exclamativa pousa, embora haja consenso de que as exclamativas-wh se movam para uma posição mais alta em CP do que a posição aonde se movem as interrogativas-wh (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003, AMBAR, 2003; ZENDRON, 2016).

⁴² Essa característica indicaria uma certa interação do traço do DP com a periferia esquerda (DP-CP). Todavia, uma vez que a natureza das projeções funcionais no domínio nominal não são significativamente diferente das projeções funcionais no domínio oracional (BENNIS ET AL., 1998), na presente dissertação não entraremos nos pormenores da projeção estendida do sintagma nominal.

Em uma abordagem em que a projeção de CP é uma categoria sincrética, como em Zanuttini e Portner (2003), argumenta-se em favor do movimento mais alto das exclamativas. Nesse caso, ao contrário do que ocorre com as interrogativas-wh, um segundo CP é acionado para acomodar o sintagma-wh nas exclamativas-wh. Assim, o desenho da representação estrutural das interrogativas e das exclamativas-wh, no espírito da análise de Zanuttini e Portner (2003), é o seguinte:

Interrogativas

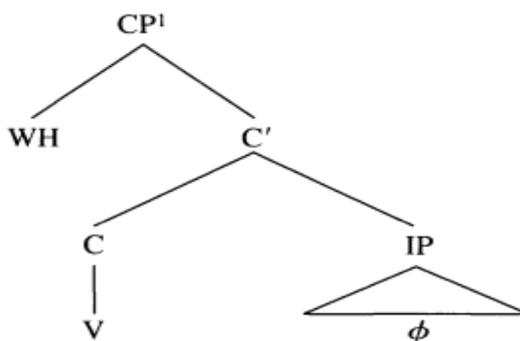


Fig. 2 – Representação estrutural das interrogativas-wh (Fonte: ZANUTTINI e PORTNER, 2003, p.61)

Exclamativas

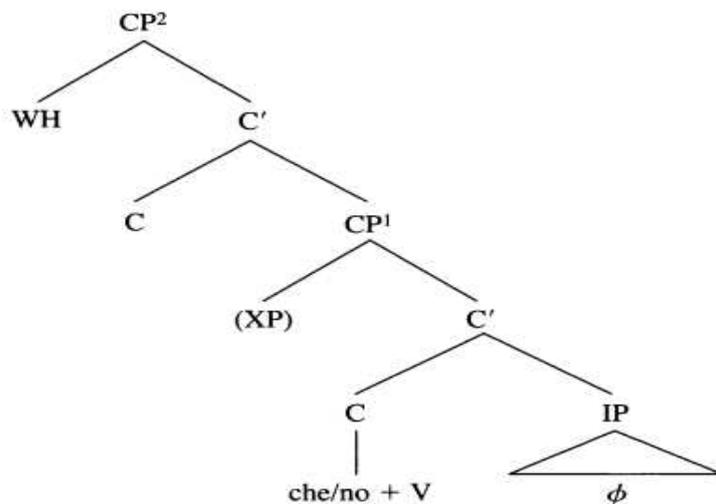


Fig. 3 – Representação estrutural das exclamativas-wh (Fonte: ZANUTTINI e PORTNER, 2003, p.61)

Segundo essa abordagem, haveria dois tipos distintos de estruturas de exclamativas-wh: i) a que ocorre apenas em exclamativas, associadas aos elementos-wh

‘como’ e ‘que + AP’ (as denominadas *e-only*) e ii) a que ocorre tanto em exclamativas quanto em interrogativas (as denominadas *non-e-only*⁴³). Assim, além de CP¹ e CP², os autores ainda dispõem de uma terceira projeção de CP (a saber, CP³) para acomodar o constituinte-wh *e-only*. Seria o caso de uma sentença como (45), do italiano:

- (45) Che tanti libri a tua sorella che le hanno regalato
 Que tantos livros a sua irmã que lhe AUX dado
 ‘Quantos livros que eles deram para sua irmã’

Essa sentença seria uma exclamativa *e-only* e demandaria uma terceira projeção de CP para acomodar a derivação da exclamatividade:

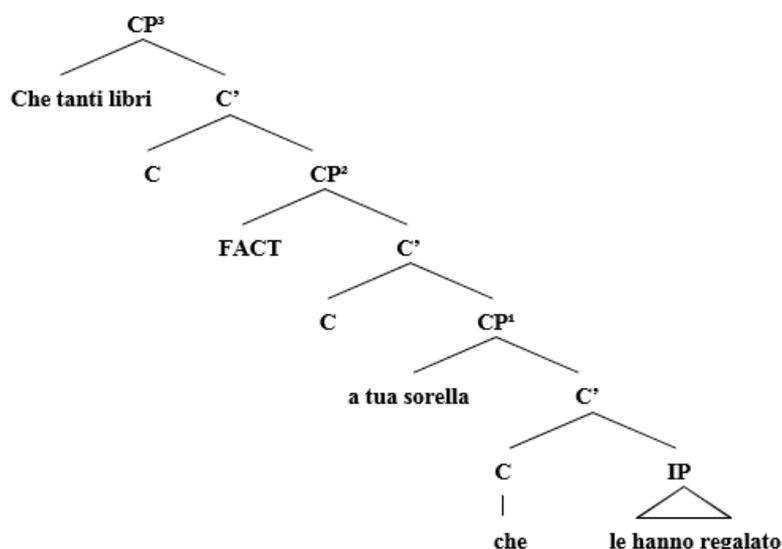


Fig. 4 – Representação estrutural das exclamativas-wh *e-only* (formulada a partir da derivação proposta em ZANUTTINI e PORTNER, 2003, p.66)

Segundo Zanuttini e Portner (2003, p. 72), apesar de optarem por uma abordagem sincrética para acomodar as propriedades sintático-semânticas das exclamativas no CP, suas propostas não são incompatíveis com as análises com CP-cindido, tais como as de Rizzi (1997). Contudo, não é possível relacionar as projeções funcionais deste trabalho com aquelas propostas por Rizzi (1997), por se tratar de uma análise distinta e, em última instância, incompatível com a estrutura proposta no artigo. Isto é, apesar de admitir a necessidade de projeções adicionais em CP para derivar as exclamativas, não dá para relacionar CP¹, CP² ou CP³ a uma projeção como ForceP de Rizzi (1997). Isso porque a

⁴³ Segundo Zanuttini e Portner (2003), com base nos dados das exclamativas do italiano, do paduano e do inglês, há um wh que pode ocorrer apenas nas sentenças exclamativas (que seria denominado de *E-only*), e outro que pode ocorrer tanto nas exclamativas quanto nas interrogativas (denominado de *non-E-only*).

estrutura proposta por Rizzi (1997) não previa que interrogativas e exclamativas poderiam variar para além do conteúdo de ForceP⁴⁴.

De qualquer forma, em abordagens com o CP cindido, não há um consenso a respeito da posição última das expressões-wh exclamativas na periferia esquerda (VILLALBA, 2008). Em geral, argumenta-se que as palavras-wh vão para uma posição na zona do CP abaixo da zona aonde vão elementos deslocados.

Há distinções interlinguísticas que dificultam a análise: a presença do complementizador *que* ('that') nas exclamativas do catalão são permitidas, enquanto não são em interrogativas; a inversão sujeito-predicado é possível em línguas como o catalão e o espanhol (em que a inversão sujeito-verbo é obrigatória), enquanto não o é em línguas como o inglês e francês (VILLALBA, 2008).

Essa variação nos traz algumas perguntas: uma vez que a inversão verbo-sujeito está relacionada ao movimento-wh, as sentenças exclamativas envolveriam o traço [wh]? Na seção a seguir, veremos como essa ideia é posta em prática com possíveis análises para as exclamativas-wh em uma abordagem cartográfica.

1.3.2 Exclamatividade enquanto fenômeno da periferia esquerda: análises possíveis

Em geral, a posição atribuída ao traço exclamativo da sentença é a posição de especificador de ForceP (RIZZI, 1997; GUTIÉRREZ-REXACH, 2001), onde o operador exclamativo é licenciado no CP cindido. Assim, nessa perspectiva, a expressão da exclamatividade das exclamativas-wh pode ser explicada a partir da estrutura da periferia esquerda da sentença. Além disso, é descrito na literatura que as exclamativas-wh e interrogativas-wh variariam em relação a pelo menos três propriedades (AMBAR, 2000): i) a possibilidade de in-situ nas interrogativas-wh em contraste à sua impossibilidade em exclamativas-wh nas línguas com movimento-wh aberto.; ii) a inversão obrigatória ou opcional em interrogativas vs. a falta de inversão obrigatória em exclamativas; e iii) a distribuição dos complementizadores. Vejamos essas características uma por uma,

⁴⁴ Segundo Zanuttini e Portner (2003, p. 72), a análise de Rizzi (1997) argumenta que a diferença entre interrogativas e exclamativas seria apenas o conteúdo de ForceP, o que, segundo os autores, não seria o caso, dado que outras diferenças sintáticas foram identificadas. Nesse sentido, CP³ não poderia ser análoga a ForceP. Na verdade, conforme veremos na seção 3.1 e seguintes (cap.3), um conjunto de categorias estão envolvidas nas exclamativas-wh, muitas das quais possivelmente não são acionadas na derivação de uma interrogativa-wh.

começando pela possibilidade de expressões interrogativas-wh poderem permanecer *in situ*, mas as exclamativas-wh não.

No PB – como em (quase) toda língua que conhecemos⁴⁵ – não há wh-in-situ em orações exclamativas. Assim, como podemos ver em (46-49), o movimento do elemento-wh é obrigatório em orações exclamativas, enquanto não o é em orações interrogativas (50-51):

- (46) Que alto aquele som!
- (47) *Aquele som que alto!
- (48) Quanto doce ela comeu!
- (49) *Ela comeu quanto doce!
- (50) Quanto doce ela comeu?
- (51) Ela comeu quanto doce?

Desses dados extraímos que, enquanto não é possível dizer algo como (49) numa oração exclamativa, é totalmente possível dizê-lo em sua contraparte interrogativa, como em (51). Sobre a sentença em (46), podemos explicar o movimento-wh pela abordagem de Rizzi (1997). Nessa perspectiva, o item-wh se moveria para checar seus traços (uma possibilidade para a justificativa do movimento, como vimos na seção anterior).

A palavra-wh nas exclamativas-wh contém dois traços: o traço [WH], que codifica sua natureza wh (e é compartilhado com as sentenças interrogativas) e o traço [EXCL], que codifica seu conteúdo exclamativo específico (CASTROVIEJO, 2006). O traço [+EXCL] serve como um marcador de força sentencial e, nesse sentido, pode ser compreendido como uma junção de todos os traços associados à expressão da exclamatividade-wh⁴⁶.

Na representação cartográfica em (51), desenvolvida em Villalba (2016), vemos um CP cindido com diferentes propriedades representadas por diferentes projeções. Nessa abordagem, poderíamos considerar que primeiro o sintagma exclamativo se moveria para a posição de SPEC/FocP e, em seguida, parte desse sintagma (a saber, a palavra-wh ‘que’) se moveria para sua posição final em SPEC/ForceP, onde a força exclamativa é checada. O restante da sentença, que é informação pressuposta, se moveria para TopP.

⁴⁵ Ao que a literatura indica, in-situ em exclamativas-wh não é permitido em línguas de movimento-wh; contudo, são permitidas, em certas circunstâncias, em línguas sem movimento-wh, como o japonês (ONO, 2008).

⁴⁶ Defendemos nessa pesquisa que há mais de um traço envolvido na derivação das exclamativas-wh. Mais adiante, no capítulo 3, buscaremos mapear os traços envolvidos na exclamatividade-wh, que é representada em Castroviejo (2006) como o traço [EXCL].

(52) [[ForceP que_j [FocP [AP t_j alto] [TopP [IP aquele som t_{AP}]] [FinP t_{IP}]]]⁴⁷

Aqui cabe mencionar que é assumido nessa derivação que o sintagma-wh ‘que’ se moveria para ForceP para satisfazer o critério de força. Ademais, a projeção do tópico apresentada na análise de Villalba (2016) não corresponde à projeção de tópico, nomeadamente TopicP, de Rizzi (1997). À parte essa pequena diferença⁴⁸, tal abordagem seria vantajosa na derivação de interrogativas e exclamativas-wh do PB, uma vez que duas posições devem estar disponíveis em CP para acomodar os sintagmas de certas construções sintáticas, como em (53), (54) e (55), algo que uma abordagem com CP-cindido torna possível sem a necessidade de duplicar a projeção de CP.

- (53) Quem que chegou?
 (54) Que livro que ele leu!
 (55) Que dia que está hoje!

Assumindo a estrutura proposta por Ambar (2003), citada na página 44, é necessário estabelecer as diferenças em relação ao PB e ao PE. Uma delas diz respeito à obrigatoriedade ou opcionalidade da inversão em interrogativas em contraste com a falta de inversão obrigatória em exclamativas, segundo Ambar (2000).

Os testes que constataam essa distinção remontam a Elliott (1971; 1974), conforme já dito no início do trabalho, e dão conta de sentenças em inglês e em francês. Contudo, há uma série de línguas para as quais essa distinção não parece ser operante⁴⁹. No PB, é possível que ocorra uma *right dislocation*, na periferia de vP, como podemos ver em (56-57).

- (56) Como é linda aquela mulher!
 (57) Como aquela mulher é linda!

Dado que se relaciona a inversão verbo-sujeito ao movimento-wh, seja por critério-wh, seja por checagem de traço (VILLALBA, 2008), o comportamento desse par

⁴⁷ Uma ideia de derivação semelhante, com o sintagma-wh se movendo inicialmente para [SPEC, FocP] para, posteriormente, parte desse sintagma se mover para [SPEC, ForceP], é encontrada nas análises das exclamativas do catalão (GUTIERREZ-REXACH, 2008).

⁴⁸ Uma vez que assumimos os pressupostos de uma ‘cartografia *hard*’, buscando, portanto, mapear as projeções funcionais expressas na GU, não é desejável operarmos com diferentes hierarquias.

⁴⁹ No catalão e no espanhol, a inversão não só ocorre, como é também obrigatória, mesmo em exclamativas nominais (CASTROVIEJO, 2006).

de sentenças em (56) e (57) traz alguns problemas para as análises tradicionais: se o verbo sobe sobre o sujeito, onde é seu local de pouso? Como adiantamos acima, uma resposta possível seria: há uma camada a mais no CP para acomodar as palavras-wh das exclamativas (BENINCÀ, 1996).

Assumindo que o sistema do CP é cindido por natureza e que tem a função de estabelecer a relação entre o conteúdo proposicional do IP e o discurso nas orações matrizes e entre o IP e o domínio da matriz nas orações encaixadas, o campo do CP é a interface entre o discurso e o IP (RIZZI, 1997).

Com essa formulação é possível traçar um link unificador entre as estruturas e as línguas descritas. Assim, línguas em que o AssertiveP não é proeminente exibirão inversão verbo-sujeito obrigatória, e o wh-in-situ será ausente (como no húngaro, tal como podemos ver na aceitabilidade em (58) e na agramaticalidade em (59)); línguas em que o AssertiveP é proeminente tenderão a mover constituintes, i.e, por terem wh in situ, as estruturas-wh sem inversão e com completizadores irão lexicalizar o núcleo de AssertiveP (seria esse o caso do PB, como podemos observar em (60) e (61)):

(58) Mit vett meg János?
O que ACC comprou-3sg parte João

(59) *János megvett mit?
João parte-comprou-3sg o quê
'O que João comprou'

(60) O que comprou João?

(61) João comprou o quê?

Além dessas, há as línguas 'mistas', que terão propriedades em comum com ambos os tipos (como o francês e o PE). Ademais, adotando essa estrutura, se assume que (AMBAR, 2000, p. 33): i) sintagmas-wh sobem mais alto em sentenças exclamativas do que em sentenças interrogativas; ii) dois traços devem ser checados em exclamativas: um traço assertivo e um traço avaliativo (pertencentes a diferentes projeções na estrutura, respectivamente, AssertiveP e EvaluativeP); e iii) a checagem do traço assertivo atende a necessidade de checar a propriedade de factividade das exclamativas-wh, enquanto a checagem do traço avaliativo codificaria a avaliação do falante.

As propriedades de AssertiveP e EvaluativeP pertencem ao que é conhecido como *Common Ground conversacional* (STALNAKER, 1978) (cf. notas 9 e 40). Em sua forma

não-marcada, as propriedades assertivas são satisfeitas por elementos nominais, enquanto que as propriedades avaliativas são satisfeitas por elementos adjetivais.

O traço factivo das exclamativas é traduzido no sistema por checagem de AssertiveP, enquanto seu status avaliativo é evidenciado na estrutura por checagem de EvaluativeP. A presença de uma projeção adicional nas exclamativas-wh, em contraste as interrogativas-wh sem inversão, permite a derivação de sentenças exclamativas com o complementizador ‘que’.

É importante destacar, contudo, que, aparentemente, há uma restrição na distribuição do complementizador ‘que’ em exclamativas-wh que não se aplica a interrogativas-wh: a estrutura WH + *que* só é possível se o que seguir for uma estrutura [que N], como em (62)

(62) Que livro que o João leu!

Do contrário, temos casos de má formação em orações exclamativas, como vemos em (63) e (64)

(63) #O que que o João leu!

(64) *Onde que o João leu!

As sentenças (63) e (64) são totalmente gramaticais quando entoadas como perguntas; contudo, são anômalas quando postas como exclamativas. A razão para essa má formação seria o fato de que apenas sintagmas-wh especificados (i.e., sintagmas-wh da forma [que N] como ‘que livro’) podem checar o traço em EvaluativeP sem passar sobre AssertiveP (AMBAR, 2003).

Dessa forma, sintagmas-wh nus com a forma ‘onde que’ ou ‘o que que’ são sub-especificados para avaliação, o que causa agramaticalidade. Eles se tornarão especificados através de uma relação de especificador-núcleo com AssertiveP; portanto, não podem se mover para [Spec,EvaluativeP] sem passar por [Spec,AssertiveP].

O complementizador “que” é capaz de checar o traço assertivo por Soldagem quando EvaluativeP seleciona AssertiveP. Assim, em (62), o complementizador ‘que’ checa assertividade por soldagem; o sintagma-wh “que livro” checa EvaluativeP.

Uma outra análise possível seria adotar as considerações de Rizzi (1997) e Rizzi e Bocci (2017) e analisar o “que” não como estando em SPEC de AssertiveP, mas sim em ForceP, sendo uma realização fonológica de Force^o, desencadeando o movimento

do sintagma da exclamativa-wh para a posição de especificador de ForceP, devido ao um critério de força, como em (65):

(65) [ForceP [que livro]_i [Force que [IP O João comprou t_i]]]

Instituindo essa análise, Medeiros Júnior e Siero (2018) distinguem duas estruturas diferentes de exclamativas-wh: uma estrutura para sentenças como em (65) e outra para sentenças como (66):

(66) Que lindo o que você fez!

Segundo Medeiros Júnior e Siero (2018), a derivação de (66) deve ser necessariamente diferente por causa do pronome relativo ‘que’. A ideia seria a de que, após o IP estar formado, a projeção de relativa (RelP) seria ativada em Force e desencadearia o movimento do sintagma-wh relativo (‘o que’) para a posição de especificador de RelP para satisfazer o critério de Relativa. Em seguida, a projeção de exclamativa (ExclP) seria ativada e dispararia o movimento do sintagma-wh exclamativo (‘que lindo’) para a posição de especificador de ExclP para satisfazer o critério de exclamativa, tal como em (67)

(67) [CP [ForceP [ExclP Que lindo]_k [RelP o que]_i [IP você fez t_i t_k]]]]]

Nesse modelo, Force é cindido em duas outras projeções (ExclP e RelP), gerando as distintas estruturas em (65) e (67). Tal hipótese é fundamentada a partir da opcionalidade do complementizador “que” em (68) e sua obrigatoriedade em (69):

(68) Que linda casa (que) você comprou!

(69) *Que lindo o (-) você fez!

Essa linha de análise propõe então que a projeção de força (ForceP) deve ser cindida em duas projeções (ExclP e RelP) e que a exclamação deve ocupar uma posição mais alta que a relativização. Veremos adiante que, seguindo essa argumentação, podemos também hipotetizar sobre a diferença de altura entre diferentes elementos-wh

nas exclamativas. Tal hipótese se justificaria ao identificarmos uma assimetria sintática entre exclamativas-quanto e exclamativas-que⁵⁰, como veremos no capítulo a seguir.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, apresentamos um panorama geral sobre a literatura das exclamativas-wh, elencando as propriedades discursivas (semânticas e pragmáticas) atribuídas à exclamatividade-wh. Discutimos três abordagens possíveis para mapear os traços conceituais envolvidos nas exclamativas: a *construcional*, a *pressuposicional* e a *escalar*. Cada uma dessas abordagens identifica diferentes propriedades para as exclamativas-wh. Assim, dedicamos uma breve seção para cada uma dessas abordagens para, em seguida, chegar às propriedades consensuais identificadas pelas três abordagens e evidenciamos a adequação do Programa Cartográfico da teoria de Princípios e Parâmetros para lidar com essas propriedades em uma interface sintaxe-discurso.

Por fim, mostramos possíveis representações sintáticas às estruturas envolvendo exclamativas-wh, com base na revisão da literatura da área. Até o momento, verificamos, a partir da literatura da área, análises possíveis para as exclamativas-wh a partir de um exame da periferia esquerda segundo diferentes autores. Adiante, no capítulo 3, retomaremos ao ‘problema’ da veiculação de diferentes categorias funcionais nas exclamativas-wh de diferentes línguas, apresentando a hipótese de que a maioria dos traços envolvidos nas exclamativas podem ser valorados em uma zona alta do IP, como no caso das exclamativas-como. Retomaremos, ainda no capítulo 3, as propostas de análises dos autores aqui revisadas, no intuito de, ao propor uma análise sintática das exclamativas-wh em PB, oferecer uma abordagem cartográfica que dê conta da expressão da exclamatividade-wh nas línguas naturais, i.e., uma abordagem que tenha compromisso estrito com uma teoria sobre a Gramática Universal. Mas antes, vejamos, no próximo capítulo, uma discussão acerca do estatuto semântico das exclamativas-wh e sua relação com as noções de indexicalidade e expressividade, para, no capítulo 3, oferecermos um tratamento sintático dessas noções, tratamento esse que seguirá o mesmo espírito do tratamento oferecido aos demais ‘traços’ envolvidos na expressão da exclamatividade-wh.

⁵⁰ Todavia, como veremos na seção 3.4, também é possível que essa diferença entre exclamativas-quanto e exclamativas-que seja motivada por aspectos semânticos, a saber, o tipo de traço de gradatividade envolvido.

2 A DENOTAÇÃO DAS EXCLAMATIVAS-WH: INDEXICALIDADE E EXPRESSIVIDADE

Considerações iniciais do capítulo

Neste capítulo, apresentamos uma discussão a respeito do significado das sentenças exclamativas, investigando a natureza da denotação dessas sentenças. Para isso, estabeleceremos um paralelo entre duas construções – exclamativas-wh e predicados de gosto pessoal (doravante PGP) – que compartilham uma série de propriedades⁵¹. Argumentaremos que tais semelhanças se devem ao fato de ambas as estruturas (exclamativas-wh e PGP) contarem com elementos indexicais e terem conteúdo expressivo. Para tanto, lançamos mão de uma distinção semântica entre predicados descritivos e avaliativos⁵².

Adotando uma perspectiva vericondicional, que assume que o sentido de uma sentença é o seu valor de verdade, existe uma diferença semântica crucial entre os pares em (70) e (71):

- (70) a. Esse bolo é gostoso.
 b. Que bolo gostoso!
- (71) a. Esse bolo é vegano.
 b. ?Que bolo vegano!

É possível estabelecer um valor de verdade para a sentença (71a): muito simplificadamente, basta estabelecer o referente de ‘esse bolo’, e então verificar se ele pertence ao conjunto das coisas que são veganas; se a resposta for positiva, (71a) será verdadeira, e, se esse não o for caso, a sentença será falsa. Contudo, um cálculo sentencial análogo não será possível para (70a), pois temos aqui um predicado de gosto pessoal, ‘gostoso’, que tem um componente subjetivo que não encontramos em ‘vegano’⁵³. Devido ao componente subjetivo, sentenças como (70a) geram o que a literatura chama

⁵¹ Como veremos no capítulo seguinte, as exclamativas envolvem um aspecto subjetivo e precisam, por isso, valorar, no decurso da derivação, um traço avaliativo. Essa avaliação é realizada pelo falante, que compartilha sua visão de mundo sobre um determinado objeto ou evento.

⁵² No capítulo 3, seção 3.1, veremos como tratar destes traços (avaliação e indexicalidade) na hierarquia sintática da sentença.

⁵³ A distinção entre um predicado como ‘gostoso’ e um predicado como ‘vegano’ é que apenas o primeiro, obrigatoriamente, veicula uma dimensão subjetiva de significado (a saber, o que é considerado *gostoso* pelo falante).

de *faultless agreement*, ou seja, casos em que falantes discordam, mas sem que um diga algo falso, como exemplificado nas ocorrências a seguir:

- (70) a. Esse bolo é gostoso. – dito por João
 (70) c. Esse bolo não é gostoso. – dito por Maria

A estranheza de (71b), por outro lado, pode ser consequência de: i) o predicado ‘vegano’ não ser escalar (uma característica intrínseca das exclamativas, como veremos adiante, diz respeito ao fato de se relacionarem com predicados escalares) e/ou ii) a impossibilidade de o elemento-wh ‘que’ modificar – veiculando uma maior carga de *expressividade* – predicados que não tenham um caráter de subjetividade em sua avaliação.

Nossa hipótese é a de que essa subjetividade pode ser compreendida como intrínseca às exclamativas, uma vez que o conteúdo proposicional pressuposto pelas exclamativas-wh é sempre uma avaliação do falante.

Como podemos identificar, a subjetividade em (70a) é resultado da presença de um predicado de gosto pessoal (doravante PGP), que envolve a subjetividade do falante, seja em seu gosto ou em sua avaliação pessoal. Em (70b), temos a presença do mesmo PGP, agora, porém, numa estrutura exclamativa.

Um possível contraponto para nossa hipótese seria o fato de podermos veicular exclamativas-wh sem PGP, tais como as sentenças abaixo:

- (72) Que alto que é o João!
 (73) Como o João emagreceu!
 (74) Quanto doce a Maria comprou!

Contudo, podemos justificar a possibilidade das sentenças (72) e (73) argumentando que há um certo grau de subjetividade envolvido, devido à vagueza dos predicados, de modo que a avaliação do falante ainda está envolvida. Consideremos os diálogos abaixo:

- (75) a. Que alto que é o João!
 b. Não acho, ele é menor que eu
- (76) a. Como o João emagreceu!
 b. Mais ou menos né... ele ainda tá bem gordinho

Esses diálogos são possíveis porque os predicados em questão estão abertos a debate, dado o grau de subjetividade envolvido (o que é considerado ‘alto’ ou ‘magro’ vai depender de um certo parâmetro, que pode mudar de falante para falante).

Quanto a (74), tal sentença é possível devido ao fato do seu significado ser *e-level*; logo, a surpresa não recai sobre o fato de Maria ter comprado doce, mas sim sobre a quantidade adquirida. De forma análoga, a então anômala (71b) é totalmente gramatical se substituirmos o elemento-wh ‘que’ (tipicamente *i-level*) pelo elemento-wh ‘quanto’ (*e-level*):

(77) Quanto bolo vegano!

Como vimos no capítulo anterior, são muitas as propriedades atribuídas às sentenças exclamativas. Não obstante isso, muitas também são as discordâncias a respeito dessas propriedades na veiculação desse tipo sentencial. Contudo, duas propriedades parecem ser consensuais aos diferentes teóricos que analisaram as exclamativas, no que se refere aos seus aspectos semânticos, a saber, que as exclamativas i) veiculam uma avaliação por parte do falante e ii) têm um caráter indexical⁵⁴.

Essas características levam a problemas comuns a outras estruturas, como o problema de *faultless disagreement*⁵⁵ exposto acima. Dito isso, neste capítulo, argumentaremos que predicados de gosto pessoal e exclamativas-wh compartilham não só essas, mas uma série de propriedades, dentre as quais: i) a veiculação de uma dimensão emotiva/expressiva (para além da dimensão referencial); ii) a expressão de gradabilidade/escalaridade; iii) a sensibilidade à experiência⁵⁶; iv) a dependência de perspectiva (do falante)⁵⁷.

⁵⁴ Sobre o conceito de ‘indexical(idade)’, cf. a seção 2.1.

⁵⁵ Este problema é relevante para nossa investigação por explicitar a subjetividade intrínseca das exclamativas. Uma vez que as exclamativas sempre veiculam o ponto de vista do falante sobre um determinado evento ou objeto, consideramos que as exclamativas são estruturas indexicais. Em termos sintáticos, essa subjetividade do falante, presente nas exclamativas, é codificada a partir dos traços de indexicalidade e avaliação (cf seção 3.1).

⁵⁶ Por “sensibilidade à experiência” estamos compreendendo o aspecto indexical das sentenças exclamativas. Alguns autores como Verhagen (2005), Rett (2008; 2011), Merin (2008), Zevakhina (2014), Pfeiffer (2017), Neveux (2018), entre outros, argumentam que as sentenças exclamativas são orientadas ao falante (*speaker-oriented*), de modo que sua predicação sempre expressará algum sentimento/atitude do falante frente às suas experiências sensitivas (aquilo que o falante ouviu, viu ou sentiu), como veremos adiante nesse capítulo. No capítulo seguinte, seção 3.1, identificaremos essa propriedade com o traço de referencialidade/evidencialidade, traço esse que, na história da derivação sintática, será valorado em [Spec, MoodEvidentialP].

⁵⁷ No capítulo 3, apresentaremos um tratamento sintático para estas propriedades. Na seção 3.1, essas propriedades serão tratadas em termos de seus traços, na esteira do princípio ‘One Feature, One Head’

Argumentaremos ainda que tais semelhanças se devem ao fato de ambas as estruturas contarem com construções denominadas na literatura como *expressivos* (FOOLEN, 2015). Também argumentaremos em favor da hipótese de o determinante ‘que’ em construções-wh ser um intensificador expressivo (GUTZMANN e TURGAY, 2015; RICHTER e VAN HOUT, 2017), modificando nomes ou adjetivos graduais. Com isso, pretendemos dar conta das semelhanças entre exclamativas-wh e PGPs, além de dar uma explicação para a anomalia em (70b), ‘?Que bolo vegano!’. Argumentaremos que tal agramaticalidade pode ser devida a i) uma restrição semântica do predicado das exclamativas-que, relacionada à (falta de) gradabilidade do predicado ‘vegano’ ou ii) à carência da dimensão expressiva. Com esse intuito, o capítulo se organiza da seguinte forma: na seção 2.1, iremos caracterizar a semântica dos indexicais, relacionando-os com as exclamativas-wh; na seção 2.2, investigaremos um paralelismo entre as exclamativas e os PGP, com atenção a possíveis soluções para o problema de *faultless disagreement* – adotando uma perspectiva *expressivista* para lidar com esse problema –; na seção 2.3, por fim, argumentaremos que as exclamativa-wh em si são construções expressivas, não podendo ser avaliadas apenas em uma dimensão vericondicional. Ao término da discussão, faremos uma rápida recapitulação, na última seção do capítulo, dos pontos fundamentais.

2.1 A semântica da indexicalidade

Por muito tempo se pensou no fenômeno da referência como uma relação de três lugares, na qual um falante x usa a expressão y para identificar uma entidade z . Nesta acepção, a referência estaria diretamente vinculada ao uso linguístico.

Entretanto, com os avanços nos estudos da Lógica, principalmente com as novas descobertas na lógica matemática no final do século XIX, em especial os trabalhos de Frege (1978) e Russell (1905), surgiu uma tradição que considera as expressões linguísticas como dotadas de referência em si próprias e interpreta as referências das expressões linguísticas, independentemente de seu uso (ABBOTT, 2010).

Nesta perspectiva, a referência é uma relação entre expressões e aquilo que representam em ocasiões particulares, i.e., sua extensão. Essa concepção referencial é

(KAYNE, 2005), cujo corolário será a assunção de uma categoria/projeção para cada uma destas propriedades/traços.

conhecida como extensional⁵⁸ (ou *referencialista*), porque trata o significado em termos dos objetos (as extensões) a que se referem os itens lexicais (CANÇADO, 2012). Com essa definição de significado, não importariam as ocorrências possíveis dessas expressões em seus diferentes usos (objeto de estudo da Pragmática), mas sim, o sentido inerente dessas expressões. Contudo, um conjunto de itens lexicais parece impor um (aparente) desafio para essa concepção de significado. Vejamos as sentenças em (78) – (81) abaixo:

- (78) Tem muita barata *aqui* nessa casa!
 (79) *Você* é lento!
 (80) É muito bonita *aquela* mulher!
 (81) Foi horrível *isso* que *eu* fiz!

A dificuldade em computar o significado dessas sentenças composicionalmente se deve à ocorrência das palavras “aqui”, “você”, “aquela”, “isso” e “eu”, pois a referência desses itens lexicais pode ser alterada de contexto para contexto. A esse tipo de expressão (cuja referência é sensível ao contexto), Kaplan (1989) denomina *indexicais*.

Kaplan (1989) divide essas expressões indexicais em dois grupos: *indexicais puros* e *demonstrativos*. Os *indexicais puros* são os termos em que a determinação do referente é direta, enquanto que os *demonstrativos* são as expressões que requerem uma demonstração associada (tal como um apontamento) para identificar um objeto como referente⁵⁹.

Assim, as expressões indexicais são um grupo de palavras que, no PB, incluem pronomes como “eu”, “meu”, “você” e “ele”, advérbios como “aqui”, “agora”, “amanhã” e “ontem”, adjetivos como “real” e “atual” e demonstrativos tais como “aquele” e “aquela” (TEIXEIRA, 2012). O desafio que essas expressões colocam para uma teoria semântica é o de explicar formalmente a troca de referentes que ocorre em seus diferentes usos e a atribuição de significado desses termos.

⁵⁸ Uma outra orientação semântica possível para tratar do significado seria a abordagem *intensional*, cujo objeto de análise não seria a extensão e as consequentes condições de verdade de um dado termo linguístico, mas sim a sua intensão e o consequente conjunto de propriedades que formam seu sentido.

⁵⁹ Como nos mostra Teixeira (2012), outros autores propõem diferentes sistematizações para os indexicais: Schlenker (1999, 2003) denomina os indexicais puros como *indexicais estritos*, argumentando que os mesmos só podem ser interpretados indexicalmente mediante informações específicas do contexto, ao contrário das expressões que têm usos indexicais, como o pronome “ele”; Perry (1997), por outro lado, classifica os indexicais com base na intenção do falante: aqueles nos quais dado significado depende apenas do agente do contexto são denominados de *indexicais automáticos*, enquanto que as expressões que apelam para a intenção do falante são denominadas de *indexicais intencionais*.

Kaplan (1989) postula que a regra básica de interpretação dessas expressões consiste em procurar sua referência no contexto em que são produzidas. Isso determina que, para os termos indexicais poderem receber um valor semântico, eles precisam estar fixados em um dado contexto. No caso dos demonstrativos, para além do contexto fixado, é necessária uma demonstração associada (um apontamento ou um aceno com a cabeça).

Assim, a teoria de Kaplan se baseia em dois princípios:

Princípio 1: O referente de um indexical puro depende do contexto e o referente de um demonstrativo depende de uma demonstração associada;

Princípio 2: Indexicais (puros e demonstrativos) são diretamente referenciais.

(Kaplan, 1989, p. 492 – tradução livre)

Dados esses dois princípios, algumas observações são necessárias: quanto ao princípio 1, isso implica que, em caso de demonstrativos, uma ocorrência acessória é necessária para estabelecermos a referência (Kaplan denomina essa ocorrência de *demonstração* e o objeto demonstrado pelo referente é denominado de *demonstratum*⁶⁰); quanto ao princípio 2, tal ideia se relaciona ao conceito de *designador rígido* de Kripke (1980).

Um designador rígido é o termo que designa o mesmo objeto *x* em todos os mundos possíveis em que *x* existe e não designa nada em mundos em que *x* não existe. Quando Kripke (1980) identificou esse fenômeno de referência, estabeleceu um contraste entre designadores rígidos, tal como nomes próprios como “Nicolás Maduro”, e descrições definidas, tal como “O presidente da Venezuela no ano de 2019”, que são denominadas de descrições flácidas, pelo fato de o seu referente variar a depender do mundo possível considerado⁶¹.

Dito isso, a ideia de Kaplan (1989) é a de que os indexicais, assim como os nomes próprios, seriam designadores rígidos e diretamente referenciais.

⁶⁰ Um demonstrativo que não apresente uma demonstração é denominado de *demonstrativo incompleto*; um demonstrativo que não tem um *demonstratum* é denominado de *demonstrativo vazio* (KAPLAN, 1989; TEIXEIRA, 2012).

⁶¹ A política atual da Venezuela parece fornecer um bom exemplo dessa distinção entre designadores rígidos e designadores flácidos, na medida em que o referente de um nome próprio como ‘Nicolás Maduro’ não parece variar em nenhum mundo possível, enquanto que o referente da descrição definida “O presidente da Venezuela no ano de 2019” parece ter ao menos dois referentes distintos a depender do mundo possível em que se observa: Juan Guaidó e Nicolas Maduro.

Assim, os contextos e os mundos possíveis desempenham um papel crucial para a atribuição dos valores semânticos das expressões indexicais, uma vez que essa atribuição só é possível se os “índices” estiverem em um contexto próprio, i.e., para qualquer contexto *c*, o agente de *c* existe no mundo de *c*; o agente de *c* está localizado em *c*, no texto de *c*, no mundo de *c* (KAPLAN, 1989).

Para formalizar essa contribuição dos contextos e dos mundos possíveis na atribuição dos valores semânticos a essas expressões, Kaplan desenvolve as funções *caráter* e *conteúdo*.

O caráter seria uma função cujos argumentos são contextos e que resultam em conteúdos. Em outras palavras, o caráter contribui para a determinação do conteúdo da expressão indexical em cada contexto. O caráter de uma sentença é uma função de contextos para o conteúdo proposicional estruturado daquela sentença em cada contexto *c*. Por exemplo: o caráter de um indexical como “eu” é uma função sobre contextos, cujo valor em cada contexto é o *agente do contexto*; o caráter de um indexical como “aqui” é uma função sobre contextos cujo valor em cada contexto *c* é a localização de *c* e assim por diante (KAPLAN, 1989; TEIXEIRA, 2012).

Determinando o resultado da função do caráter da expressão indexical, teremos o conteúdo. O conteúdo seria uma função de uma função que tem como argumentos o caráter e a circunstância de avaliação (ou mundo possível) que resulta, por sua vez, em um determinado valor semântico. Assim, é a partir desse conteúdo que fixamos o valor semântico da expressão linguística. Dessa forma, o conteúdo de “eu” com respeito ao contexto *c* é o agente de *c* (o indivíduo especificado pelo uso do indexical “eu”); o conteúdo de “aqui” é a localização de *l*, i.e., o local especificado pelo proferimento do agente do contexto; o conteúdo de “agora” é o tempo de *c*, i.e., o tempo especificado pelo momento do proferimento realizado pelo agente do contexto.

Como pretendemos mostrar na seção seguinte, acreditamos que sentenças como (78) - (81), parafraseadas abaixo pelas exclamativas-wh correspondentes (82) – (85), são intrinsecamente indexicais por serem sempre interpretáveis contextualmente; em outras palavras, exclamativas seriam sempre indexicais, pois levariam em conta, em sua interpretação, informações contextuais.

(82) Quanta barata *aqui* nessa casa!

(83) Como *você* é lento!

- (84) Que bonita *aquela* mulher!
 (85) Quão horrível *isso* que *eu* fiz!

Todas essas sentenças só podem receber seu valor semântico se nos ativermos ao cálculo dos indexicais. Essa indexicalidade das exclamativas-wh permanece ainda que a sentença em questão não contenha um item indexical morfofonologicamente realizado. Assim, quando proferimos uma sentença exclamativa como (86)

(86) Que frio absurdo!

a interpretação semântica considera essa avaliação com parâmetro indexical. Noutras palavras, trata-se de uma avaliação indissociável da perspectiva do falante, tendo como pressuposto um contexto *hit et nunc* (aqui-e-agora).

Nossa hipótese neste capítulo é a de que as exclamativas-wh são o que a literatura denomina como *expressivos mistos* (GUTZMAN, 2011), de modo que as sentenças devem ser avaliadas em termos de condição de verdade e condições de felicidade (da expressividade). Dito isso, a sentença em (85) só é passível de ser analisada em termos de vericondicionalidade se nos ativermos ao momento e ao espaço/lugar em que foi proferida e à avaliação subjetiva por parte do falante. Desta forma, a noção de *contexto* é fundamental para a análise, tal como a noção de *mundo possível*, uma vez que o predicado “frio” é vago e depende da avaliação do falante (o cálculo semântico do que venha a ser ‘frio’ pode variar a depender do mundo possível a ser considerado). As características das exclamativas-wh, nesse sentido, se aproximariam das características dos indexicais, uma vez que seu conteúdo deve ser avaliado sempre com base em certos parâmetros indexicais (*contexto e mundo possível*).

Para além da avaliação dos parâmetros indexicais (contexto e mundo possível), uma vez que as exclamativas são avaliadas em uma camada vericondicional e também em uma camada expressiva, as sentenças devem atender aos critérios uso-condicionais. Segundo Rett (2011), para que a ocorrência de uma exclamação seja expressivamente correta⁶², seu conteúdo deve estar saliente (i.e., deve haver evidência direta do conteúdo predicado) e o falante deve considerar “surpreendente” esse conteúdo. Verhagen (2005), por sua vez, vai ainda mais longe ao enfatizar esse caráter indexical das exclamativas, alegando que essas construções são intrinsecamente subjetivas. Em sua definição, a

⁶² Em uma perspectiva multidimensional, como a que adotamos para analisar as exclamativas, as sentenças devem ser analisadas em um nível vericondicional, atendo-se às condições de verdade da sentença, e também em um nível uso-condicional, atendo-se às condições de felicidade do uso dessa sentença (GUTZMAN, 2016)

subjetividade estaria relacionada tanto ao fato de as exclamativas não serem objetivas, quanto ao fato de não serem compartilhadas.

Nessa perspectiva, as exclamativas são expressões que, intrinsecamente, revelam o ponto de vista do falante perante certo objeto ou evento. Deste modo, seriam o grau extremo da *auto-expressão*, no sentido de que o conteúdo avaliado não é compartilhado pelo ouvinte (que pouco importa na veiculação desse tipo sentencial)⁶³. Nesse sentido, as exclamativas-wh também teriam similaridades com as estruturas de *predicados de gosto pessoal* (PGP), uma vez que em ambas as construções é necessário computar a subjetividade do falante e considerar essa subjetividade como parâmetro de avaliação. Advogamos em prol da hipótese de que ambas as estruturas sejam autocêntricas, de modo que a avaliação veiculada por essas estruturas é sempre indexical⁶⁴. Vejamos a seguir alguns paralelos semânticos entre as duas construções.

2.2 Paralelos entre exclamativas-wh e predicados de gosto pessoal

Segundo Lasersohn (2005), em sentenças contendo PGPs, as condições de verdade devem ser avaliadas a partir de um parâmetro adicional: o juiz do contexto. O juiz seria, então, um parâmetro contextual *à la* Kaplan (1989), a partir do qual um conteúdo seria avaliado como verdadeiro ou falso (MARQUES, 2018).

Uma vez identificada essa propriedade, e assumindo esse parâmetro para a avaliação das condições de verdade das exclamativas-wh, é possível estabelecer um paralelo semântico entre os dois tipos de construções. Para evidenciarmos essas semelhanças entre as exclamativas-wh e os PGP, consideremos as sentenças exclamativas em (87) e (88), e a sentença contando com PGP em (89):

- (87) Que alta a Ana!
- (88) Quanta roupa azul nessa loja!
- (89) O bolo de laranja é gostoso.

⁶³ Como veremos adiante, a *expressividade* cumpre um papel de destaque na distinção estrutural entre diferentes tipos de exclamativas-wh do PB. Sabemos que se a hipótese semântica de que as exclamativas seriam um grau extremo da *auto-expressão* for adequada, teremos uma base para desenvolvermos argumentos sintáticos a respeito das categorias envolvidas na exclamatividade-wh, tal como discutiremos no capítulo seguinte.

⁶⁴ Sendo este o caso, o traço de indexicalidade deve, obrigatoriamente, estar envolvido na derivação das exclamativas-wh, como explicitaremos na seção 3.3.

Todas as sentenças acima veiculam uma atitude do falante perante seu predicado, ainda que com diferentes implicações: em (87), temos a expressão de uma exclamação do falante quanto à altura da Ana; em (88), uma surpresa perante um conjunto de roupas consideradas azuis pelo falante numa loja; e em (89), a expressão de gosto pessoal sobre um determinado bolo (de um determinado tipo). As exclamativas-wh em (87) e (88) se diferenciam em termos de estrutura⁶⁵: a estrutura “*quanto + DP + AdjP*” é o que a literatura chama de *sintagma-wh numérico ou de quantidade*, implicando um significado escalar distinto da estrutura “*que + AdjP + DP*” (NOUWEN e CHERNILOVSKAYA, 2015).

Temos então dois tipos de estruturas de exclamativas-wh e esses dois tipos diferem semanticamente em termos de tipo de significado escalar que veiculam: o primeiro tipo, exemplificado em (87), expressa uma atitude exclamativa perante a intensão da denotação da exclamativa-wh, i.e, a característica de ser alta (*i-level*), enquanto o segundo, exemplificado em (88), expressa uma atitude perante a extensão da denotação da exclamativa-wh, i.e., a uma quantidade de objetos dotadas de uma certa característica que esse referente veicula, no caso, o fato de ser azul (*e-level*).

Apesar dessa diferença semântica entre (87) e (88), ambas são similares a (89) em um outro aspecto: a dependência de perspectiva de um juiz. A vericondicionalidade dessas sentenças depende da avaliação de um juiz e essa avaliação resulta em *faultless disagreements*, um fenômeno no qual, embora um falante negue diretamente o que o outro fala, nenhum dos dois está proferindo algo falso (MARQUES, 2018). Dito isso, observemos os diálogos possíveis abaixo:

- (90) **João:** - A Ana é alta
 (90') **Maria:** - Não acho. Sou mais alta que ela
- (91) **Antônia:** - O bolo de laranja é gostoso
 (91') **Pedro:** - Prefiro o de limão
- (92) **Fernanda:** - A roupa dessa loja é bonita!
 (92') **José:** - Essa roupa é horrorosa, isso sim!

Em linhas gerais, o *faultless disagreement* pode ser caracterizado como um fenômeno em que: i) os interlocutores discordam um do outro; ii) os falantes disseram

⁶⁵ Como veremos adiante, na seção 3.4, o PB oferece dados para argumentarmos que as exclamativas-que e as exclamativas-quanto se diferenciam estruturalmente em ao menos um aspecto: a natureza semântica de seu traço de gradatividade (quantitativo nas exclamativas-quanto; qualitativo nas exclamativas-que).

algo verdadeiro – contando que os interlocutores sejam sinceros com sua opinião –; e iii) esse desacordo não pode ser resolvido (PERSON, 2013; MARQUES, 2018).

Todavia, aqui cabe uma ressalva: em (90), a subjetividade recai sobre a incerteza no que diz respeito às dimensões de avaliação envolvidas na afirmação que contém o predicado “alto”, enquanto em (91), a subjetividade recai sobre avaliações qualitativas. Em outras palavras, em (90) trata-se mais de um problema de vagueza, que pode ser resolvido em estruturas de comparação – como podemos ver num diálogo como (93) – uma vez que o predicado apresenta escala de medida objetiva e verificável, enquanto em (91), tal verificação não é possível, dado o caráter intrinsecamente subjetivo da avaliação (MARQUES, 2018).

- (93) a. **João:** - A Ana é alta
 b. **Maria:** - Mais ou menos... ela tem 1,70. É mais baixa que eu

Assim, predicados como “alto”, “baixo”, “curto”, “longo”, “rápido”, etc. são o que a literatura denomina como *predicados vagos* (FLEISHER, 2013). Mas, em última instância, esse impasse pode ser resolvido, porque esses predicados são avaliados a partir de certos parâmetros. No diálogo em (93), vemos uma discussão sobre a altura de Ana e a vericondicionalidade de (93a) parece ser dependente do parâmetro de avaliação: Maria contesta a veracidade da sentença, alegando ser mais alta que a Ana em (93b); contudo, se o parâmetro de avaliação for a altura para ser um jôquei, por exemplo, a sentença em (93a) pode ser compreendida como verdadeira.

Por outro lado, sentenças envolvendo predicados como “gostoso” e “bonito” tais como em (90) e (91), falam sobre o gosto pessoal e subjetivo de um indivíduo, de forma que tal impasse não pode ser resolvido.

O problema do *faultless disagreement* é encarado de diferentes formas em diferentes abordagens, havendo quem diga que esse desacordo é possível e quem diga que esse desacordo não é possível e, nesse embate, alguém está dizendo a verdade (MARQUES, 2018).

Em uma perspectiva relativista, Lasersohn (2005) alega que os predicados de gosto não podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos sem que se estabeleça uma perspectiva na qual serão avaliados. Dessa forma, o autor define o conceito de juiz: o indivíduo relevante no contexto de proferimento da sentença cuja perspectiva será considerada para julgar a vericondicionalidade da sentença. Assim, para lidar com o

problema de *faultless disagreement*, Lasersohn (2005) propõe que os PGPs podem ser avaliados a partir de dois tipos de perspectiva: i) a perspectiva autocêntrica e ii) a perspectiva exocêntrica.

Na perspectiva autocêntrica, o próprio falante da sentença é quem serve de juiz para avaliar o conteúdo da sentença proferida; na perspectiva exocêntrica, o juiz não é o mesmo indivíduo que profere o predicado. Essa última perspectiva é menos comum, embora seja possível: imaginemos um cenário em que a Maria tem um cachorro e comprou dois brinquedos para ele brincar, mas o cachorro ignorou totalmente um deles, brincando apenas com o outro. Maria então poderia proferir:

(94) Esse brinquedo é divertido, mas aquele não é.⁶⁶

Essa dependência de perspectiva (e juiz) também é algo próprio das exclamativas-wh: essas sentenças são compreendidas como intrinsecamente dêiticas, tendo o conteúdo avaliativo veiculado atrelado à perspectiva do falante. Esse aspecto indexical é reflexo da natureza subjetiva das exclamativas, sendo o grau máximo de uma perspectiva autocêntrica (VERHAGEN, 2005). A ideia seria a de que o conteúdo das exclamativas não seria ‘compartilhado’, sendo sempre uma expressão do ponto de vista do falante⁶⁷. Autores como Badan e Cheng (2015) denominam esse fenômeno de *ego-evidentiality*. É possível que a noção de *ego-evidentiality* (ou auto-expressão, para alguns autores) seja mais um traço envolvido na exclamatividade-wh. Argumentamos, todavia, que *ego-evidentiality* pode ser codificado na sintaxe a partir dos traços de indexicalidade e avaliação (ver seção 3.1).

Sendo esse o caso, aqui temos uma diferença entre as exclamativas-wh e os PGPs: enquanto o conteúdo do último pode ser avaliado autocentricamente e exocentricamente, as exclamativas apenas permitem a perspectiva autocêntrica: o falante faz a avaliação do predicado exclamado:

(95) Que casa bonita você tem!

⁶⁶ Esse exemplo, obviamente, é controverso: a avaliação de “divertido”, em última instância, ainda é do falante, uma vez que há uma conclusão não logicamente garantida em considerar que o cachorro não brinca com o outro brinquedo por ele não ser “divertido”.

⁶⁷ O fato de o ‘ponto de vista do falante’ parecer estar envolvido neste tipo de construção, faz com que alguns autores (SPEAS e TENNY, 2003; GIORGI, 2008) argumentem que seu *locus* de valoração seja em uma zona alta do CP (ver seção 3.5). Todavia, considerando que o conteúdo das exclamativas não seria ‘compartilhado’, não haveria necessidade de categorias funcionais em CP para codificar traços de atos de fala (tal como *hearer*, por exemplo).

(96) Que gostosa essa comida!

Nas sentenças (95) e (96) há a expressão de um julgamento de algo que é tido como surpreendente pelo falante, de modo que não é possível que a avaliação de (95) e (96) seja atribuída a outra pessoa que não o falante que expressou tais sentenças, sendo estritamente autocêntricas⁶⁸.

Essa distinção entre exclamativas-wh e PGP's também fica explícita quando observamos tais sentenças encaixadas em verbos de atitude. Consideremos as sentenças abaixo:

- (97) Esse bolo é gostoso
- (98) João acha *esse bolo gostoso*.
- (99) Pedro acha que João acha *esse bolo gostoso*
- (100) Como é linda aquela mulher!
- (101) João sabe *como é linda aquela mulher!*
- (102) *João acha *como é linda aquela mulher!*
- (103) *Pedro acha que *João acha como é linda aquela mulher!*

Atendo-nos às sentenças acima, vemos que, quando uma sentença com PGP é encaixada em um verbo de atitude, o indivíduo cujo gosto será levado em consideração na avaliação da sentença não é quem a profere, mas sim o sujeito da sentença matriz. Dessa forma, é impossível que a avaliação do bolo ser gostoso seja atribuída a outro

⁶⁸ Um contra-argumento possível ao autocentrismo das exclamativas pode ocorrer com as seguintes situações: a) alguém vê seu gato, que é, em geral, bastante chato para comer, devorar com vontade a comida nova, e diz:

i) Que comida gostosa!

ou b) alguém leva um cachorro para passear e, vendo a alegria do bicho, profere:

(ii) Que passeio divertido!

Todavia, tanto em (i), quanto em (ii), o falante está “fingindo” ser outro indivíduo e assumindo isso ao veicular essas sentenças: em (i), o falante “finge” ser o gato e em (ii) alguém finge ser o cachorro. A avaliação está sendo atribuída a outro indivíduo, mas essas pessoas estão emulando o que provavelmente o gato ou o cachorro fariam (se falassem), e talvez isso seja um problema em termos de captura de significado: em (i) e (ii) não se trata apenas da avaliação de uma outra pessoa, mas sim, da avaliação de outra pessoa que pensa que aquele indivíduo avaliaria daquela maneira. Nesse sentido, a avaliação ainda não é (totalmente) de outro falante, em alguma medida. Desconsideramos esses exemplos como contra-argumentos à perspectiva autocêntrica das exclamativas, pois, seguindo essa linha de raciocínio, não existiriam nem indexicais totalmente autocêntricos. Ex: imagine um cenário em que você vê uma pessoa caindo de skate e ralando todo o joelho. Vendo a cena aflito, você diz “*ai*, essa doeu”. A questão é: podemos considerar a interjeição “*ai*” como sendo também exocêntrica, com base nesse cenário? Acreditamos que não.

indivíduo que não “João” em (98). Contudo, quando encaixamos (98) novamente, gerando (99), a avaliação recai sobre o sujeito da oração matriz, no caso “Pedro”.

Dessa forma, observamos que, apesar de a avaliação ser dependente de uma perspectiva de um juiz, este juiz pode ser transferido para outro sujeito, dependendo da configuração sintática em PGPs. Tal transferência de juiz, todavia, não é possível em exclamativas-wh.

A propósito, como podemos constatar a partir da agramaticalidade em (102) e (103), não é possível encaixar exclamativas em predicados não-factivos. Elliott (1974) foi o primeiro a observar isso no inglês e Grimshaw (1979) ampliou a hipótese, observando que as sentenças exclamativas seriam intrinsecamente factivas, o que explicaria por que apenas a sentença exclamativa encaixada por um verbo factivo em (101) é gramatical.

Como vimos no capítulo anterior, essa propriedade de factividade foi formalizada de diferentes formas por diversos teóricos: Gutierrez-Rexach (1996), por exemplo, deriva a factividade a partir da denotação de um operador exclamativo ilocucionário, que incluiria um predicado emotivo nulo; Zanuttini e Portner (2003) argumentam que a factividade das exclamativas é codificada sintaticamente por um operador factivo de CP. Contudo, tal propriedade não é consensual na literatura (CASTROVIEJO, 2006; MAYOL, 2008).

De todo modo, adotando uma perspectiva relativista, como a de Lasersohn (2005), mencionada acima, para o problema de *faultless disagreement*, PGPs e sentenças exclamativas difeririam quanto à possibilidade de transferência de juiz. Em sentenças exclamativas, tal possibilidade é banida e a avaliação é sempre do falante.

2.3 Paralelos entre exclamativas-wh e expressivos

Uma outra perspectiva possível para lidar com o *faultless disagreement* é a partir da abordagem expressivista (MARQUES, 2018). Tal abordagem é compatível com a conjectura de que, para além de uma camada descritiva, alguns itens linguísticos também veiculam uma camada expressiva⁶⁹.

Desde Kaplan (1989), os linguistas (em particular, os semanticistas) começaram a dar uma maior atenção a um aspecto do significado linguístico que, mesmo notado na

⁶⁹ Sintaticamente falando, ainda não é de todo claro se a zona que essa camada expressiva ocupa na estrutura da sentença seria uma posição alta do *middlefield* (IP) ou uma posição da periferia esquerda (CP).

literatura, não era alvo de estudos sistemáticos. Trata-se de itens, construções ou expressões linguísticas que não veiculam um conteúdo vericondicional, mas sim uso-condicional, por veicularem opiniões, gostos e avaliações subjetivas do falante.

Alguns itens linguísticos expressam apenas um estado de emoção do falante, sem qualquer conteúdo descritivo. É o caso das interjeições como ‘oops’, ‘ai’, ‘putz’, etc., como também o caso de itens pejorativos.

Foi esse o *insight* inicial de Kaplan (1989), ao contrastar o item lexical ‘oops’ com a sentença ‘eu acabo de observar/cometer um pequeno deslize’. O item lexical “oops” não parece ter uma dimensão descritiva, uma vez que não se refere a nada no mundo; contudo, o termo tem um significado e este parece ser o mesmo da sentença “eu acabo de observar um pequeno deslize”.

Além das interjeições, há outras expressões linguísticas que são relacionadas às experiências inerentes do falante. Um exemplo clássico desse tipo de expressão são os termos pejorativos como ‘damn’ (‘maldição!’), ‘fuck’ (‘porra!’) do inglês, e seus correlatos nas diferentes línguas naturais. Tais itens, apesar de carecerem de uma dimensão referencial, veiculam uma carga informacional, porém uso-condicional⁷⁰.

Para além do fato de exibirem um conteúdo informacional, esses termos parecem veicular uma carga de expressividade, expressando a emoção do falante no momento da fala. Itens expressivos, como os denominados ‘palavrões’ do PB, para além de serem tabus na sociedade, podem ser utilizados como modificadores/intensificadores enfáticos.

Segundo Potts (2007), uma representação descritiva de uma ocorrência expressiva deixa de capturar algo que os expressivos veiculariam (tal propriedade, como veremos adiante, é denominada de *inefabilidade descritiva*). Isso justificaria a escolha de itens expressivos ao invés de descritivos para expressar maior emoção.

Um dos pontos ainda em discussão sobre essa proposta é se itens podem ter um conteúdo descritivo e expressivo ao mesmo tempo (os denominados *expressivos mistos*). As denominadas sentenças exclamativas-wh comumente são vistas como candidatos desta categoria:

⁷⁰ A ideia de uso-condicionalidade está no centro da abordagem da semântica multidimensional (GUTZMAN, 2015). Nesse modelo semântico, para além das condições de verdade, o uso é levado em consideração na derivação. Assim, nessa linha de pensamento, tal como os indexicais, as exclamativas também precisariam de mais ferramentas conceituais do que a clássica noção de vericondicionalidade (que computa as condições de verdade de uma sentença) para serem derivadas. Nesse sentido, a uso-condicionalidade é o cálculo a respeito das regras de uso dessas sentenças (i.e., em quais contextos essas sentenças são felizes e passíveis de serem ditas).

- (104) Quanto livro velho!
 (105) Caramba, esse bolo está gostoso!
 (106) Puta música bonita!

As sentenças de (104) a (106), não podem ser avaliadas apenas em termos de valor de verdade, pois a avaliação sobre o que venha a ser “velho”, “gostoso” e “bonita” passa pelo crivo da avaliação subjetiva do falante. Tais sentenças parecem obedecer aos critérios para serem expressivos (predicam sobre o momento de fala; sua avaliação depende de perspectiva; há um imediatismo, etc.) mas também veiculam informação descritiva. Em (104) há duas interpretações possíveis: i) o falante está surpreso com a quantidade de livro que data de muito tempo atrás e ii) o falante está surpreso com o estado desgastado dos livros. Há ainda uma terceira interpretação possível, segundo a qual o falante está surpreso, ao mesmo tempo, tanto com a quantidade de livros antigos como pelo estado desgastado dos livros. Em (105), temos um falante que considerou gostoso um bolo que comeu. Em (106), há um falante que considera bastante bela uma canção em específico. Assim, há uma dimensão descritiva envolvida, que, em última instância, é passível de verificação no mundo, embora envolva vagueza e subjetividade (é possível que haja discordância a respeito do que venha a ser “velho”, “gostoso” e “bonita”, gerando o problema do *fautless disagreement*) e há a dimensão expressiva, que é justamente a carga avaliativa do falante⁷¹. Essa dimensão expressiva se manifesta de formas distintas nas sentenças: em (104), o elemento-wh “quanto” é o responsável por essa veiculação; em (105), a expressividade se manifesta por meio do intensificador “caramba” e em (106), pelo termo pejorativo (com leitura de intensificador) “puta”, que é considerado na literatura como um intensificador expressivo (FOOLEN, 2005)

Em todas as sentenças exclamativas há a expressão de um estado emocional do falante sobre um estado de coisas que extrapola suas expectativas. Essa extrapolação da expectativa do falante perante um objeto ou evento gera a surpresa, que é expressa na veiculação dessas sentenças, no ato de exclamar (ELLIOTT, 1974; MICHAELIS, 2001; ZANUTTINI e PORTNER, 2003).

⁷¹ Essa carga de expressividade, enquanto informação pragmática do falante, é o que justifica a postulação de projeções de Speech Act Phrase, acima de ForceP. Segundo alguns autores, essas projeções seriam necessárias para codificar as informações do falante, do ouvinte e os demais ‘papéis pragmáticos’: “The five pragmatic roles (speaker, hearer, source, self, pivot) that seem to be distinguished result from (and are definable as) the allowable combinations of the heads plus the possible coindexings between them (...) the five roles seem to fall into a hierarchy, because of the scope relations between the syntactic heads: the Speech Act head has scope over the Point of View/evaluative/evidential head” (SPEAS e TENNY, 2003). Como veremos adiante na seção 3.5, propostas similares foram desenvolvidas para codificar o caráter expressivo e a indexicalidade na estrutura sintática (GIORGI, 2010).

Nesta mesma direção, Gutzmann (2015) argumenta que não é possível afirmar categoricamente que sentenças que contenham PGPs necessariamente expressam valores de verdade. Nessa perspectiva, predicados de gosto (e exclamativas) devem ser avaliados em dois níveis de significado: a dimensão vericondicional e a dimensão expressiva. Na dimensão vericondicional, haveria o julgamento da sentença como verdadeira ou falsa de acordo com suas condições de verdade no mundo, enquanto que, na dimensão expressiva, seria analisada a felicidade (em um sentido griceano) no seu uso, ou seja, em que contextos ela pode ser proferida com felicidade.

- (107) Que gostoso esse bolo!
 (108) Esse bolo é muito gostoso.

A análise de sentenças como (107) e (108) precisa ser bidimensional: na camada descritiva, podemos extrair que há um bolo e o falante faz uma avaliação sobre esse objeto; na camada expressiva, identificamos que o falante gostou do bolo (e por isso o classificou como “gostoso”). A questão pendente é: há alguma distinção semântica entre (107) e (108), uma vez que a diferença parece estar somente na troca dos primeiros elementos do predicado (“que”, “muito”)?

Sibaldo (2016), ao tratar das *small clause livres*⁷² nucleadas por “que” no PB (109), denominadas pelo autor de *que-SCLs*, em contraste com estruturas similares sem o elemento-wh (110), doravante SCLs, encontra uma série de distinções sintáticas entre essas duas estruturas, além de algumas semelhanças.

- (109) Que linda essa bolsa!
 (110) Muito linda essa bolsa!

O autor aponta que a diferença entre (109) e (110) parece estar somente na troca dos primeiros elementos do predicado (“que”, “muito”). Sibaldo (2016) também destaca que esses elementos, como dito anteriormente, parecem estar em distribuição complementar, dado que (111) e (112) não são gramaticais no PB:

- (111) *Que muito linda essa bolsa!

⁷² Esse tipo de estrutura sintática, compreendida como um tipo de construção exclamativa por alguns autores (SIBALDO, 2009, 2016; PINHEIRO, 2019), foi amplamente estudada no PB (FOLTRAN, 2001; FOLTRAN e MIOTO, 2007; FOLTRAN e MIOTO, 2007; KATO, 1988, 2007; LOBATO, 2016, dentre outros).

(112) *Muito que linda essa bolsa!

Sobre o status exclamativo das que-SCLs, com o aporte dos testes de Zanuttini e Portner (2003), o autor afirma que tanto que-SCLs quanto SCLs sem a presença do determinante “que” são estruturas exclamativas. Além disso, também é afirmado que ambas as estruturas têm um caráter sentencial, e não nominal. Para demonstrar isso, o autor usa um teste bastante conhecido na literatura para saber se uma determinada estrutura é um nome ou uma sentença: o teste de clivagem. Com base neste teste, apenas nominais e CPs completos poderiam ser clivados (cf. BARTRA e VILLALBA, 2006), o que não é o caso das SCLs do português brasileiro, como podemos ver em (114) e (115) abaixo (SIBALDO, 2016, p. 123).

(113) Foi [DP o idiota do marinho] que o Pedro viu.

(114) *Foi [(que) bonita a sua roupa] que eu achei.

(115) *Foi [que/uma merda aquele filme] que eu considerei.

Todavia, apesar dessas similaridades, essas estruturas têm configurações distintas: SCLs se comportam como um Sintagma de Tempo (TP), enquanto que que-SCLs se comportam como um Sintagma Complementizador (CP). Para sustentar essa linha de análise, Sibaldo (2016) argumenta que o DP sujeito nas SCLs e que-SCLs estejam numa posição-A e não-A', respectivamente. Entre os argumentos dados para corroborar tal hipótese, o autor mostra que quantificadores podem ocupar a posição de sujeito das (que-)SCLs e que quantificadores não podem ocupar uma posição A'⁷³ (SIBALDO, 2016, p. 121):

(116) *Um/Que* amor **cada** um de vocês!

(117) *Muito/Que* lindos **todos** esses seus sapatos!

Contudo, as que-SCLs parecem se diferenciar das SCLs em relação, principalmente, ao seu predicado: enquanto que o predicado das SCLs está numa posição-A, o predicado das que-SCLs parece estar numa posição-A'. Isso porque constituintes contendo a estrutura com partícula “que” + adjetivo não podem ficar numa posição-A, tendo que ser alçados para uma posição-A' por conterem o traço [+ wh] que deve ser

⁷³ Contudo, como é apontado por muitos autores, o elemento-wh, que é um quantificador, pode subir para uma posição como a de foco sentencial, que seria uma posição A' (KATO, 2002; SZABOLSCI, 2017). Ademais, segundo Rizzi (2018, p.527), o quantificador acompanhado de um nome pode estar em posição de tópico. Isso enfraqueceria o argumento de Sibaldo.

checado (CHOMSKY, 1995), ou ter seu critério satisfeito (RIZZI, 1996), com a sua subida para alguma posição na zona do CP.

Sobre a restrição semântica do predicado, Sibaldo (2016) argumenta que as (que-)SCLs não podem aparecer com predicados que não contenham algum grau. Assim, o predicado ideal das (que-)SCLs são adjetivos gradativos ou DPs “avaliativos”, cuja estrutura é composta por um núcleo nominal N, do qual normalmente são derivados adjetivos avaliativos (*um luxo > muito luxuoso*) capturando de alguma forma a ideia de grau.

Assumindo essa análise, além da restrição do predicado, é possível hipotetizar sobre uma distinção semântica entre as (que-)SCLs e SCLs iniciadas por “quanto/quanta”, que denominaremos aqui de (quanto-)SCLs. Assim, consideremos (118) e (119) abaixo:

(118) Que bacana essa música!

(119) Quanta bagunça nessa casa!

As sentenças (118) e (119) – ambas SCLs – seriam distintas em termos de significado: em (118), a surpresa recai sobre as características da música; logo, há uma atitude exclamativa perante o referente-wh (i-level); já em (119), a surpresa expressa recai sobre a quantidade de bagunça na casa, de modo que há uma atitude exclamativa perante o fato de a casa estar desarrumada, constituindo uma atitude exclamativa perante o evento veiculado (e-level). Perceba que se alterarmos o elemento-wh da sentença (118) para um elemento e-level, conseqüentemente alteramos sua leitura e a sentença se torna agramatical:

(120) *Quanta bacana essa música!

Nossa hipótese é a de “que” e “muito” pertencerem à classe de intensificadores. Contudo, “que”, quando em posição inicial de sentença, sendo núcleo de exclamativa, pertenceria à classe dos *intensificadores expressivos*.

Ao analisar diferentes variedades de alemão coloquial, Gutzmann e Turgay (2015) identificam uma classe diferente de intensificadores que aparecem em construções de grau, que seriam as expressões “sau”, “voll” e “total”. Tais intensificadores seriam diferentes de intensificadores “comuns”, por poderem modificar outros intensificadores da mesma natureza e terem uma carga maior de expressividade.

Seguindo essa linha de raciocínio, Richter e Van Hout (2017) propõem que o elemento-wh “*wie*” (‘que’) do alemão seja um intensificador deste mesmo tipo, uma vez que o determinante também é um veiculador de grau, sendo modificador de adjetivos graduais (RETT, 2015):

- (121) *Wie cool ist das den!*
Que legal foi isso
‘Que massa isso!’

Os autores também observam que o determinante “*wie*” (‘que’) pode co-ocorrer com intensificadores de propriedades semânticas similares, mas não pode co-ocorrer com intensificadores de propriedades distintas (RICHTER e VAN HOUT, 2017, p. 133):

- (122) *Wie unglaublich/übelst/voll* cool was das denn!
Que incrivelmente/totalmente/extremamente legal foi isso
“Que extremamente massa foi isso!”

- (123) **Wie sehr/äußerst cool war das denn!*
Que muito/bastante legal foi isso
“Que muito massa!”

Sendo esse caso, é plausível argumentar que talvez o determinante ‘que’ do PB se comporte de maneira similar em construções exclamativas. Isso explicaria a agramaticalidade em (124) e (125) que reproduzimos abaixo: com o item-wh ‘que’ sendo um intensificador expressivo, ele só poderia co-ocorrer com um outro modificador expressivo.

- (124) *Que muito linda essa bolsa!
(125) *Muito que linda essa bolsa!

À primeira vista, os elementos “que” e “muito” parecem ser dotados de uma mesma valoração semântica, i.e., dotados de um mesmo sentido, uma vez que ambos modificam/intensificam a avaliação veiculada por um adjetivo. Assim, seria possível escolher entre um elemento ou outro para veicular expressões similares:

- (126) Que legal!
(127) Muito legal!
(128) Que gostoso!
(129) Muito gostoso!

Ademais, conforme mostramos anteriormente, tais elementos não podem ocorrer em exclamativas:

- (130) *Que muito legal!
- (131) *Que muito gostoso!
- (132) *Que muito legal essa ideia!
- (133) *Muito que gostoso!

Contudo, tais elementos não são intercambiáveis quando o elemento a seguir é um nome, impondo mais uma restrição sintática:

- (134) Que ideia legal!
- (135) # muita ideia legal!
- (136) Que musica bonita!
- (137) # muita música bonita!

Para além de argumentos sintáticos para a não co-ocorrência de “que” e “muito” (juntos!) em posição inicial de exclamativas (repare que, por (130-133), esses elementos parecem estar em distribuição complementar), haveria o argumento semântico de que tais itens não podem ocorrer por serem intensificadores de tipos distintos: sendo “que” um elemento expressivo, ao contrário de “muito”.⁷⁴⁷⁵

Outros termos que podem ser considerados termos expressivos e que podem funcionar como intensificadores são os termos pejorativos, vulgo “palavrões”. Mas não só: itens de avaliação subjetiva como “jóia”, “bacana”, “beleza”, “maravilha”, “massa”, etc., também podem ser considerados *itens expressivos* (FOOLEN, 2015).

Um teste para sabermos se um intensificador é do tipo expressivo é a verificação de co-ocorrência com outros itens expressivos. No PB, podemos observar isso quando combinamos o determinante “que” com os pejorativos, tal como em (138) e (139):

⁷⁴ Ambas sentenças são possíveis com uma outra interpretação semântica: em (135) e (137), ao contrário de (134) e (136), a interpretação não é mais que há uma e apenas uma ‘ideia’ ou ‘música’ que é digna de nota, mas sim que há um conjunto de ideias e/ou músicas que recebem essa avaliação. Outra diferença é que tais sentenças (135 e 137) não podem ser ditas em contextos *out-of-blue*.

⁷⁵ Segundo Foolen (2015), elementos expressivos só podem ser combinados com outros elementos expressivos. Nesse sentido, alguns dados do PB, mostrados abaixo, corroborariam para essa distinção entre “que” e “muito” (onde “que” seria um elemento expressivo, enquanto “muito” não):

- i) que caralho!
- ii) que merda!
- iii) *muito caralho!
- iv) *muita merda!

- (138) *Que ideia foda!*
 (139) *Que ideia foda do caralho!*
 (140) ?Muita ideia foda!⁷⁶
 (141) ?Muita ideia foda do caralho!

Assim, propomos que a diferença entre “muito” e “que”, quando em posição inicial de sentença em *small clauses*/sentenças exclamativas, é uma questão de expressividade: “que” seria um intensificador expressivo. Uma vez que exclamativas-wh são construções expressivas, apenas intensificadores com esse importe são permitidos, o que explicaria a estranheza em (140) e (141).

Por fim, uma última questão a ser tratada é a explicação para a “estranheza” da exclamativa-que (71b), trazida no início do capítulo:

- (71b) **Que bolo vegano!*⁷⁷

Uma explicação plausível para esse dado seria argumentar que tal agramaticalidade se deve a uma restrição semântica do predicado das exclamativas-que, relacionada à gradabilidade do predicado. Exclamativas-wh no PB não podem se combinar com predicados que não contenham algum grau, o que seria o caso do predicado “vegano”. Contudo, uma outra explicação para agramaticalidade em (71b) pode ser desenvolvida em linhas de *expressividade*. Como vimos na seção anterior, é plausível considerar que as exclamativas-wh veiculem um conteúdo misto: há uma predicação descritiva (que se refere ao evento/objeto veiculado pelo falante), mas também há uma predicação expressiva (veiculada na avaliação do falante sobre esse evento/objeto). Assim, considerando que o determinante “que” em exclamativas-wh é um intensificador expressivo que, conseqüentemente, modifica predicados expressivos, (71b) seria agramatical devido à carência da dimensão expressiva no predicado “vegano”, que é um adjetivo referencial (MILNER, 1978) e estritamente descritivo.

⁷⁶ No caso da sentença em (139), ela pode ser expressa; contudo, a sentença não veicula o mesmo significado e sua denotação é distinta: o referente não é apenas uma ideia, mas um conjunto de ideias.

⁷⁷ No caso de uma sentença como “que bolo *bem* vegano”, sua veiculação é possível graças ao modificador “bem” antecedendo o predicado “vegano”, modificando sua leitura semântica. Neste caso, “vegano” não seria estritamente referencial, mas sim, expressivo (com uma interpretação de que o bolo em questão teria os “esteriótipos” do que venha a ser vegano, i.e., o predicado teria uma leitura *i-level*).

Tal análise corrobora a hipótese de que exclamativas-wh veiculariam um *ato ilocucionário expressivo*, relacionado ao fato de o falante estar diante de algo que vai além, numa certa escala, daquilo que esperava ou previa.

Todavia, as exclamativas e as exclamações ainda impõem desafios para uma teoria do significado, porque a interação entre o conteúdo proposicional e a semântica associada fazem emergir diferentes tipos de força ilocucionária com diferentes configurações morfossintáticas, a depender da língua: em holandês, há formas específicas de marcar um constituinte exclamativo em exclamativas-wh e, contrariando um certo consenso na literatura (BENINCÀ, 1996; ZANUTTINI e PORTNER, 2003; AMBAR, 2003), há indícios de que seu processo derivacional seja totalmente distinto do processo derivacional das interrogativas-wh⁷⁸ (BENNIS, 2000); em húngaro, sintagmas-wh em exclamativas são encontrados em posições distintas: uma correspondendo a uma posição de foco, imediatamente acima de VP, e outra posição mais alta, para onde os sintagmas de quantidade (*many-phrases*) são deslocados (LIPTAK, 2005).

Como veremos no capítulo a seguir, a investigação interlinguística das exclamativas-wh coloca um problema para a empreitada do mapeamento das categorias funcionais existentes na GU, uma vez que diferentes línguas parecem envolver diferentes categorias funcionais na expressão da exclamatividade-wh. Para resolver este aparente problema, estabeleceremos uma organização de todas as propriedades e categorias funcionais (aparentemente) envoldidas na exclamatividade-wh e realizaremos testes de sensibilidade e co-ocorrência para organizar estes traços em um quadro sinóptico.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, estabelecemos uma discussão teórica acerca da semântica das sentenças exclamativas, mais especificamente, a respeito da denotação das exclamativas-wh em contraste com as construções indexicais e expressivas.

⁷⁸ Segundo alguns autores (BENINCÀ, 1996; ZANUTTINI e PORTNER, 2003; AMBAR, 2003), o processo derivacional das exclamativas-wh seria idêntico ao das interrogativas-wh, com a diferença de que as exclamativas veiculariam uma projeção funcional a mais na estrutura sintática: “(...) de uma análise das interrogativas e exclamativas, as interrogativas difeririam das exclamativas por não ativarem uma projeção que as exclamativas projetariam. Da mesma forma, uma exclamativa será diferente de um certo tipo de interrogativa(-wh) em pelo menos uma propriedade, traduzida no sistema pela ativação de outra projeção funcional” (AMBAR, 2003, p. 212, *tradução livre*).

Com o aporte da literatura da área e de algumas análises do PB, notamos que as sentenças exclamativas, ao contrário das declarativas, não podem ser semanticamente derivadas apenas em uma perspectiva descritiva/referencialista. Isso porque, além da predicação envolvida, nessas estruturas há também uma avaliação do falante e essa avaliação deve ser considerada como um parâmetro indexical, i.e., é uma avaliação que é indissociável da perspectiva do falante.

Tal subjetividade, aparentemente intrínseca às exclamativas, levanta alguns problemas teóricos, como o problema de *faultless disagreement* (casos em que falantes discordam, mas sem que um diga algo necessariamente falso). Em uma perspectiva vericondicional, esse problema impõe um desafio à teoria semântica (dado que o sentido, nessa perspectiva, é derivado a partir das condições de verdade da sentença).

Assim, vimos algumas formulações teóricas postuladas na literatura para resolver o problema, a saber, as abordagens relativista e expressiva. E, por fim, estabelecemos um paralelo entre exclamativas e construções expressivas como uma alternativa possível de resolver este problema.

Verificamos também que uma abordagem expressiva (representada pelo modelo de semântica multidimensional) seria uma opção viável para lidar com a subjetividade das exclamativas e também para explicar certas restrições sintáticas, como as diferenças entre as *small clauses* livres e as denominadas *que-SCLs*.

Do ponto de vista da Cartografia Sintática – que segue à risca o princípio do *one feature, one head* (KAYNE, 2005), essa subjetividade, espera-se, deve ser codificada em termos de traços na estrutura hierárquica. Como vimos ao longo deste capítulo, o problema de *faultless disagreement* parece legitimar a obrigatoriedade de pelo menos dois traços na estrutura sintática: indexicalidade e avaliação.

No capítulo seguinte, entre outras coisas, argumentaremos que essa carga avaliativa/expressiva das exclamativas desempenha um papel importante na derivação sintática, podendo ser a razão de certas distinções estruturais entre diferentes tipos de exclamativas-wh do PB, a saber, entre exclamativas iniciadas por “que” e exclamativas iniciadas por “quanto”. Por fim, retomaremos a discussão sobre o lugar da indexicalidade e da expressividade na estrutura sintática em uma perspectiva cartográfica.

3 A HIERARQUIA DOS CONSTITUENTES FUNCIONAIS NAS EXCLAMATIVAS-WH DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Considerações iniciais do capítulo

Neste capítulo, ampliando a descrição empreendida nos capítulos anteriores, e, com base na metodologia da Cartografia Sintática – que se vale sobretudo de *testes de sensibilidade e de co-ocorrência de categorias supostamente pertencentes à mesma classe* (TESCARI NETO, 2019) –, o objetivo é não só determinar as categorias que, de fato, estão envolvidas na expressão da exclamatividade-wh como também determinar a sua ordenação na hierarquia oracional.

Para tanto, pretendemos realizar uma análise sintática das sentenças exclamativas no PB, observando as categorias funcionais acionadas na estrutura da sentença, com base em suas propriedades semântico-pragmáticas, contrastando-as com a mesma estrutura em outras línguas – como o islandês (JÓNSSON, 2010); o húngaro (LIPTAK, 2005; 2011); o japonês (ONO, 2008; YAMATO, 2010); o espanhol (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001), o catalão (CASTROVIEJO, 2006) e o PE (AMBAR, 2003). A comparação é importante em virtude da vocação mesma da Cartografia enquanto abordagem tipologicamente orientada: para se tecerem conclusões sobre a Gramática Universal, a sintaxe comparativa é empreendimento necessário.

Ao nos atermos, contudo, à descrição (pela literatura, em diferentes autores) da periferia esquerda de algumas dessas línguas, percebemos que as projeções funcionais descritas nos diferentes trabalhos variam, dependendo, ao que tudo indica, de algumas propriedades sintático-semânticas das línguas em questão ou mesmo dependendo das escolhas teóricas dos respectivos autores.

Nas línguas descritas pelos autores aqui citados – cf. seção 1.3 do cap. 1 –, contudo, há mais de uma categoria envolvida na lexicalização da exclamatividade-wh: no islandês, a análise estrutural proposta por Jónsson (2010) envolve três projeções funcionais no CP: ExclP (Exclamative Phrase), HdegP (High Degree Phrase) e WhP (Wh Phrase); no japonês (YAMATO, 2010), por sua vez, as projeções funcionais acionadas são MoodP (Mood Phrase), FocP (Focus Phrase) e FinP (Finititude Phrase). Já no PE, as categorias descritas por Ambar são EvaluativeP (Evaluative Phrase), AssertiveP (AssertiveP), WhP (Wh Phrase) e FocusP (Focus Phrase). Liptak (2005; 2011), por sua

vez, descreve as seguintes categorias para o húngaro: FocusP (Focus Phrase), ManyP (Many Phrase),

A descrição das exclamativas-wh por esses autores supracitados deixa claro, em primeiro lugar, que esse tipo sentencial envolve necessariamente a *periferia esquerda*. O processo derivacional desta modalidade deixa também claro que a exclamatividade das exclamativas-wh não é um primitivo gramatical⁷⁹, uma vez que envolve mais de uma projeção funcional. Contudo, uma questão importante permanece ainda em aberto: envolveriam, as exclamativas-wh, apenas categorias da periferia esquerda?

Mostraremos que diferentes línguas se estruturam de formas diferentes a depender do elemento-wh veiculado. Em seguida, com base nos testes de “sensibilidade” ou co-ocorrência de itens supostamente pertencentes à mesma classe (TESCARI NETO, 2019), lançaremos a hipótese de que algumas propriedades das exclamativas-como são satisfeitas (i.e., os traços envolvidos são valorados) já na zona alta do *middlefield* de Cinque (1999).

Com base na literatura da área, mostraremos, a partir de uma análise interlinguística, que há argumentos para considerarmos diferentes manipulações de uma única estrutura, via Soldagem e movimento, para cada tipo de exclamativa-wh.

O capítulo se organiza assim: iniciamos, na seção 3.1, com uma análise sintática das sentenças exclamativas no PB, observando as categorias funcionais acionadas, com base em suas propriedades semântico-pragmáticas, contrastando-as com a mesma estrutura em outras línguas, como já mencionado acima, e aplicando alguns testes de sensibilidade/co-ocorrência. Embora a dissertação se volte às exclamativas-wh do PB, a vocação cartográfica do trabalho tem como corolário uma abordagem *universalista* sobre a expressão da exclamatividade-wh, o que é típico em investigações gerativistas. Na seção 3.2, argumentaremos em prol da hipótese de que há uma diferença estrutural entre exclamativas-que/quanto e exclamativas-como, propondo que, no caso da última, é possível satisfazer algumas propriedades da exclamatividade-wh já no *middlefield*; na seção 3.3, formalizamos tal proposta, ao mostrar o processo derivacional das exclamativas-como em contraste com as exclamativas-que/quanto; na seção 3.4, discutimos a diferença estrutural entre exclamativas-que e exclamativas-quanto, com base em uma distinção conceitual entre dois tipos de traço de grau. Por fim, na seção 3.5, estabelecemos uma reflexão sobre o lugar do traço de indexicalidade na estrutura

⁷⁹ Por “primitivo gramatical” compreendemos aquelas construções nas quais a lexicalização requer apenas uma categoria funcional (LIMA, 2018) que, por si, corresponde a uma categoria única da hierarquia.

sintática. Nas *Considerações finais* do capítulo, trazemos nossas conclusões: i) exclamativas-wh são construções derivadas, de modo que é necessário mais de uma categoria funcional para lexicalizar seu conteúdo; ii) ao menos os traços de *miratividade*, *avaliação*, *referencialidade*, *indexicalidade* e *força* são necessários para derivar exclamativas-wh *translinguisticamente* (ao longo da seção 3.1, apresentamos argumentos para não considerarmos outros traços, tais como factividade)⁸⁰; iii) há evidências do PB de que diferentes exclamativas-wh têm histórias derivacionais distintas: exclamativas-como não se comportam como exclamativas-que e exclamativas-quanto; iv) não é certo o lugar da indexicalidade na estrutura sintática: Speas e Tenny (2003) e Giorgi (2008) propõem diferentes estratégias para acomodar esse traço (e os demais traços discursivos) em uma zona alta do CP; contudo, tais estratégias – de acomodar esses traços em categorias acima de ForceP – não estão isentas de problemas metodológicos se se segue à risca a diretriz-metodológica cartográfica mais importante: o princípio *one feature, one head* (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010). Dentre alguns dos problemas dessas estratégias está a imprecisão sobre a posição hierárquica de certas categorias funcionais presentes no middlefield e replicadas na periferia esquerda simultaneamente, não obstante apresentarem o mesmo importe conceitual.

A solução apresentada para esses problemas, como argumentado ao longo do capítulo 3 e explicitado na proposta de derivação da seção 3.3, foi primar pela economia teórica – tendo em vista os testes de co-ocorrência/sensibilidade aplicados na seção 3.1 – e utilizar as categorias com importes conceituais compatíveis da zona do *middlefield* para satisfazer os traços veiculados na exclamatividade-wh. Assim, argumentamos que as exclamativas-como satisfazem seus traços no *middlefield* e param em ForceP, enquanto as exclamativas-que/quanto sobem até uma projeção da periferia esquerda, nomeadamente DegP, para valorar seu traço de gradatividade.

3.1 Quantas projeções são necessárias para licenciar as exclamativas-wh?

Como mencionado no capítulo 1, existem duas propostas para o estudo das propriedades discursivas codificadas na gramática em teoria sintática: i) a abordagem que assume a existência de uma “categoria sincrética”, onde os diferentes traços são combinados (URIAGEREKA, 1995; ZUBIZARRETA, 1998; SIMPSON, 1999;

⁸⁰ O traço de gradatividade está envolvido, conforme argumentamos nas seções 1.2 e 1.3, na derivação de exclamativas-que/quanto, mas não na derivação das exclamativas-como.

ZANUTTINI e PORTNER, 2003) e ii) a abordagem que acomoda esses traços numa perspectiva de CP/IP explodidos, em que cada uma das diferentes propriedades são representadas por diferentes projeções funcionais (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999; POLLOCK, MUNARO e POLETTO, 1999; AMBAR, 2003).

No presente trabalho, assumimos uma abordagem cartográfica para o CP/IP, cindidos em diversas categorias funcionais dedicadas à interpretação semântico-discursiva⁸¹. Assim, advogamos em favor da hipótese de que a *exclamatividade* das exclamativas-wh não é derivável a partir de uma categoria única, primitiva, antes é o resultado da valoração (sintática) de vários traços que, derivacionalmente, terão como *output* a expressão da exclamatividade-wh. Contudo, ao nos atermos às caracterizações de periferia esquerda das exclamativas-wh em diferentes línguas, constatamos que múltiplas categorias parecem ser acionadas na veiculação desse tipo sentencial e não há consenso na literatura sobre quais categorias (ou projeções) nas diferentes línguas estariam envolvidas na derivação de suas ocorrências, o que indicaria uma variação interlinguística na expressão da exclamatividade-wh, i.e, uma variação, entre as línguas, quanto às categorias funcionais a serem acionadas na veiculação de uma sentença exclamativa. Deste modo, uma investigação interlinguística é necessária se se deseja oferecer uma abordagem que dê conta da expressão da exclamatividade-wh em uma teoria sobre a Gramática Universal.

Tal abordagem interlinguística, atendo-se às categorias acionadas na derivação das exclamativas, é relevante para a teoria sintática, uma vez que é a partir desse mapeamento que se torna possível validar ou refutar determinadas generalizações sobre essas estruturas-wh em diferentes línguas. Ademais, seguindo a diretriz do *one feature, one head* é possível estabelecer correspondências entre propriedades conceituais e categorias funcionais (NESPOLI, 2018). A partir da análise constrativa, é possível argumentar em favor ou contra a existência de uma determinada categoria funcional na veiculação de uma determinada estrutura, de modo que nos aproximamos de uma formulação mais detalhista de uma possível configuração da Gramática Universal.

Como vimos no capítulo 1, podemos convencionalizar que as sentenças exclamativas veiculam as seguintes propriedades:

i) uma reação de surpresa/perplexidade frente ao objeto/evento referido (*miratividade*);

⁸¹ Como veremos na seção 3.2, as exclamativas-wh envolvem também uma série de categorias da zona alta do IP para a valoração de traços associados à expressão da exclamatividade-wh.

- ii) uma postura afetiva frente ao objeto/evento avaliado (*avaliação*);
- iii) um caráter indexical do sujeito da sentença (*indexicalidade*);
- iv) um conteúdo proposicional pressuposto (*factividade*);
- v) um componente gradativo/escalar (*gradatividade*) e
- vi) uma identificação do referente de quem se predica (*referencialidade*).

Assim, se seguirmos à risca o princípio de *One Feature, One Head* (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010), é esperado que ao menos seis projeções sejam acionadas. Todavia, nem sempre as descrições da literatura, para diferentes línguas, contemplam essas seis categorias funcionais quando da explanação dos seis traços⁸² supracitados, como veremos ao longo dessa seção.

Assim, no japonês (ONO, 2006; YAMATO, 2010), por exemplo, as sentenças exclamativas acionam MoodP, que permite que somente um subconjunto de predicados matrizes possa ser encaixado, dada sua posição acima de TopicP e FocusP na hierarquia. Nessa língua, os núcleos de FiniteP, FocusP e MoodP são realizados morfonologicamente na periferia esquerda por meio das partículas que aparecem no fim da oração (a saber, respectivamente, as partículas *no da roo*):

- (142) John-wa nante ookina kuruma-o kat-ta no da (roo)!
 John-TOP NANTE grande carro-ACC compra-PAST FIN FOC MOOD
 ‘Que carro grande João comprou!’

Segundo Yamato (2010), a categoria funcional MoodP, na periferia esquerda da sentença, é projetada acima de FocusP (e presumivelmente acima de TopicP), a partir da evidência da ordem de base dos morfemas de final de oração⁸³, provendo uma explicação para a restrição na distribuição de contextos onde as exclamativas podem ser encaixadas (contextos mais restritos do que na distribuição de tópico *aboutness* e *focus de lista exaustivos* no japonês).

⁸² Como já aventamos anteriormente nesta dissertação, tal falta de consenso entre os autores na descrição das exclamativas-wh em diferentes línguas diz respeito ao fato de que esses autores não estavam comprometidos *a priori* com um trabalho interlinguístico. O presente capítulo tem como intuito estabelecer essa organização dos traços das exclamativas.

⁸³ A asserção de Yamato sobre o *locus* de Soldagem da partícula *roo* (MoodP), acima de FocP, parece fazer sentido em vista da natureza tipológica do japonês como língua de núcleo final (predominante): as partículas sentenciais finais deveriam aparecer numa ordem (nomeadamente Fin-Foc-Mood) que seria a imagem especular da ordem dessas categorias na hierarquia (universal): Mood > Foc > Fin.

No que concerne às exclamativas do catalão (CASTROVIEJO, 2006), há três ‘ingredientes’ envolvidos na veiculação da exclamatividade: o movimento-wh, a estrutura interna do sintagma-wh e a estrutura de DegP. Quanto ao movimento, tal como as interrogativas, exclamativas precisam obedecer ao critério-wh (RIZZI, 1996); contudo, ao contrário das interrogativas, as exclamativas também incluem o complementizador ‘que’, tal como as orações relativas. Nesse aspecto, o catalão (143) se comporta tal como o PB (144) no que se refere às exclamativas:

- (143) Quant de temps (que) ha passat!
 Quanto art tempo (que) AUX passou
 ‘Quanto tempo se passou!’
- (144) Quanto tempo que se passou!

Como vimos anteriormente, ao analisar essa estrutura de exclamativa-wh com o complementizador ‘que’, Medeiros Junior e Siero (2018, p.64-65) diferenciam duas estruturas:

- (145) Que linda casa que você comprou!
 (146) Que lindo o que você fez!

Segundo os autores, ao contrário de (145), (146) conteria uma exclamação seguida de uma oração relativa, o que seria, para eles, evidência para cindir a projeção de Força em duas outras projeções funcionais (ExclP e RelP). Tal hipótese é fundamentada a partir da opcionalidade do complementizador ‘que’ em (145’) e sua obrigatoriedade em (146’):

- (145’) Que linda casa (que) você comprou!
 (146’) *Que lindo o (-) você fez!

Castroviejo (2006) não faz essa distinção nas exclamativas do catalão. Contudo, propõe que, nas exclamativas dessa língua, haja veiculação da categoria DegP, nucleada por um operador de grau, de modo que Deg é uma categoria funcional que seleciona um AP gradual, com o qual se funde diretamente (CASTROVIEJO, 2006, p. 64). Em outras palavras, Deg seria a categoria funcional responsável pelo significado escalar das exclamativas.

Na análise do islandês, Jónsson (2010) também assume que no CP há diversas posições especificadas para cada sintagma exclamativo. A análise estrutural proposta para

as exclamativas envolve três projeções funcionais no CP: ExclP (Exclamative Phrase), HdegP (High Degree Phrase) e WhP (Wh Phrase), como podemos ver em (147):

- (147) [ExclP Mikið [HdegP rosalega [WhP hvað [TP hann var fljótur!]]]]
 muito extremamente que rápido ele foi
 “Que incredivelmente rápido ele foi” (JÓNSSON, 2010, p.46)

Em islandês, as exclamativas são construídas com pelo menos três itens-wh: “hvílikur” (‘que’), “hvað” (‘o que’) e “hvernig” (‘como’). O autor argumenta que é possível dividir as exclamativas em dois grupos, com base na possibilidade de inversão de sujeito e verbo e no uso do complementizador “sem”: a ideia geral é a de que exclamativas com os itens-wh “hvað” e “hvernig” não permitem a inversão nem o uso do complementizador “sem”, enquanto que as demais exclamativas permitem ambas as possibilidades (JÓNSSON, 2010, p.37).

No espanhol (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001), por sua vez, a *exclamatividade* da sentença estaria associada a um operador na periferia esquerda, ativado por um elemento soldado e movido para ForceP, e a implicatura escalar das exclamativas seria ativada pela atração de um constituinte ou traço para a posição de Spec de FocusP. Segundo Gutiérrez-Rexach (2001), existem duas estratégias distintas de derivação para exclamativas-wh, a depender da estrutura envolvida: i) estratégia ‘mover + soldar’ e ii) estratégia ‘mover + mover’.

Na estratégia i), o elemento interno de IP de uma categoria Y sobe até o sintagma de tópico e, em seguida, sobe para a posição de foco. Subsequentemente, outro elemento de uma categoria X é soldado no sintagma de força:

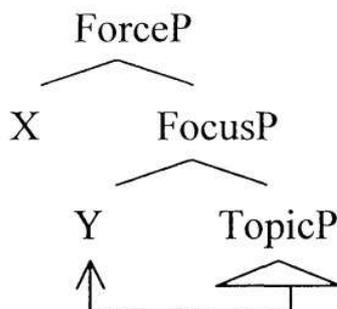


Fig. 5 – Estratégia ‘mover + soldar’ das exclamativas-wh (Fonte: GUTIÉRREZ-REXACH, 2001, p.171)

Na estratégia ii), um elemento da categoria XP sobe até a posição de foco (FocusP) e, conseqüentemente, o especificador de XP sobe para uma posição de força (ForceP). Em geral, nessa estratégia, o elemento alçado terá o traço categorial +A(djetivo) ou +N(nome). O alçamento desse elemento (adjetivo ou nome) é motivado pela necessidade de checagem do traço de foco⁸⁴ (RIZZI, 1997).

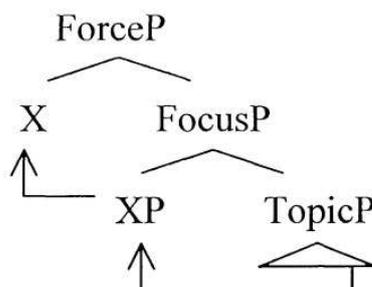


Fig. 6 – Estratégia ‘mover + mover’ das exclamativas-wh (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001, p.171)

Essa estratégia (mover + mover) seria a estratégia realizada por exclamativas como (148) no espanhol:

(148) ¡Qué hermosa que es María!
 Que linda que é Maria
 ‘Que linda que é Maria!’

(149) ?¡Qué hermosa que María es!⁸⁵

Já a estratégia (mover + soldar), aparentemente, seria a estratégia das exclamativas-que do PB numa análise à la Gutiérrez-Rexach (2001): o elemento adjetival “linda” sobe da zona do IP até o sintagma de tópico e, em seguida, o elemento “que” é soldado no sintagma de força (numa derivação que guardaria semelhanças com a proposta na figura 5 acima):

(150) Que linda Maria é!

⁸⁴ De uma perspectiva cartográfica *hard*, essas estratégias seriam problemáticas por violar o congelamento criterial (RIZZI, 2006). Segundo esse princípio, uma categoria não pode se mover após atender algum critério (no caso, o critério de foco).

⁸⁵ Ao consultar um falante nativo de espanhol, este informante afirmou que a sentença (128) não chega a ser agramatical, embora seja incomum.

Já no húngaro (LIPTAK, 2005; 2011), a distribuição dos sintagmas-wh em duas construções sintáticas possíveis também evidencia duas possíveis estruturas para as sentenças exclamativas-wh, uma com inversão verbo-preverbo (151) e outra sem (152):

- (151) Mennyi könyvet olvastál el!
 Quanto livro-ACC leu-2SG PV
 ‘Quantos livros você leu!’
- (152) Mennyi könyvet el-olvastál!
 Quanto livro-ACC PV-leu-2SG
 ‘Quantos livros você leu!’ (LIPTAK, 2006, p.344)

Ambas as sentenças diferem em termos de ordem de palavras, mas seu significado exclamativo básico é o mesmo (o equivalente da sentença em PB: “Quantos livros você leu!”). Contudo, em (151), o elemento considerado pré-verbo aparece após o verbo, se comportando exatamente como as interrogativas-wh do húngaro, enquanto (152) reflete uma construção impossível para questões nessa língua. Disso se seguiria que os sintagmas-wh subiriam mais em exclamativas do que em interrogativas (LIPTAK, 2005, p. 162). Dessa forma, as exclamativas no húngaro se diferenciam das interrogativas a partir do tipo de foco atribuído às expressões-wh: nas interrogativas-wh há foco contrastivo, enquanto que nas exclamativas-wh há foco escalar. Tal distinção tem impacto na estrutura sintática, de modo que a estrutura proposta às exclamativas no húngaro é a que se segue em (153) (LIPTAK, 2005, p.172):

- (153) [CP [TopP* [DistP* [FocP *focus/wh* V⁰ [AspP PV ...]]]]]

A ideia de que haja pelo menos duas projeções para acomodar os traços das exclamativas-wh também está presente na análise de Ambar (2003) para o PE, com a diferença de que, na estrutura proposta pela autora, tais categorias são AssertiveP (que acomodaria o traço de factividade) e EvaluativeP (que acomodaria o traço de avaliação). Nessa estrutura proposta por Ambar (2003), EvaluativeP seria a categoria “adicional” a ser ativada pelas exclamativas, enquanto que em Liptak (2005) tal categoria seria ManyP.

Ambar (2003) propõe que as projeções funcionais desse domínio (CP) codificam propriedades de naturezas distintas, relacionadas a dois diferentes aspectos do discurso: *Common Ground* e *Universo do discurso*⁸⁶. A ideia seria a de que as ocorrências variam

⁸⁶ Essas projeções de *common ground* seriam responsáveis por acomodarem as informações para a interface entre sintaxe e pragmática (AMBAR, 2003; FARKAS, 2015). Ver também notas 9 e 37 do capítulo 1 desta

Língua (AUTOR)	Categorias funcionais acionadas											
	EvalP	AssertiveP	FocP	FinP	MoodP	DegP	ExcIP	HdegP	WhP	ForceP	TopP	ManyP
japonês (ONO, 2006; YAMATO, 2010)			✓	✓	✓							
catalão (CASTRO VIEJO, 2006)						✓						
islandês (JÓNSSON , 2010)							✓	✓	✓			
espanhol (GUTIÉRREZ- REXACH, 2001)			✓							✓		
húngaro (LIPTAK, 2005)			✓									✓
português europeu (AMBAR, 2003)	✓	✓	✓						✓			

Fig. 7 – Quadro das categorias funcionais acionadas em exclamativas-wh: uma primeira aproximação⁸⁸ (Fonte: elaboração própria)

A título de organização deste quadro, iremos, primeiramente, aproximar categorias "sinônimas", i.e., categorias que, descritas com diferentes rótulos por autores distintos, dizem respeito a uma única e mesma categoria. Para isso, investigaremos os importes conceituais das categorias dispostas nessas análises distintas.

⁸⁸ Uma versão definitiva deste quadro será apresentada ao fim da seção 3.2, após argumentarmos que muitas das categorias postuladas na periferia esquerda já existem em uma camada mais baixa da hierarquia sintática a saber, na zona cindida do IP denominada de *middlefield*.

Em comum a todas essas análises estaria o fato de os predicados das exclamativas-wh subirem para uma zona alta do CP. Uma vez que a valoração dos traços de força ilocucionária da sentença se daria na periferia esquerda, postula-se a necessidade de categorias funcionais de CP para a codificação dessa categoria.

À primeira vista, a constatação de diferentes categorias envolvidas na periferia esquerda das exclamativas e sua conseqüente variação entre as línguas poderia ser compreendida como um problema epistemológico para a Cartografia Sintática, uma vez que é esperado que cada tipo sentencial envolva os mesmos traços nas mais diferentes línguas.

Uma solução possível para esse aparente impasse é a argumentação de que não se trata de uma variação na hierarquia da Gramática Universal, mas sim, de uma variação em relação a que aspectos do discurso estariam envolvidos. Compreendendo que há uma faculdade da linguagem e uma (e apenas uma) forma lógica que interpreta a estrutura sintática, as diferentes configurações de exclamativas-wh entre as línguas, mesmo que recorram a estratégias diferentes, terão os mesmos traços. Logo, a variação entre as exclamativas seria uma questão de diferentes interações na GU: as línguas variariam de acordo com o tipo de interação estabelecido no discurso e do tipo de estratégia no momento de sua derivação (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001).

Como vimos acima, essa é a saída proposta por Ambar (2003). Nesse sentido, a estrutura proposta em (154) é modular e não representa um ato de fala em específico, o que justificaria a ausência de ForceP em sua estrutura. As exclamativas seriam veiculadas a partir das interações das diferentes categorias no momento da derivação, de modo que, em especial, as exclamativas-wh veiculariam uma projeção a mais do que as interrogativas-wh, a projeção de EvaluativeP, na análise da autora.

As diferentes categorias veiculadas no quadro acima não necessariamente condizem, contudo, com diferentes categorias acionadas pelas línguas. Pode ser o caso de os autores consultados não estarem preocupados com uma comparação entre línguas e, provavelmente, estarem partindo de pressupostos distintos. Uma vez que ainda não há uma teoria unificadora para as exclamativas, é de se esperar que diferentes pesquisadores apresentem diferentes propostas para categorias funcionais com importe conceitual semelhante. Esse seria o caso de EvaluativeP, veiculado na estrutura de Ambar (2003), e MoodP, veiculado na estrutura de Ono (2006) e Yamato (2010). Ambas as projeções representam a categoria funcional distintiva dessa estrutura, i.e, a categoria funcional ativada apenas em exclamativas (e não em interrogativas), responsável pela avaliação por

parte do falante. Nesse sentido, também a categoria ExclP, na estrutura de Jónsson (2010), poderia ser reduzida a ForceP, uma vez que são, digamos, equivalentes.

Isomorficamente, a categoria funcional High Degree Phase (HdegP) postulada para o islandês por Jónsson (2010) também é similar à categoria EvaluativeP (de Ambar, 2003), portando o mesmo importe conceitual, a saber, a denotação de um grau extremo, como o próprio autor menciona (JÓNSSON, 2010, p.48). Desse modo, tais categorias podem ser reduzidas a uma única projeção. O mesmo se aplica às categorias DegP (CASTROVIEJO, 2006), WhP (AMBAR, 2003) e ManyP (LIPTAK, 2005), que também têm um importe conceitual similar entre si, no caso, categorias que comportam sintagmas gradativos.

Como vimos, a categoria EvaluativeP (AMBAR, 2003) é a projeção que codifica as expectativas do falante, de forma que apenas sintagmas-wh associados à avaliação (implícita ou explícita) podem checar esse traço, enquanto sintagmas-wh associados à interrogação subiriam até AssertiveP, categoria imediatamente abaixo de EvaluativeP, na estrutura da periferia esquerda da autora como vimos em (154).

A categoria EvaluativeP, que codifica o estatuto determinado/factivo das exclamativas, seria responsável pelo caráter gradativo das exclamativas.

Adiante, na seção 3.3, levantaremos a hipótese de que há variação interna entre diferentes tipos de exclamativas e que talvez seja necessária uma projeção adicional para derivar as exclamativas-que/quanto em contraste com as exclamativas-como. Ademais, também argumentaremos que os traços *avaliativo*, *mirativo* e *referencial* podem ser acomodados em projeções funcionais da zona alta do IP.

Mas por ora, tendo em vista um primeiro exame do quadro da fig. 7 – exame esse que identificou categorias "sinônimas" no conjunto de todas as projeções indicadas no quadro sinóptico –, *consideremos plausível que estejam envolvidas na derivação das exclamativas-wh as seguintes projeções funcionais:*

- *EvaluativeP*;
- *AssertiveP*;
- *FocP*;
- *FinP*;
- *WhP* e
- *ForceP*.

Dada essa (“nova”) configuração de projeções funcionais, *cabe investigar se, de fato, todas essas categorias estariam envolvidas na exclamatividade-wh* (e se não

precisamos de categorias adicionais). Para isso, propomos alguns diagnósticos que testam a sensibilidade de um elemento de cada (uma das) categorias acima – i.e., de uma categoria (supostamente) envolvida na expressão da exclamatividade-wh – com um sintagma-wh numa exclamativa, no espírito dos testes de co-ocorrência mencionados em Tesconi Neto (2019). Está na base desse teste a conjectura de que membros de uma mesma classe não podem co-ocorrer (Jackendoff, 1972; Cinque, 1999, cap. 1).

A começar pelas categorias WhP (AMBAR, 2003) e ForceP (RIZZI, 1997), sua veiculação na exclamatividade-wh ocorre por motivação teórica: ForceP é a projeção que acomoda os traços de tipo sentenciais (*clause-typing*), enquanto que WhP é a projeção onde o elemento-wh é movido (em termos da estratégia ‘mover’ + ‘soldar’).

Uma vez que advogamos pela hipótese de que as sentenças exclamativas são uma modalidade própria, mantemos ForceP. Já a categoria funcional WhP, uma vez definida nos termos acima, não tem um importe conceitual bem definido, de modo que não podemos mobilizá-lo, uma vez que seguimos a diretriz do *one feature, one head* (KAYNE, 2005). Contudo, como vimos no capítulo 1, é plausível pressupor que as exclamativas veiculem gradatividade, de modo que podemos assumir essa categoria como sendo DegP.

Quanto à categoria funcional FinP, como já vimos no primeiro capítulo, com alguns dados do PB e do catalão, ao que tudo indica, é ativada na exclamatividade-wh uma vez que é possível a co-ocorrência do sintagma-wh e do complementizador ‘que’, como podemos ver em (155) e (156) abaixo:

(155) Que bacana que é esse dado!

(156) Como que é bacana esse dado!

Contudo, como podemos observar em (157) e (158), esse complementizador é optativo nas exclamativas-wh do PB, de modo que não consideraremos a categoria FinP como condição *sine qua non* para a derivação da exclamatividade-wh⁸⁹.

(157) Que bacana (que) é esse dado!

(158) Como (que) é bacana esse dado!

⁸⁹ Como veremos nas propostas de derivação das exclamativas-wh do PB (seção 3.3.), essa argumentação será retomada. É importante deixar claro que considerar que a valoração do traço de finitude não seja condição indispensável à derivação da exclamatividade das exclamativas-wh não significa dizer que esse traço não seja valorado no decurso da derivação: como numa sentença declarativa finita, esse traço será igualmente valorado. O que se quer dizer aqui é que não é esse um dos traços que garantem a exclamatividade.

Além disso, como bem nos apontou Simone Guessier (comunicação pessoal), no PB parece haver uma relação de adjacência entre a expressão-wh e o complementizador ‘que’, como podemos constatar em (159) – (161):

- (159) *Que bacana ontem que foi a festa!
 (160) *Que bacana certamente que é esse dado!
 (161) *Como ontem que foi bacana a festa!

Assim, dada essa relação de adjacência, parece não ser o caso de que o complementizador ocupe a posição de finitude na estrutura da sentença.

Quanto à categoria de foco, é assumido na literatura⁹⁰ que esse traço está envolvido na derivação desse tipo sentencial, devido ao fato de as exclamativas denotarem um conjunto de proposições alternativas, ranqueadas a partir de alguma escala de surpresa/admiração. Tal ranqueamento de proposições é denominado de *foco escalar*. Um argumento presente na literatura em favor da existência desse foco escalar nessas construções é o fato de exclamativas-wh poderem ser encaixadas em predicados de surpresa ou por interjeições (KELLERT, 2019):

- (162) Caramba, [que incrível essa música!]
 (163) Nossa, [quanto carro legal!]
 (164) É impressionante [como é incrível essa mulher!]

Sendo assim, esse traço de foco escalar seria codificado em Foc^o na estrutura, de modo que o elemento-wh se moveria, posteriormente, a uma posição mais alta, nomeadamente [Spec, FocP]. Como vimos anteriormente, é com base nesse foco escalar que Liptak (2005) estabelece a diferença de altura entre dois tipos de exclamativas-wh (as que vão até FocP e as que vão até uma posição mais alta, denominada pelo autor de ManyP).

Ademais, poderia ser o caso de as exclamativas-wh também poderem veicular uma estrutura de FOCO + que, tal como na sentença (165):

⁹⁰ Também há quem assuma o *Princípio do Ancoramento Generalizado* (TANG, 2001), que postula que toda sentença deve ter, em LF, ou tempo ou foco. Como as exclamativas que-SCL e as quanto-SCL não envolveriam Tempo (por serem estruturas defectivas), necessariamente elas envolveriam foco (PINHEIRO, 2019). Essa assunção é, todavia, questionável por pelo menos duas razões: (i) por que LF privilegiaria as categorias de T e Foc (à revelia de todas as outras categorias da projeção estendida de V)?; (ii) por que assumir que as SCLs seriam necessariamente “defectivas”?

(165) Que linda que é aquela mulher!

Segundo Guessser (2015), as sequências *Foco+que* em estruturas não exclamativas, como as de focalização de informação nova em (166) e contrastiva em (167), têm sido abordadas na literatura dentro de duas linhas de análise: em uma delas a derivação ocorre a partir de uma estrutura clivada invertida (KATO, 1996); em outra trata-se de uma sentença simples. Nesta última abordagem, há duas hipóteses: há quem defenda se tratar de uma frase simples em que o sintagma focalizado e o complementizador se manifestam em uma configuração *Spec-núcleo* em *FocP* (RESENES, 2006, 2009) e há quem defenda que tal relação de adjacência não existe (RIBEIRO, 2011).

(166) A: Quem limpou a casa?

B: A Maria que limpou.

(167) A: O Paulo comprou um carro.

B: A Maria que comprou um carro. (não o Paulo)

Todavia, existe um argumento em favor da conjectura de que a categoria de foco não esteja envolvida na exclamatividade-*wh*. Não entrando mérito da avaliação de qual abordagem seja a mais adequada e tendo em vista a generalização de Guessser, Kédochim e Sousa (2019) de que sequências *Foco+que* não exclamativas como (166B) e (167B) podem ser derivadas de estruturas canônicas ou invertidas (a depender do tipo de foco envolvido), podemos levantar o questionamento: a propriedade de foco realmente está envolvida na exclamatividade-*wh*? Tal questionamento é justo, uma vez que é possível ter um foco em estruturas exclamativas:

(168) Que linda aquela mulher (não aquela outra)!

Considerando que o foco é único em sentenças matrizes (RIZZI, 1997), a gramaticalidade de uma sentença como (168) indicaria que uma exclamativa-*wh* não envolve a projeção *FocP*.

Além disso, trazendo à discussão o teste da co-ocorrência de constituintes (supostamente) pertencentes à mesma categoria/classe (TESCARI NETO, 2019),

podemos ter, em PB, um foco *contrastivo* co-ocorrendo com uma exclamativa-wh, como podemos atestar em (169)

(169) Que linda aquela mulher (não aquela outra)!

Assim, pode ser o caso de que as exclamativas-wh não envolvam a projeção de foco, indo para uma outra posição da hierarquia sintática, tal como a posição para acomodar elementos avaliativos/expressivos.

Quantos aos dados apresentados em (162) a (164), repetidos abaixo, os mesmos podem ser questionados dado que, por um lado, a depender da exclamativa, tal encaixamento não parece ser possível (175)⁹¹ e, por outro lado, outras modalidades parecem permitir tal encaixamento (173) e (174).

(170) Caramba, [que incrível essa música!]

(171) Nossa, [quanto carro legal!]

(172) É impressionante [como é incrível essa mulher!]

(173) Caramba, [eu não sabia.]

(174) Nossa, [que imbecil que fez isso?]

(175) ?É impressionante [que sujeira aqui!]

Desse modo, assumiremos, por ora, que o traço de foco não está envolvido na exclamatividade-wh.

No que se refere ao traço avaliativo de EvaluativeP, podemos testá-lo por meio do mesmo expediente da co-ocorrência, dessa vez de sintagmas-wh exclamativos com advérbios avaliativos (do tipo de *felizmente* ou *curiosamente*), como mostrado abaixo:

(176) *Felizmente, que bela é aquela mulher

(177) *Felizmente, quão bela é aquela mulher

(178) *Felizmente, como é bela aquela mulher!

(179) *Que bela, curiosamente, é aquela mulher!

(180) *Curiosamente, que bela é aquela mulher!

(181) *Quão bela, felizmente, é aquela mulher!

(182) *Felizmente, quão bela é aquela mulher

(183) Felizmente, como é bela aquela mulher!

(184) *Como, felizmente, é bela aquela mulher!

⁹¹ A sentença em (168) é marginal: é aceita em algumas gramáticas do PB e anômala em outras. Contudo, é interessante perceber que se substituímos o elemento-wh “que” por “quanta”, a sentença é perfeitamente aceitável (“É impressionante quanta sujeira aqui!”). Acreditamos que tal contraste é reflexo de diferentes veiculações de gradatividade por esses elementos, como argumentaremos na seção 3.4.

Os dados em (176 – 184) são curiosos, porque parecem indicar uma variação entre as exclamativas-wh do PB. As sentenças exclamativas-que e exclamativas-quanto parecem envolver movimento-wh para a posição de Spec de EvaluativeP, dada a má formação de (176) a (182), mas esse não parece ser o caso de (183). Esse seria um argumento em prol da assunção de diferentes histórias derivacionais para diferentes tipos de exclamativas-wh, uma vez que elementos como *que bela* e *quão/quanto bela* não podem ser precedidos nem seguidos por advérbios como *felizmente* e *curiosamente*.

Um argumento adicional para essa análise que postula diferença de alturas para as exclamativas-que/quanto e as exclamativas-como pode ser oferecido por meio do teste de co-ocorrência com advérbios mirativos, como “surpreendentemente”, em exclamativas-wh do PB:

- (185) Que bela, surpreendentemente, é aquela mulher!
- (186) *Surpreendentemente, que bela é aquela mulher!
- (187) Quão bela, surpreendentemente é aquela mulher!
- (188) * Surpreendentemente, quão bela é aquela mulher!
- (189) Como, surpreendentemente, é bela aquela mulher!
- (190) Surpreendentemente, como é bela aquela mulher!

Como podemos ver nos dados em (185 – 190), apenas as exclamativas-como parecem admitir advérbios mirativos à esquerda do elemento-wh. O elemento-wh *como* pode ser seguido e antecedido por *surpreendentemente*, ao passo que *que bela* e *quão bela* apenas podem ser seguidos por esse advérbio mirativo, o que poderia ser um indício de que as exclamativas-como não subiriam tanto quanto as exclamativas-que e as exclamativas-quanto⁹².

Quanto ao traço de factividade, é estabelecido que a categoria funcional AssertiveP deve ser checada na estrutura da periferia esquerda, de acordo com Ambar (2003). Para mostrar a pertinência dessa propriedade, Zanuttini e Portner (2003) propõem um teste para verificar esse traço: o teste do encaixamento. Segundo esse expediente diagnóstico, sentenças exclamativas, em tese, podem ser encaixadas em predicados factivos. Assim, considerando uma sentença como “Como é linda aquela mulher” ou “quanta mulher linda”, é de se esperar que essas ocorrências possam ser encaixadas, mas não é o que percebemos no PB:

⁹² Retomaremos essa discussão na seção 3.2.

- (191) João sabe como é linda aquela mulher!
 (192) *João sabe que linda aquela mulher!
 (193) *João sabe quanta mulher linda!

As exclamativas-wh do PB passam no teste de encaixamento se o elemento-wh envolvido for o “como”, mas falham se a estrutura em questão for uma SCL, como as exclamativas-que e exclamativas-quanto em (192) e (193). Novamente, temos mais um indício de que esses diferentes tipos de construções (exclamativas-que e exclamativas-como) teriam – conforme argumentaremos nas seções 3.2 e 3.3 abaixo – histórias derivacionais distintas.

A impossibilidade de (192) e (193) em PB reforça os pontos levantados por Castroviejo (2006) e Mayol (2008) de que a factividade não está sempre envolvida nas sentenças exclamativas. Desse modo, desconsideraremos o envolvimento desse traço no processo derivacional dessa modalidade.

Por fim, é plausível assumir que o traço de referencialidade também esteja envolvido na exclamatividade-wh, dado que, como vimos no capítulo 1, a sensibilidade à experiência (visual, auditiva, etc.) é uma das características semânticas das exclamativas-wh.

Nesse sentido, as sentenças exclamativas, diferentemente de outras modalidades, não podem ser proferidas em contextos *out of blue* e são atreladas ao contexto. Dessa forma, os predicados das exclamativas são i) objetos ou eventos que são sensorialmente percebidos ou ii) objetos ou eventos que acabaram de serem ditos (PFEIFFER, 2016, p. 53). Assim, há uma relação entre as exclamativas-wh e a categoria da evidencialidade (descrita, p.ex., em CINQUE, 1999, capítulos 3 e 4, sobretudo)).

A pertinência desse traço nas sentenças exclamativas pode ser conferida através do expediente metodológico largamente explorado nessa seção, nomeadamente o teste de co-ocorrência (TESCARI NETO, 2019), dessa vez com o advérbio evidencial:

- (194) *Evidentemente como é linda aquela mulher!
 (195) *Evidentemente que linda aquela mulher!
 (196) *Evidentemente quanta mulher linda!

Uma vez que o advérbio evidencial “evidentemente” não pode co-ocorrer em estruturas exclamativas-wh, estabelecemos que o traço de evidencialidade está envolvido na exclamatividade-wh. Sendo assim, trata-se de um traço que deve ser checado na estrutura sintática, no momento da derivação. Tais como os demais traços descritos nessa

seção, é possível argumentar que esse traço seja satisfeito em uma zona alta do IP (ao invés de ser satisfeito dentro da zona do CP). Na zona expandida do IP, há uma posição dedicada para satisfazer esse tipo de traço, de modo que argumentaremos que o traço de referencialidade é valorado na projeção de Mood^{Evidential}P (CINQUE, 1999), pelo fato de as exclamativas sempre serem veiculadas em relação à evidencialidade do predicado veiculado, i.e., o falante teve acesso ao objeto/evento que gerou a surpresa e o fez exclamar.

Essa noção de referencialidade (doravante, evidencialidade) tem estreita relação com o aspecto dêitico das exclamativas. Como vimos no capítulo 2, alguns autores, como Verhagen (2005), defendem que essa indexicalidade é reflexo da natureza subjetiva das exclamativas, sendo, nessa perspectiva, o grau máximo/extremo da auto-expressão.

Sumariando, tendo vista os diagnósticos apresentados até o momento, podemos dizer, no espírito da Cartografia Sintática, que as exclamativas-wh precisam valorar os seguintes traços na estrutura sintática:

- *indexicalidade*,
- *evidencialidade*,
- *miratividade*,
- *avaliação*,
- *força* e
- *gradatividade*.

As projeções que codificam esses traços se encontram em uma zona alta do IP (de acordo com Cinque (1999) e Tescari Neto (2013, capítulo 6)).

Contudo, alguns autores, como Speas e Tenny (2003) e Cruschina e Remberger (2018), argumentam que essas projeções estão em uma posição alta do CP, acima de ForceP, e que podem ser denominadas como *Speech Act Phrase*. Esse conjunto de categorias teria a função de satisfazer as características discursivas das sentenças, isto é, seus valores avaliativos, evidenciais e epistêmicos (CRUSCHINA e REMBERGER, 2018). Essas categorias codificariam informações relevantes para o discurso, incluindo um domínio sentencial, conforme sugere a representação da fig. 8, a seguir (retomaremos essa estrutura de *speech act phrase* de forma mais crítica na seção 3.5).

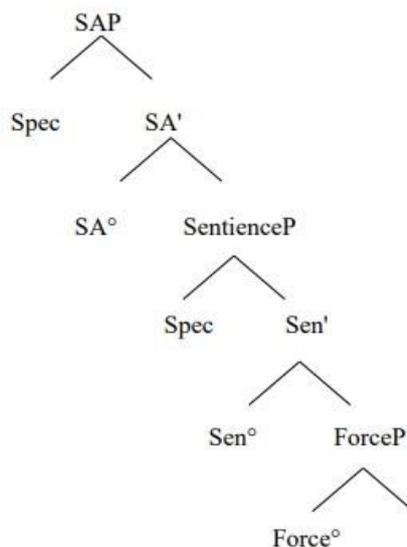


Fig. 8 – Representação de Cruschina e Remberger da Speech Act Phrase (acima de ForceP)
(Fonte: CRUSCHINA e REMBERGER, 2018, p.14)

Essa estrutura proposta por Cruschina e Remberger (2018) tem pontos em comum com a proposta de Ambar (2003), como a conjectura de que a categoria de avaliação se encontraria em uma posição hierárquica mais alta do que a categoria de modalidade evidencial.

Visto que o importe conceitual dessas categorias é idêntico ao importe conceitual da zona alta do IP (o denominado *middlefield* de (CINQUE, 1999)) – como veremos abaixo – e que as estruturas das exclamativas-wh parecem variar de acordo com o núcleo (i.e., o elemento-wh envolvido na construção), levantamos a questão: será que todas as exclamativas-wh envolvem as categorias funcionais da periferia esquerda? Seria possível uma exclamativa-wh ter sua exclamatividade satisfeita na zona alta do IP? Dados como os expostos acima parecem indicar uma variação a depender do elemento-wh envolvido. Veremos um desenvolvimento dessa hipótese a partir dos testes de co-ocorrência na seção seguinte, tal como uma distinção entre dois tipos de exclamativas-wh: as exclamativas-que/quanto e as exclamativas-como.

3.2 Exclamatividade no middlefield? – Uma hipótese para as exclamativas-como

Como já mencionado no cap.1, ao analisar diferentes exclamativas-wh em diferentes línguas, Nouwen e Chernilovskaya (2015) estabeleceram uma organização que dividia as exclamativas-wh em dois grupos, com base em sua referencialidade (*e-level* x

i-level). Ao analisar as sentenças exclamativas em PB, Zendron da Cunha (2006) também identificou dois tipos diferentes de exclamativas-wh: i) as que ocorrem apenas em exclamativas, associadas aos elementos-wh ‘como’ e ‘que + AP’ (tipo *e-only*) e ii) as que ocorrem tanto em exclamativas, quanto em interrogativas, associadas aos elementos-wh ‘quanto’ e ‘que + NP’ (tipo *non-e-only*).

Na presente seção, com argumentos distintos dos autores citados, também defenderemos a hipótese de que há dois tipos de exclamativas-wh no PB: exclamativas gradativas (exclamativas-que e exclamativas-quanto) e exclamativas não gradativas (exclamativas-como). Argumentaremos que as exclamativas gradativas apresentam estratégias derivacionais distintas das exclamativas não gradativas e que há diferença na extensão do movimento-wh.

Nossa hipótese é a de que nas exclamativas-quanto e exclamativas-que, o elemento-wh deve, necessariamente, ir para uma zona alta da periferia esquerda para satisfazer o traço de gradatividade, enquanto que nas exclamativas-como não. Advogamos por essa hipótese com base em algumas diferenças configuracionais entre essas exclamativas do PB.

Em exclamativas-como, é importante destacar que o item ‘como’, diferentemente do item “que”, não seleciona sintagmas nominais; para além disso, não é possível omitir a cópula, como acontece com exclamativas-quanto e exclamativas-que:

- (197) *Como aula interessante que assisti!
- (198) *Como interessante aula que assisti!
- (199) Como é interessante a aula que assisti!

Sabendo que não há movimento do verbo finito de I-para-C no PB (GALVES, 1993; DUARTE, 1995; TESCARI NETO, 2013), a obrigatoriedade da cópula pode ser um indicativo de que o verbo finito das exclamativas-como esteja em IP, e não em CP, como analisamos as exclamativas-wh até então. Contudo, para estabelecermos esse diagnóstico de localidade, é preciso estabelecer testes que diagnostiquem o movimento (ou a ausência do movimento) da cópula. Assim, vejamos como se comportam as exclamativas-como em contraste com as exclamativas-quanto com advérbios altos (avaliativos e mirativos):

- (200) Como é incrivelmente ágil esse piloto!
 (201) Como incrivelmente é ágil esse piloto!
 (202) ?Incrivelmente como é ágil esse piloto!⁹³
 (203) Incrivelmente quanto é ágil esse piloto!
 (204) Como está impressionantemente cheio de analfabeto esse governo!
 (205) Como impressionantemente está cheio de analfabetos esse governo!
 (206) ?Impressionantemente como está cheio de analfabeto nesse governo!
 (207) Impressionantemente (o)⁹⁴ quanto está cheio de analfabeto nesse governo!

Como podemos identificar nos dados acima, as exclamativas-como não se comportam necessariamente igual as exclamativas-quanto: enquanto é possível encontrarmos advérbios altos à esquerda de exclamativas-quanto, como em (203) e (207), com exclamativas-como não parece ser o caso (cf. (202) e (206)). Tal constatação se coaduna com as observações feitas na seção 3.1 (ver os dados em (185 – 190)), onde vimos uma distinção entre o comportamento sintático das exclamativas-que e exclamativas-quanto, de um lado, e as exclamativas-como, de outro, a partir de testes de co-ocorrência com advérbios avaliativos e mirativos.

Como vimos na seção anterior, muitas das categorias funcionais que codificariam noções semântico-pragmáticas são postuladas como pertencendo à periferia esquerda. Contudo, o importe conceitual dessas categorias é bastante similar ao importe conceitual das categorias presentes na zona mais alta do *middlefield* (CINQUE, 1999):

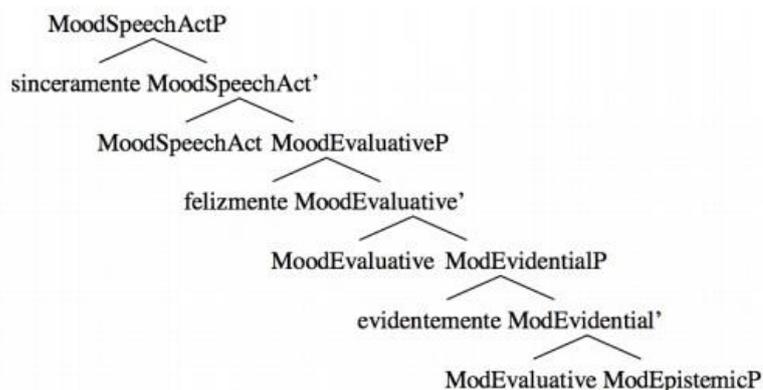


Fig. 9 – a zona (mais) alta do *middlefield* (Fonte: TESCARI NETO, 2008, p.56)

⁹³ Marcamos as sentenças (202) e (206) com o símbolo “?” para indicar a estranheza dessas ocorrências. Não marcamos com “*” por compreendermos que as mesmas são consideradas gramaticais para alguns falantes do PB.

⁹⁴ A inserção do determinante “o” melhora a aceitabilidade dessa sentença, por razões que ainda desconhecemos.

Esses advérbios da zona alta do IP têm uma característica em comum com as exclamativas: eles expressam atitudes do falante sobre a proposição ou fato veiculado. Segundo Cinque (1999, p.84), a projeção de modo do ato de fala marca a força ilocucionária de uma sentença e, não por acaso, encontramos um paralelismo com as projeções postuladas na periferia esquerda de alguns autores (cf. seção 3.1): existe uma discussão sobre a possibilidade de Mood pertencer ao domínio do CP estendido de Rizzi (1997) ou ao *middlefield* (cf. Speas, 2004; Haumann, 2007; ver também a seção 3.5 logo a seguir).

O elemento “como assim” em estruturas-wh do PB pode ter ao menos quatro leituras: *causa*, *propósito*, *elucidativa* e *mirativa* (SOUZA, 2019). Assim, no caso das exclamativas-como, é plausível pressupor que o elemento-wh “como” suba até MirativeP, uma vez que em exclamativas este elemento tenha leitura mirativa. Sendo esse o caso, é esperado que não seja possível co-ocorrer um advérbio de ato de fala dentro de exclamativas-como, e é exatamente o que observamos abaixo:

- (208) ?Aparentemente, como é sinceramente debilitado esse presidente!
 (209) Sinceramente, como infelizmente é debilitado esse presidente!
 (210) Sinceramente, como todos políticos são aparentemente corruptos!
 (211) ?Aparentemente, como todos políticos sinceramente são corruptos!

As sentenças em (209) e (210) são aceitáveis porque o advérbio “sinceramente” está fora do domínio oracional da exclamativa-wh, ao contrário do que vemos nas sentenças mal formadas em (208) e (211), em que o advérbio de ato de fala “sinceramente” está integrado à estrutura da exclamativa-wh .

Lembremos também que, se tivermos de posicionar quantificadores universais na estrutura do *middlefield* postulada por Cinque (1999), é bem provável que sua posição de soldagem seja abaixo de advérbios mirativos e acima de advérbios avaliativos, segundo Tescari Neto (2013, 2016). Tal ordenamento pode ser verificado em inglês e em PB, como vemos abaixo. Os julgamentos em (212) e (213), por D. Pesetsky, reportados em Tescari Neto (2013: 315), explicitam a ordem *modo mirativo* > $Q_{Universal}$ (cf. (212)) e a ordem $Q_{Universal}$ > *modo avaliativo* (cf. (213)); os julgamentos em (214) e (215), nossos, apontam também para esse mesmo ordenamento:

- (212) a. The girls amazingly all quit smoking.
 ‘Surpreendentemente as meninas todas pararam de fumar’
 b. (??)The girls all amazingly quit smoking.

- (213) a. The girls have unfortunately all left.
 ‘As meninas infelizmente todas saíram.’
 b. (?)The girls have all unfortunately left.
 As meninas saíram infelizmente todas.
- (214) a. Impressionantemente todos sabem como é desonesto esse político!
 b. ?Todos impressionantemente sabem como é desonesto esse político!
- (215) a. Felizmente todos sabem como é desonesto esse político!
 b. Todos felizmente sabem como é desonesto esse político!⁹⁵

Dada essa observação, retomando a seção anterior, lembremos que, para Ambar (2003), EvaluativeP – ao invés de FocusP – está envolvido em exclamativas. Segundo a autora, a motivação para rotular tal projeção como “EvaluativeP” foi o comportamento dos quantificadores em comparação com o comportamento das exclamativas: quantificadores avaliativos, como “muitos”, podem entrar em construções exclamativas, enquanto quantificadores puros, como “todos”, não podem, como observamos abaixo:

- (216) Muitos livros o Pedro lhe ofereceu!
 (217) *Todos os livros o Pedro lhe ofereceu!

Para Ambar (2003), exclamativas-wh se comportariam tal como quantificadores avaliativos e subiriam para uma posição alta do CP (daí o rótulo de EvaluativeP). Contudo, embora tal observação seja o caso para exclamativas-que, não parece ser para exclamativas-como:

- (218) *Que* livros o Pedro lhe ofereceu!
 (219) **Como* livros o Pedro lhe ofereceu!

Além disso, como vimos anteriormente, as exclamativas-wh precisam checar algum traço avaliativo em sua estrutura. Tal traço, em termos da hierarquia de Cinque (1999), deve ser checado já na zona alta de IP, nomeadamente em [Spec,EvaluativeP], como podemos constatar em (220)-(222):

- (220) **Como lamentavelmente* infeliz é esse comentário!
 (221) **Como infelizmente* ruim é esse presidente!
 (222) **Como lamentavelmente* inepto é esse político!

⁹⁵ Seguindo Tesconi Neto (2016), essa distinção na ordem sintática entre advérbios e o quantificador universal é capturada ao considerar modo mirativo > Q_{Universal} > modo avaliativo, à medida que as ocorrências que contam com *todos impressionantemente* (todos > mirativo) são degradadas, enquanto *todos felizmente* (todos > avaliativo) não o são, dado que o quantificador *todos* nasce acima de *felizmente*, permitindo a inversão com o advérbio, a depender de sua classe.

Uma vez que as exclamativas, intrinsecamente, têm essa propriedade avaliativa, não é esperado que exclamativas-wh co-ocorram com elementos do mesmo importe conceitual (no caso, os advérbios avaliativos *lamentavelmente e infelizmente*), o que explicaria a estranheza em (220) a (222) com esses advérbios à esquerda do verbo. Todavia, se posicionarmos esses advérbios à direita do verbo, isto é, em IP, tais sentenças são gramaticais:

(223) Como é lamentavelmente infeliz esse desastroso comentário!

(224) Como é infelizmente ruim esse presidente!

(225) Como é lamentavelmente inepto esse político!

Assim, dadas as observações feitas com base nos testes de co-ocorrência das categorias funcionais envolvidas na exclamatividade-wh (ver discussão, na seção 3.1., sobre o quadro sinóptico), argumentamos que, no caso das exclamativas-como, é possível que as propriedades da exclamatividade sejam satisfeitas no middlefield.

Entenderemos, portanto, que os traços de *evidencialidade*, *avaliação* e *miratividade* são satisfeitos na zona alta do IP (numa representação à la Cinque, 1999), dado não só que há posições com importes conceituais compatíveis com as categorias veiculadas pela exclamatividade-wh nesta porção da estrutura hierárquica como também – e sobretudo – que advérbios representantes dessas categorias altas de IP reagem à presença de sintagmas exclamativos-wh. Assim, propomos que o traço de evidencialidade é satisfeito por movimento a [Spec, MoodEvidentialP]; o traço de avaliação é satisfeito por movimento a [Spec, MoodEvaluativeP] e o traço de miratividade é satisfeito por movimento a [Spec, MoodMirativeP].

Assumimos que o traço de gradatividade – no caso das exclamativas-que/quanto – é valorado em uma posição da periferia esquerda (denominada aqui de DegP) e que o traço de indexicalidade – cf. discussão anteriormente feita no cap. 2 –, por estabelecer valores contextuais de ‘tempo’, ‘maneira’ e ‘localidade’ é valorado, *por soldagem*, conforme discutiremos na seção 3.3 em uma posição específica de circunstanciais, acima de vP, ou mesmo, nalguns casos, internamente à projeção estendida do nome, também via soldagem de um demonstrativo.⁹⁶

Dessa forma, podemos re-organizar o quadro sinóptico (fig.7 – seção 3.1) da seguinte forma:

⁹⁶ Como veremos com mais atenção na seção 3.5, outras abordagens valoram esse traço em uma posição alta do CP, acima de ForceP.

Traço/Categoria	Categoria Funcional	Mecanismo de valoração	Tipo de exclamativa
INDEXICALIDADE	DemP ou LocP/TempP/MannerP	Soldagem	Todas
REFERENCIALIDADE/ EVIDENCIALIDADE	MoodEvidentialP	Movimento	Todas
AVALIAÇÃO	MoodEvaluativeP	Movimento	todas
MIRATIVIDADE	MoodMirativeP	Movimento	todas
FORÇA	ForceP	Movimento	todas
GRADATIVIDADE	DegreeP	Movimento	Exclamativa -que/quanto

Fig. 10 – Quadro ('revisitado') das categorias funcionais acionadas em exclamativas-wh

Como argumentamos ao longo do capítulo 1, acreditamos que as sentenças exclamativas não são categorias primitivas da gramática, i.e., é necessário assumir que mais de uma categoria esteja envolvida na valoração dos traços associados à exclamatividade. Nesse sentido, as exclamativas-wh seriam um tipo sentencial obtido derivacionalmente: os diferentes traços necessários são valorados ao longo de posições de IP (a posição do circunstancial e a das modalidades evidencial, avaliativa e mirativa) para, em seguida, com um ulterior movimento para a [Spec,ForceP], ser valorado o traço associado ao tipo sentencial (clause-typing).

Contudo, conforme vimos nesse capítulo, há argumentos para subclassificar as sentenças exclamativas do PB em diferentes tipos. As exclamativas-como seriam distintas das exclamativas-que e das exclamativas-quanto. As exclamativas-que/quanto, por sua vez, se distinguiriam entre si em termos de traços de gradatividade (E-deg quali x E-deg quanti), tal como veremos na seção 3.4. Antes disso, faz-se todavia necessário explicitar o mecanismo envolvido na derivação, de um lado, de exclamativas-como e, de outro, de exclamativas-que/quanto. É o que fazemos na próxima seção.

3.3 Derivando as exclamativas-como e as exclamativas-que/quanto

O propósito desta pesquisa, em uma perspectiva geral, é o de mapear as categorias envolvidas no processo de derivação das exclamativas-wh no PB. Ao longo deste capítulo, propomos uma análise sintática das sentenças exclamativas no PB, observando as categorias funcionais acionadas na periferia esquerda da sentença e sobretudo na “zona alta de IP” (*middlefield*), com base em suas propriedades semântico-pragmáticas.

Como pudemos observar no capítulo 1, não há, na literatura, um consenso acerca de quantas (e quais) categorias funcionais são necessárias para lexicalizar o conteúdo das exclamativas (ODA, 2008).

Neste capítulo, buscamos estabelecer uma organização dos traços envolvidos na expressão da exclamatividade-wh. Com base em testes sintáticos (tais como os testes de sensibilidade/co-ocorrência), organizamos um quadro sinóptico com os traços e categorias envolvidos: os traços de *indexicalidade*, *evidencialidade*, *avaliação*, *miratividade*, *força* e, no caso das exclamativas-que/quanto, *gradatividade*. Além deste mapeamento, levantamos a hipótese de que há casos – como aqueles envolvendo as exclamativas-como – em que algumas propriedades das exclamativas são valoradas na zona alta do *middlefield* (CINQUE, 1999) e não na periferia esquerda. Os testes de co-ocorrência com itens supostamente pertencentes à mesma categoria permitiram confirmar essa hipótese (conforme argumentamos com vagar na seção 3.2).

Resta agora, com base nas diferenças entre esses tipos de exclamativas, apresentar uma proposta de derivação. Uma vez que o presente trabalho se insere no espírito da Cartografia, partiremos de uma única estrutura de Soldagem (i.e., de uma única hierarquia), para capturar as diferenças entre essas exclamativas, recorrendo aos mecanismos básicos de construção de estrutura, nomeadamente: soldagem e movimento (TESCARI NETO, 2019).

Essa proposta de derivação captura o comportamento distinto de exclamativas-como (cf. (226)), de um lado, e exclamativas-que (227) e exclamativas-quanto (228), de outro, tal como ilustramos ao longo do presente capítulo:

(226) Como é linda aquela mulher!

(227) Que bagunça eles fizeram aqui/AQUI!⁹⁷

(228) Quanta bagunça eles fizeram aqui/AQUI!

⁹⁷ As versais em AQUI indicam que esse constituinte pode não ser morfofonologicamente expresso (“silencioso”), como em Kayne (2005).

A começar pela exclamativa-como em (226), o primeiro passo da história derivacional da sentença é a checagem do traço de indexicalidade, diretamente envolvido na exclamatividade-wh. Como vimos na seção anterior (e no capítulo 2), diferentemente dos outros traços que são valorados por movimento, indexicalidade é valorado por Soldagem. O locus dessa valoração, contudo, não é de todo claro: como veremos na seção 3.5, há autores que valoram este traço em uma zona alta do CP, em uma posição acima de ForceP. Em nossa proposta, estabelecemos que o traço de indexicalidade pode ser valorado na projeção estendida de N – na presença de um sintagma demonstrativo como *aquela* (em (208)), conforme a representação da fig. 11 – ou na projeção estendida de V⁹⁸ – em presença de um advérbio circunstancial dêitico locativo, temporal ou de modo/maneira, conforme a representação sugerida na fig. 12.

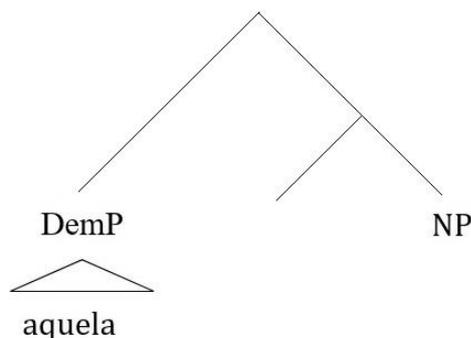


Fig. 11 – Da valoração, por Soldagem de um DemP na projeção estendida do N, do traço de indexicalidade (Elaboração Própria)

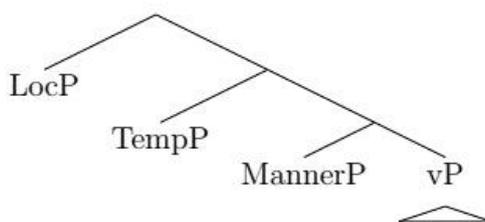


Fig. 12 – Estrutura da porção da hierarquia oracional responsável pela valoração do traço de indexicalidade (Elaboração Própria)

A título de simplificação, ilustraremos apenas os passos derivacionais diretamente envolvidos na exclamatividade-wh, não entrando nos pormenores da derivação completa.

⁹⁸ Em todo caso, permanece o questionamento sobre o fato de termos valoração interna à projeção estendida do N quando da presença de DemPs como *aquela* em "aquela mulher" (via soldagem de "aquela") e valoração na projeção estendida do V por meio da Soldagem de um CircumstantialP (LocP, TempP, MannerP), no espírito de Cinque (2006, cap. 6), como veremos na derivação das exclamativas-que/quanto.

No caso específico da sentença em (226), assumimos que a valoração do traço de indexicalidade se dê com a Soldagem do DemP “aquela” na projeção estendida do NP, no espírito do ilustrado na figura 11. Pormenores à parte (como já dito)⁹⁹, o segundo passo da derivação – diretamente envolvido na expressão da exclamatividade-wh – corresponde à valoração do traço de Mood_{Evidential}, nomeadamente o traço [+ referencial]. Conforme vimos na seção 3.3, as exclamativas-wh têm de valorar este traço pela razão de que a sensibilidade à experiência (visual, auditiva, etc.) é uma das características semânticas das exclamativas-wh (MICHAELIS, 2001).

Atestamos a pertinência do traço de evidencialidade/referencialidade na exclamatividade-wh por meio dos testes de co-ocorrência de constituintes. Vimos, por exemplo, que exclamativas com advérbios evidenciais, tais como “*Evidentemente como é linda aquela mulher”, são bastante malformadas em PB, o que argumenta em favor da pertinência deste traço em exclamativas-wh.

A porção da sentença "aquela mulher" é um constituinte na sentença em questão, podendo, então, se mover sozinho. Tal constituência é atestada pelo teste de movimento em (229-230), abaixo, que sugere que (229) é derivada de (230):

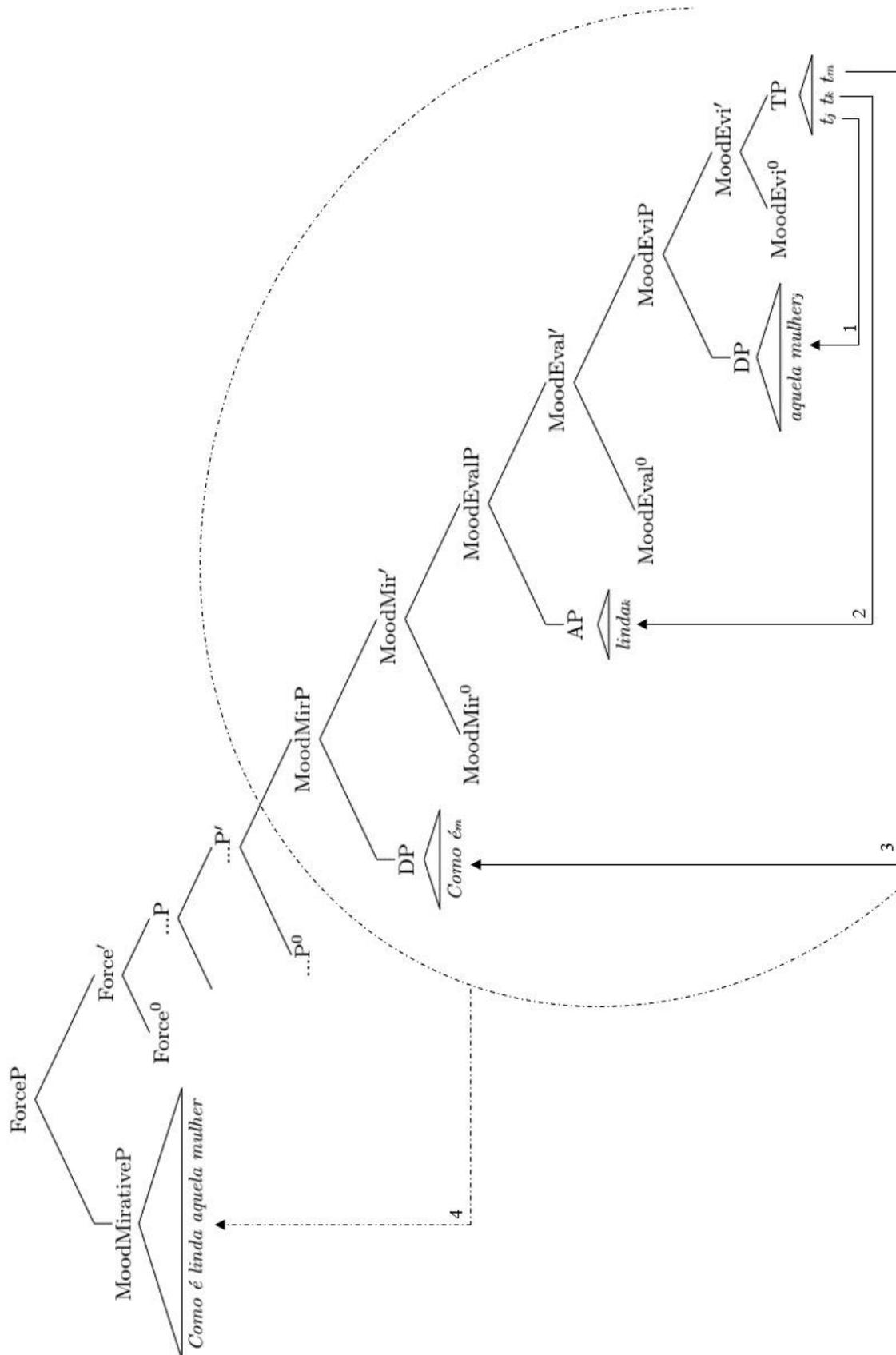
(229) Aquela mulher_i, como t_i é linda!

(230) Como aquela mulher é linda!

Repare que o sintagma "aquela mulher" é o constituinte que deve valorar o traço de referencialidade, uma vez que diz respeito ao referente da exclamação do falante. Na fig. 13, a seguir, esse passo da história derivacional é indicado como “1”

⁹⁹ Para simplificar, denominamos – na fig. 13 e seguintes – a porção mais encaixada como "TP", representando-a com o triângulo. O leitor deverá lembrar, contudo, que essa projeção corresponde à projeção temporal mais alta de Cinque (1999), nomeadamente TPast. Para uma proposta sobre a derivação dos tempos verbais numa estrutura à la Cinque (1999), cf. Tescari Neto (2013).

Fig. 13 – Derivação das exclamativas-como no PB (Elaboração Própria).



O terceiro passo desta derivação é a entrada, na estrutura, do núcleo de Mood_{Evaluative}. Como vimos ao longo dos capítulos 1 e 2, e também na seção anterior, as sentenças exclamativas necessariamente veiculam uma avaliação do evento/objeto do predicado por parte do falante. Atestamos sua pertinência na derivação da exclamatividade-wh por meio de testes (ver dados (220) a (222) da seção anterior). Dito isso, o constituinte “linda” se move para a posição de [Spec, MoodEvalP] – tal como indicado como “2” na fig. 13 – para valorar este traço de avaliação.

Conseguimos constatar o status de constituinte do adjetivo “linda” a partir de testes de constituência (TESCARI NETO, 2017), tal como o teste de movimento, que ilustramos em (232) – derivada de (231) – abaixo:

- (231) Como aquela mulher é linda!
 (232) Linda_i, como aquela mulher é t_i!

Constatada a constituência de “linda” (em (231-232)), faz-se necessário justificar por que este sintagma (e não outro constituinte de (226)) deve se mover para a posição de [Spec, MoodEvalP]: *linda* é um adjetivo avaliativo. É pertinente que este sintagma, portanto, seja o constituinte a valorar o traço de avaliação na exclamativa-wh em (226).

Em seguida, entra na estrutura o núcleo de Mood_{Mirative}. Conforme vimos na seção de revisão da literatura (seção 1.1), a surpresa e/ou a admiração (aqui entendidas como um único traço) é entendida como propriedade das exclamativas-wh segundo diversas abordagens (ZANUTTINI e PORTNER, 2003; ZEVAKHINA, 2014).

Como argumentado na seção anterior (na discussão dos dados (208-211)), uma vez que as exclamativas envolvem leitura mirativa, não é possível co-ocorrerem com um advérbio mirativo dentro de exclamativas-como. Assim, o constituinte “como é” se move para a posição de [Spec, Mood_{Mirative}P], tal como ilustrado pelo passo derivacional “3” da fig.13, acima. Que o elemento “como” se move carregando a cópula é atestado pelo teste da (proibição da) inserção (TESCARI NETO, 2017), conforme ilustrado em (233-234):

- (233) Como é *bem* linda aquela mulher!
 (234) Como é *certamente* linda aquela mulher!

O constituinte “como é” se move para a posição de [Spec, MirativeP] para satisfazer o traço [+ mirativo], por ser o sintagma-wh responsável pela veiculação da modalidade mirativa das exclamativas (conforme vimos na seção anterior).

Na sequência, MirativeP se solda com a projeção de SpeechActP, em consonância com a hierarquia de Cinque (1999). Uma vez que em nossa derivação representamos apenas as categorias pertinentes à expressão da exclamatividade-wh, inserimos acima de MirativeP, na figura 13, a “projeção” ‘...P’ para indicar a supressão das projeções de SpeechActP, FinP, FocP, TopP, e demais projeções de CP c-comandadas por ForceP.

Por fim, o núcleo de Force⁰ entra na derivação e Mood_{MirativeP} se move para [Spec, ForceP] para valorar o traço de força, como indicado como “4” na figura 13. Conforme a hipótese lançada no capítulo 1 e verificada com argumentos sintáticos na seção 3.1, a modalidade exclamativa é obtida derivacionalmente, de modo que cinco categorias – no caso das exclamativas-como – estejam envolvidas em sua derivação (LIMA, 2018a,2018b).¹⁰⁰

Conforme vimos ao longo dos capítulos 1 e 3, há razões para argumentarmos que a derivação das exclamativas-que e das exclamativas-quanto em (209) e (210), repetidas abaixo, seja distinta da derivação de exclamativas-como. Vislumbramos, nas seções 3.1 e 3.2, diferentes propriedades sintáticas desses dois subtipos de exclamativas, o que foi explicado à luz da assunção de uma projeção adicional para as exclamativas-que/quanto¹⁰¹.

(235) *Que bagunça eles fizeram aqui/AQUI!*

(236) *Quanta bagunça eles fizeram aqui/AQUI!*

No início da derivação dessas sentenças, tal como nas exclamativas-como, o traço de indexicalidade é valorado em uma posição imediatamente acima de *v*P, na zona dos sintagmas circunstanciais (Cinque, 2006, cap. 6) – conforme já ilustrado na fig. 12 (e discutido no texto relacionado). Esse traço é valorado pela Soldagem do dêitico “aqui” – que pode permanecer silencioso (“AQUI”) (cf. nota 99).

Ignorando as etapas derivacionais não diretamente envolvidas na valoração da exclamatividade-wh, entra na estrutura o núcleo de Mood_{Evidential}, que se solda com TP.

¹⁰⁰ Já mencionamos que as exclamativas-que/quanto devem ainda valorar um traço de gradatividade em [Spec, DegP]. Este ponto será retomado do próximo parágrafo em diante.

¹⁰¹ A razão conceitual para essa distinção é o aspecto de gradatividade presente nessas estruturas. Como veremos na seção 3.4, essa gradatividade se manifesta de diferentes formas nas exclamativas-que e nas exclamativas-quanto, havendo uma distinção semântica no tipo de grau envolvido. Ignoraremos, por ora, essa diferença na representação desses dois tipos de exclamativas.

Desta porção denominada de TP, é extraído o constituinte “eles fizeram” e movido a [Spec, Mood_{Evidential}] para valorar o traço de evidencialidade/referencialidade.¹⁰²

O grupo de palavras “eles fizeram” forma um constituinte em (235-236), como atestado pelo teste do movimento:

(237) Muita bagunça eles fizeram!

(238) [Eles fizeram]_i muita bagunça t_i?

Assim, o sintagma “eles fizeram” (vide, contudo, nota 104) se move para a posição de [Spec, Mood_{Evidential}P], passo descrito como “1” na figura 14 a seguir, para valorar o traço de referencialidade [+ evidencial].

O terceiro passo desta derivação é a entrada na estrutura do núcleo de Mood_{Evaluative}P. Como argumentamos ao longo da dissertação e também vimos na derivação das exclamativas-como, as exclamativas veiculam uma avaliação sobre o evento/objeto veiculado pelo predicado (ver discussão da seção 3.1).

Que “bagunça” seja um constituinte é atestado pelos testes do movimento (221) e da clivagem (222):

(239) Eles fizeram bagunça!

(240) Bagunça, eles fizeram!

(241) Foi bagunça que eles fizeram!

¹⁰² Estou ignorando, na representação da derivação, o fronteamento de *que bagunça*, complemento do V, que antecede o fronteamento de *eles fizeram*.

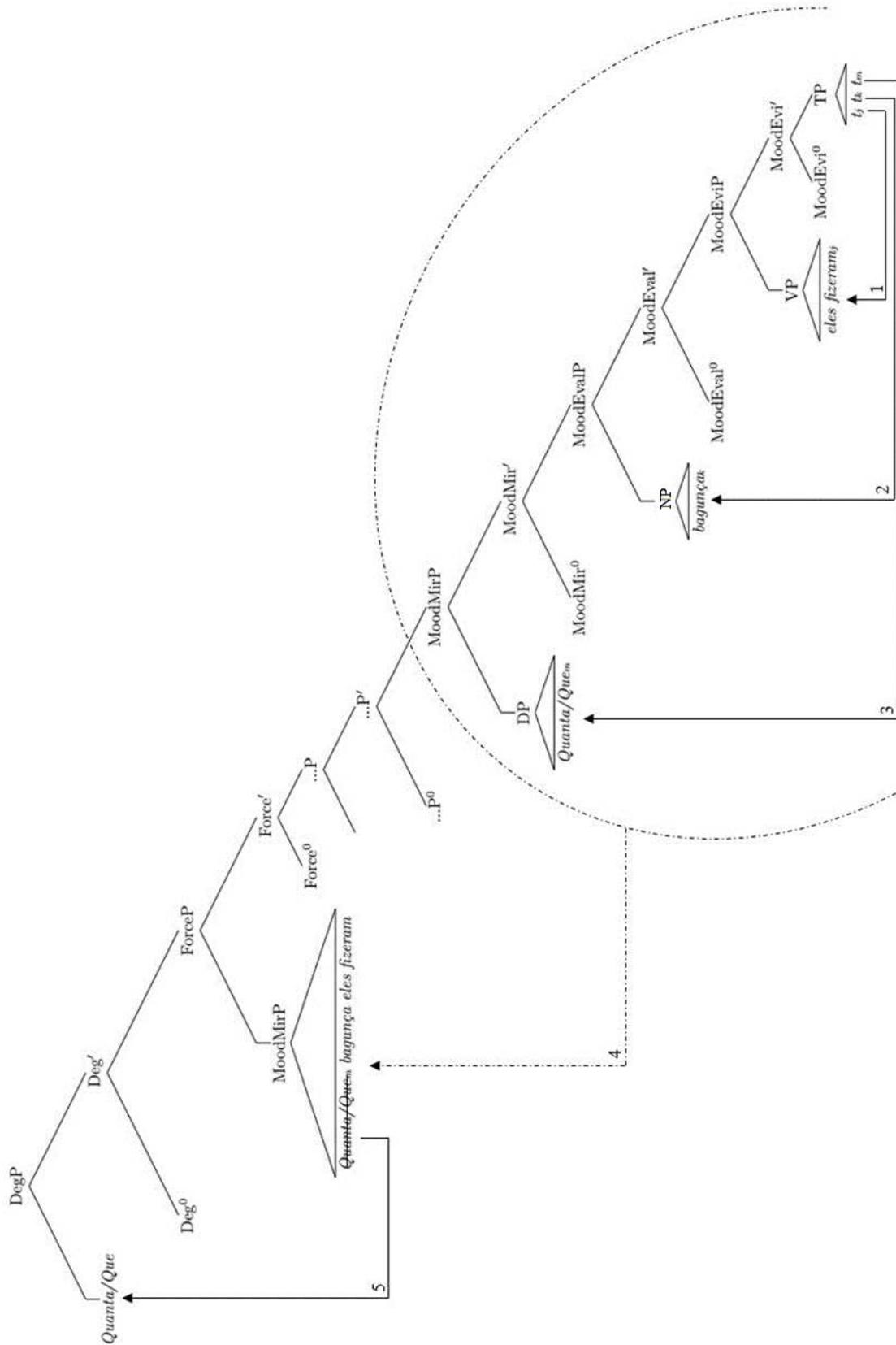


Fig. 14 – Derivação das exclamativas-que/quanto no PB (Elaboração Própria)

Uma vez que nas exclamativas há a veiculação de uma avaliação sobre o evento/objeto veiculado pelo predicado, essa avaliação deve ser valorada em uma posição dedicada da hierarquia sintática. Desta forma, o constituinte nominal “bagunça” se moveria para a posição de [Spec, MoodEvalP], tal como descrito na fig. 14 acima como “2”, para valorar o traço de [+avaliação]. Na sequência, o núcleo de Mood_{Mirative} entra na estrutura e se solda com Mood_{Evaluative}P. Em seguida, o sintagma-wh se move para a posição de [Spec, Mood_{Mirative}P]. Em vista dos testes de movimento, o elemento “quanto” pode ser considerado um constituinte:

- (242) Quanta/que bagunça eles fizeram!¹⁰³
 (243) a. Bagunça_i, quanta t_i eles fizeram!
 b. *Bagunça, t_k eles fizeram quanta_k!

A agramaticalidade em (243b), em contraste a (243a) indica uma distinção configuracional digna de nota (como nos foi apontado por Simone Guessier, em comunicação pessoal). Vejamos (244) e (245) abaixo:

- (244) *Bagunça, t_k eles fizeram quanta_k!
 (245) Bagunça, ele fizeram quanta?

Em (244), não é possível ter o sintagma *quanta* in situ, diferentemente do que ocorre na interrogativa em (245), pois *quanta* precisa checar o traço de miratividade em MirativeP. Assim, tal como descrito em “3” na figura acima (*fig.14*), os sintagmas ‘que/quanto’ se movem para [Spec, Mood_{Mirative}P] para satisfazer o traço de miratividade [+miratividade].

¹⁰³ Como bem nos apontou Sandra Quarezemin (comunicação pessoal), o teste de movimento não parece funcionar muito bem para o elemento-wh “que”, como podemos ver em (i) e (ii):

- (i) *Bagunça, que t_i eles fizeram!
 (ii) *Bagunça, t_i eles fizeram que.

Tal agramaticalidade parece ser devida a alguma restrição lexical pela qual um sintagma nominal não pode sair de dentro de um quantificador e se deslocar na sentença. Contudo, com o elemento-wh “quanto”, como vimos em (225), tal restrição não parece se impor, por razões que ainda desconhecemos. De qualquer forma, ainda consideramos o elemento-wh “que” como um constituinte, devido ao fato de esse item poder ser considerado constituinte se levarmos em conta outros testes de constituição, como o teste da proibição de inserção:

- (iii) Que bagunceiros eles são!
 (iv) Que *escandalosamente* bagunceiros eles são!

Por fim, tal como ocorre nas exclamativas-come, acima de Mood_{Mirative}P são soldadas as projeções de SpeechActP, FinP, etc., até chegar o momento de Force⁰ se soldar à estrutura e Mood_{Mirative}P se mover a seu especificador, como vemos em “4” na figura 14. Na sequência, Deg⁰ se solda com a projeção de ForceP e o elemento-wh é subextraído de ForceP e movido ao especificador de Deg, como representado em “5”, ainda na figura 14. Como vimos na seção 3.1, essa seria a estratégia “mover + mover”, tal como descrita por Gutiérrez-Rexach (2001): o elemento-wh é subextraído de uma projeção funcional¹⁰⁴.

Seja como for, argumentamos que essa seria a diferença estrutural entre as exclamativas-come e as exclamativas-que/quanto: as exclamativas-come sobem até ForceP, enquanto as exclamativas-que/quanto subiriam até a posição de DegP, inserido na borda do CP.

As exclamativas-que e as exclamativas-quanto têm em comum o fato de ambas serem dotadas da propriedade de gradatividade. Todavia, como veremos na seção a seguir, há uma diferença semântica no tipo de grau envolvido em exclamativas-quanto e em exclamativas-que.

3.4 Exclamativas-que x Exclamativas-quanto: dois tipos de graus excepcionais

Como vimos na seção 3.1, diversos autores postulam que a exclamatividade das exclamativas-wh é satisfeita a partir de posições específicas na zona expandida do CP. Na seção 3.2, apresentamos argumentos em favor da análise a partir da qual a derivação das exclamativas-come aciona categorias do *middlefield*¹⁰⁵ e, na seção 3.3, ilustramos a diferença derivacional entre os dois tipos de exclamativas (exclamativas-come x exclamativas-que/quanto).

Na presente seção, discutiremos o processo derivacional das exclamativas que são as principais candidatas a ocuparem posições dedicadas, tal como vimos na proposta de derivação na seção 3.3, na denominada periferia esquerda da sentença: as exclamativas-que e as exclamativas-quanto. Embora tenhamos representado esses dois

¹⁰⁴ Essa projeção, nomeada aqui de DegP, pode ser tratada como uma projeção inserida em borda de fase, tal como ocorre, segundo argumentado em Camargos, Castro e Tescari Neto (2019), com as projeções AgrP e NegP, da fase baixa em Tenetehára e coreano. Se DegP guarda, por esse motivo, semelhança com AgrP e NegP, sua soldagem acima de ForceP não seria, portanto, problemática em termos teórico-conceituais.

¹⁰⁵ No caso das exclamativas-come, como vimos na seção 3.2, há argumentos sintáticos para que a zona do IP esteja envolvida.

subtipos de exclamativas-wh como ocupando a mesma posição *última* (i.e., de pouso) na estrutura hierárquica do CP, acreditamos que haja argumentos para diferenciá-las.

Como vimos na descrição da literatura, alguns autores entendem que as estratégias de derivação podem variar de acordo com o tipo de exclamativa-wh (GUTIERREZ-REXACH, 2001); outros, que a extensão do movimento é distinta, a depender do elemento-wh (LIPTAK, 2005). Essas conjecturas encontrariam respaldo em argumentação semântica.

Como vimos anteriormente, segundo Nouwen e Chernilovskaya (2015), em termos de significado, existem dois tipos de exclamativas-wh e esses tipos se distinguem quanto ao significado escalar que cada construção veicula: um tipo expressa uma atitude exclamativa perante o referente wh (*e-level*) e o outro, uma atitude perante o evento veiculado pela expressão-wh (*i-level*). Essa distinção entre as exclamativas se dá a partir do elemento-wh. Nesse sentido, as línguas se distinguiram no que diz respeito a quais expressões wh estão envolvidas em cada tipo de exclamativa. Desta forma, se as expressões-wh podem alterar a referencialidade (*e-level* x *i-level*), é plausível que diferentes elementos-wh estejam associados a histórias derivacionais distintas.

Essa hipótese encontra respaldo nas análises sintáticas do italiano *standard* (DELFITTO e FIORIN, 2014). Segundo os autores, as exclamativas-wh dão origem a pelo menos duas configurações distintas, cada uma envolvendo uma forma distinta de quantificação sobre graus. Tal observação foi feita com base no italiano – cf. (246) e (247) –, mas também é o caso para o PB, como podemos ver em (248) e (249):

- (246) Quante persone che hai incontrato!
 quantas pessoas que (você)-encontrou
 ‘Quanta gente que você encontrou!’
- (247) *Molte/alcune/tante persone che hai incontrato!
 muitas/algumas/tantas pessoas que (você)-encontrou
 ‘Tantas pessoas você encontrou!’
- (248) Quantas pessoas que você conheceu!
- (249) *Muitas/tantas pessoas que você conheceu!¹⁰⁶

Tanto em italiano quanto em PB, sentenças como (246) e (248) geralmente são realizadas com um complementizador ‘que’ preenchido, apesar de a ausência desse item não prejudicar a gramaticalidade da sentença. Por outro lado, sentenças como (247) e

¹⁰⁶ É importante pontuar, contudo, que haverá aceitação, por brasileiros, de uma versão de (249) sem o complementizador “que”: “Muitas pessoas você conheceu.”

(249) são agramaticais com complementizador realizado, muito embora sejam gramaticais se o complementizador for descartado da estrutura, tal como em (251):

(250) Quantas pessoas você conheceu!

(251) Muitas pessoas (*que) você conheceu!

Considerando a diferença de interpretação entre (250) e (251), podemos perceber que tal distinção se assemelha àquela introduzida por Rett (2011) entre exclamações e exclamativas: uma vez que (250) expressa a surpresa por parte do falante sobre o fato de o número de pessoas encontradas pelo interlocutor ser maior que o esperado, tal sentença se qualifica como uma exclamativa escalar, uma vez que existe um grau contextualmente relevante, que o falante compreende como *excepcional*; por outro lado, em (251), o significado expressivo recai sobre o fato de o falante ter conhecido um grande número de pessoas, mas não há a indicação de uma noção de gradabilidade (no sentido de extrapolação de alguma escala). Em outras palavras, em (250), o falante expressa surpresa sobre graus, enquanto em (251), a surpresa recai sobre proposições. Assim, como podemos notar, a propriedade de referencialidade repousa na diferença de gradabilidade veiculada pelo elemento-wh.

Para explicitar a natureza gradativa das exclamativas-wh e suas distinções em termos de escala, Delfitto e Fiorin (2014, p. 5) propõem a seguinte reflexão: suponha que o falante queira expressar surpresa não sobre o fato de o interlocutor ter conhecido um número excepcional de pessoas, mas sobre o fato de as pessoas serem excepcionais, no sentido de terem alguma propriedade contextualmente relevante. No exemplo dos autores, essa propriedade poderia ser o fato de as pessoas serem ganhadoras do prêmio Nobel. Para isso, o falante pode veicular (252) para expressar sua surpresa perante o fato de o interlocutor conhecer pessoas excepcionalmente inteligentes, mas não (253), de modo que é envolvida uma noção de escala qualitativa, ao invés de quantitativa.

(252) #Quanta pessoa que você conheceu!

(253) Que pessoas que você conheceu!

Em uma perspectiva sintática, é plausível supor que haja uma posição dedicada na periferia esquerda, acessível a sintagmas de grau como “quanto-N” e “que-N”, mas não a “muito/tanto-N”, o que explicaria a agramaticalidade de (247) e (249). Assim, podemos postular que essa posição dedicada seria ocupada apenas por sintagmas-wh, que

preencheria uma das projeções de tópico entre ForceP e FinP, em uma estrutura à la Rizzi (1997):

(254) [ForceP...(Topic*)...Focus...(Topic*) Fin [IP

Ademais, em exclamativas do PB, o movimento para essa posição-wh seria incompatível com a realização do complementizador “que”, quando o elemento-wh em questão não é gradativo, como podemos ver em (255) abaixo:

(255) *Quais pessoas que você conheceu!

Dado (255), é plausível argumentar que a ocorrência de sintagmas de grau à esquerda de complementizadores morfofonologicamente realizados, como “que”, indica que sintagmas de grau são deslocados para uma posição mais alta que ForceP, selecionando toda a estrutura do CP. Para Delfitto e Fiorin (2014, p.6), essa posição mais alta seria uma projeção de grau e seria intrínseca a estruturas exclamativas escalares. Assim, exclamativas-que e exclamativas-quanto teriam a seguinte configuração¹⁰⁷:

(256) [**Deg** [Force...(Topic*)...Focus...(Topic*) Fin [IP

Dessa forma, nossa hipótese para o PB é a de que tanto exclamativas-quanto, quanto exclamativas-que sejam dotadas de uma propriedade formal que indica grau excepcional¹⁰⁸ (em um sentido escalar). Delfitto e Fiorin (2014) denominam essa propriedade de *E-deg* e propõem que “que-N” e “quanto-N” são marcados sintaticamente como *E-deg*, diferentemente de sintagmas como “muito-N”, que não veiculariam uma noção de grau.

Apesar dessa similaridade de traço gradativo envolvido em suas estruturas, exclamativas-que e exclamativas-quanto se distinguem sintaticamente em alguns aspectos. Por exemplo, tanto em italiano (257), quanto em PB (258), não é possível que “quanto” ocorra à esquerda do complementizador “que” em exclamativas-wh:

¹⁰⁷ Uma configuração similar foi proposta no PB por nós na seção 3.3. para as exclamativas-que/quanto.

¹⁰⁸ Uma hipótese similar é encontrada em Villalba (2003) para quem as exclamativas-que do catalão sempre envolvem uma modificação de grau, onde o modificador é um operador de grau nulo (DegOP).

(257) *Quanto che è inteligente Gianni!
 Quanto que é inteligente Gianni
 ‘Quanto que é inteligente Gianni!’

(258) *Quanto que é inteligente o João!¹⁰⁹

Contudo, tal configuração sintática é totalmente gramatical com “che”/“que”, como vemos em (259) e (260):

(259) Che inteligente che è Gianni!
 Que inteligente que é Gianni
 ‘Que inteligente que é Gianni’

(260) Que inteligente que é João!

O motivo para esse contraste, a agramaticalidade de (257) e (258) e a gramaticalidade de (259) e (260), seria a natureza da propriedade *E-deg* envolvida, que impactará a seleção envolvida no elemento-wh. Nesse aspecto, Delfitto e Fiorin (2014) observam que, em italiano, o elemento-wh “que” pode selecionar tanto adjetivos como nomes. Tal possibilidade também existe em PB:

(261) Che persone che hai incontrato!
 que pessoas que (você) encontrou
 ‘Que pessoas que você encontrou!’

(262) Que pessoas que você encontrou!

Nesses casos em (261) e (262), o sintagma “que-N” seria sensível ao contexto. O falante expressa surpresa sobre alguma característica da pessoa conhecida/encontrada, de modo que o contexto alterará a interpretação: se a pessoa encontrada/conhecida for um político poderoso, o falante estará expressando uma atitude sobre os valores de *x* serem extraídos de um conjunto de pessoas *excepcionalmente importante*; por outro lado, se a pessoa encontrada for um traficante, o valor de *x* se altera e a surpresa do falante recai sobre o fato de a pessoa ser *excepcionalmente perigosa*, e assim por diante. Em outras palavras, o conteúdo da avaliação em estruturas como “que-N” é derivado a partir de um parâmetro de contexto.

¹⁰⁹ Tal julgamento de gramaticalidade, todavia, não é consensual: alguns falantes de PB aceitam essa sentença, enquanto outros a consideram agramatical.

Nessas estruturas, assume-se a existência de algum “operador de medida”, de modo que nomes possam ser selecionados por funções que mapeiam entidades em graus ao longo de uma escalada contextualmente determinada (RETT, 2011). Assim, em sentenças como (241) e (242), “que” seria núcleo de um sintagma-wh dotado do traço *E-deg*, que induz uma leitura gradativa sobre o sintagma nominal selecionado. Nesse sentido, o traço *E-deg* transforma os graus sobre os quais quantifica em *graus excepcionais*, permitindo a veiculação em exclamativas (DELFITTO e FIORIN, 2014).

Apesar de o traço *E-deg* estar presente em exclamativas-que e em exclamativas-quanto, a natureza do grau envolvido é diferente. Dito isso, é possível formalizar a distinção entre “que” e “quanto” em exclamativas-wh da seguinte forma: o traço *E-deg* realizado em sintagmas como “quanto-N” seleciona graus em uma escala quantitativa, enquanto o traço *E-deg* realizado em sintagmas como “que-N” selecionam graus em uma escala qualitativa, que é contextualmente valorada.

Dito de outra forma, a escala na qual os graus são introduzidos pode ser de natureza quantitativa ou qualitativa, de modo que as duas opções dependerão da semântica do núcleo envolvido no sintagma-wh: “quanto” transforma graus quantitativos em *graus quantitativos excepcionais*, enquanto “que” transforma graus qualitativos em *graus qualitativos excepcionais* (RETT, 2011; DELFITTO e FIORIN, 2014)

Tal ideia nos parece intuitiva, dado que “quanto” é um sintagma-wh de quantidade, diferentemente do elemento-wh “que”. Talvez essa intuição nos dê alguma pista sobre a possibilidade de inversão entre o sintagma nominal e APs em estruturas com “que”, mas não em estruturas com “quanto”:

- (263) Que aula interessante que assisti!
- (264) Que interessante aula que assisti!
- (265) Que pijama belo que eu comprei!
- (266) Que belo pijama eu comprei!

- (267) Quanta aula interessante que assisti!
- (268) *Quanta interessante aula que assisti!
- (269) Quanto pijama belo que eu comprei!
- (270) *Quanto belo pijama que eu comprei!

A possibilidade de inversão nas sentenças com “que” (263-266) e a impossibilidade de inversão nas sentenças com “quanto” (267-270) podem ser explicadas com base, entre outros fatores, numa distinção de operador de grau, como vimos acima,

tal como numa diferença estrutural na posição dos diferentes elementos *wh* envolvidos (no caso, ‘quanto’ indo para uma posição mais alta do que ‘que’¹¹⁰).

Disso se segue que é plausível propor que uma vez que as exclamativas-*wh* do PB contam com três entonações distintas, a depender do elemento-*wh* envolvido (ZENDRON DA CUNHA, 2016), poderia haver três diferentes formas de manipulação de uma mesma estrutura, uma forma para cada tipo de exclamativa. Como já vimos anteriormente (seção 3.2 e seção 3.3), exclamativas-*como* têm um comportamento razoavelmente distinto de exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto* em termos de estrutura sintática.

Por fim, na seção abaixo, resta trazer algumas últimas reflexões acerca da influência do contexto na derivação das exclamativas-*wh* e do local da indexicalidade na exclamatividade-*wh*.

3.5 O lugar da indexicalidade na estrutura sintática: contexto e a interface pragmática-sintaxe

Como vimos no primeiro capítulo, não há um consenso sobre o caráter tipológico da modalidade exclamativa. Devido à falta de teoria unificadora para esse tipo de construção, diferentes investigações em domínios distintos acabam por destacar diferentes propriedades na descrição linguística. Visando a uma proposta teórica unificadora, elencamos as diferentes propriedades postuladas na literatura, chegando a um conjunto consensual de propriedades: gradatividade, avaliação, miratividade, referencialidade e indexicalidade. Além dessas, consideramos também a propriedade de força¹¹¹.

Conforme vimos na descrição da literatura, é possível acomodar essas propriedades com base no princípio teórico do *one feature, one head* e dos testes de *sensibilidade*, expedientes clássicos da Cartografia. A partir desses testes, atestamos a validade dos traços de força e factividade, colocamos em dúvida a necessidade do traço de foco nas exclamativas-*wh* (ver seção 3.1); aventamos a hipótese de as exclamativas-*como* se comportarem de forma distinta das exclamativas-*que* e das exclamativas-*quanto*, não tendo como posição de pouso final, necessariamente, a periferia esquerda (ver seção

¹¹⁰ Não é certo, contudo, qual seria essa posição e qual seria seu importe conceitual. Essa hipótese deve ser melhor investigada em trabalhos futuros.

¹¹¹ Essa postura reforça nosso posicionamento em prol do argumento de que as sentenças exclamativas são um tipo sentencial/modalidade tal como as sentenças declarativas, interrogativas, imperativas, etc.

3.2); estabelecemos a diferença na leitura gradativa entre exclamativas-wh iniciadas por “que” e por “quanto” (ver seção 3.4).

O traço de miratividade (a surpresa veiculada no ato de exclamar) está relacionado com o caráter avaliativo das exclamativas, enquanto o traço avaliativo, nesse tipo de construção-wh, é sempre dêitico, i.e., sempre parte da perspectiva do falante que profere a sentença.

Nesse sentido, as sentenças exclamativas se relacionam com as construções expressivas, no sentido de ambas as construções veicularem uma subjetividade (por parte do falante). Uma forma de lidar com essa subjetividade das exclamativas, e também para explicar certas restrições sintáticas, como as diferenças entre as *small clauses* livres e as denominadas que-SCLs, como vimos no capítulo 2, é adotar a perspectiva expressiva (GUTZMAN, 2017). Tal perspectiva é totalmente compatível com a perspectiva escalar (RETT, 2008, 2011), como vimos na seção 1.1.3.

Resta, assim, uma explicação sobre como a propriedade de indexicalidade dessas construções é valorada na estrutura. Dito de outro modo, ao considerar a propriedade de indexicalidade em perspectiva sintática, a questão teórica que emerge é: a sintaxe realmente interage com o contexto? Ou, em outras palavras, de que maneira as propriedades pragmáticas estariam codificadas já na estrutura sintática (se é que estariam)?

Uma resposta possível para essa questão é a de que não há tal interação e que a sintaxe é responsável apenas por computar as estruturas e as relações entre constituintes para que, em seguida, essas estruturas sejam interpretadas. Nesse sentido, o contexto é considerado apenas após a computação ser realizada.

Uma outra resposta possível para essa questão é a de que a interação entre contexto e sintaxe existe e que as propriedades deste contexto são codificadas na gramática.

O argumento de Giorgi (2008), por exemplo, é o de que há uma projeção sintática em uma posição alta da periferia esquerda da sentença (especificamente, a posição mais alta da hierarquia). Segundo a autora, as coordenadas temporais e espaciais do falante estão codificadas na camada do complementizador na Gramática Universal, sendo perceptíveis na sintaxe das línguas naturais. C¹¹² seria o locus onde o ponto de vista do falante é codificado a partir de diversos traços-φ correspondentes aos traços discursivos.

¹¹² Em um desenvolvimento dessa teoria, Giorgi (2012) argumenta que essa posição em C pode ser definida como uma “fase”, nos termos do programa minimalista (CHOMSKY, 2005).

Nesse sentido, C seria a interface entre a sintaxe e o contexto, sendo denominado pela autora de *C-Speaker*.

Para corroborar sua teoria, Giorgi (2008) apresenta alguns dados do italiano para evidenciar a existência de coordenadas do falante visíveis em CP. Entre elas, está a distribuição do advérbio de ato de fala *francamente* no italiano, que, como também argumenta Cinque (1999; 2004), não pode ser encaixado:

(271) Francamente, Mario si è comportato male
 Francamente, Mario se comportou mal
 ‘Francamente, Mario se comportou mal’

(272) *Luisa credeva che francamente si fosse comportato male
 Luisa acreditava que francamente se fosse comportado mal
 ‘Luisa acreditava que francamente ele havia se comportado mal’

A presença desses advérbios requer uma longa pausa depois do restante da sentença. Ademais, Giorgi (2008) argumenta que tal impossibilidade de encaixamento do ‘francamente’ persiste mesmo se ele ocorrer em posição final de sentença, tal como em (273):

(273) *Luisa credeva che si fosse comportato male, francamente
 Luisa acreditava que se fosse comportado mal francamente
 ‘Luisa acreditava que ele se comportava mal, francamente’

Segundo a autora, a única interpretação possível para (273) é aquela em que ‘francamente’ se refere ao falante e não a Luisa. Logo, o advérbio é orientado ao falante, tomando toda a sentença como escopo (GIORGI, 2008, p.73). Assim, essa impossibilidade de leitura encaixada leva à consideração de que advérbios de atos de fala devem estabelecer uma relação entre o ato de fala e seu agente. Portanto, não é aceitável o encaixamento em orações dependentes de atitudes proposicionais, como *temer*, *acreditar*, etc. Nesse sentido, exclamativas-wh são ótimos diagnósticos para testar essa hipótese, uma vez que veiculam, necessariamente, uma atitude proposicional do falante (surpresa, admiração, etc.). Como veremos no final dessa seção, não temos essa mesma interpretação com exclamativas-wh do PB.

Mas antes, cabe a observação de que tal teoria é um desenvolvimento natural de uma certa tendência em Cartografia Sintática nos dias atuais¹¹³. Tal abordagem de Giorgi

¹¹³ A tendência dos estudos com base no *speech act phrase (SAP)* pôde ser atestada ao conferirmos o extenso número de trabalhos dentro dessa vertente durante o congresso “IWSC 2019: 3rd International Workshop

(2008) se relaciona com a estrutura para os atos de fala (tal como apresentado na seção 3.1). Segundo Speas e Tenny (2003), a relação entre sintaxe e pragmática pode ser modelada a partir de uma estrutura sintática cindida. Para isso, são operacionalizadas na estrutura sintática os domínios de força ilocucionária (modalidade sentencial) e os fenômenos relacionados ao ponto de vista do falante.

Os autores argumentam que as propriedades relevantes para os domínios mencionados são codificados na seguinte estrutura sintática:

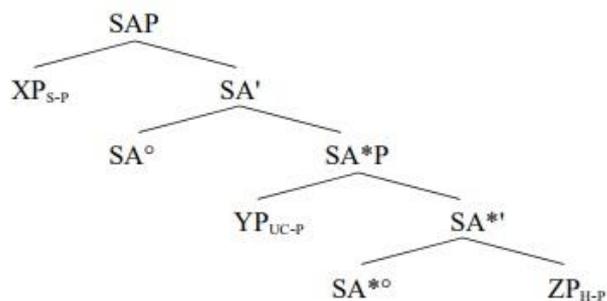


Fig. 15 – Representação do Speech Act Phrase (Fonte: SPEAS e TENNY, 2003; GÄRTNER e STEINBACH, 2006, p.1)

A representação arbórea da figura 15 apresenta a codificação formal da modalidade sentencial em termos de camadas de sintagmas de atos de fala (*Speech Act Phrase* – SAP), onde são definidos os papéis pragmáticos de Falante (*Speaker* [S – P]), Conteúdo Enunciado (*Utterance Content* [UC – P]) e Ouvinte (*Hearer* [H – P]).

Ademais, os autores também representam sintaticamente as bases formais do ponto de vista do falante, denominado de *Sentential Phrase*, como podemos ver abaixo:

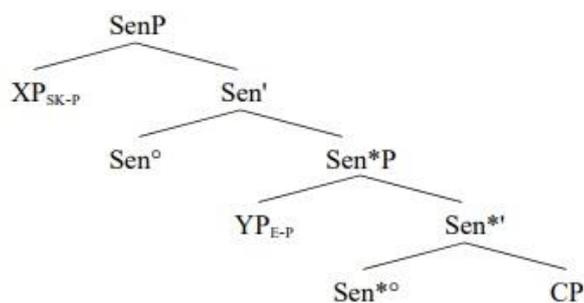


Fig.16 – Representação do Sentential Phrase (Fonte: SPEAS e TENNY, 2003; GÄRTNER e STEINBACH, 2006, p.1)

A representação arbórea da figura 16 acima, apresenta a estrutura do fenômeno do ponto de vista do falante por meio de camadas de sintagmas sentenciais (Sen*P), definindo os Papéis-P¹¹⁴ de Estado do Conhecimento (SK – P) e Evidência (E – P). A categoria funcional SenP é soldada na projeção de SAP como especificador de SA*P e, assim, adquire o papel-p UC-P, codificando o conteúdo enunciado. Em seguida, o CP é encaixado na estrutura, sendo o espaço reservado para o restante da frase.

Tal estrutura, ao nosso ver, apresenta alguns problemas epistemológicos, no que diz respeito à perspectiva cartográfica (“dura”). Por exemplo, essa estrutura implica que, necessariamente, o CP seja ocupado em sentenças que envolvem qualquer fenômeno do ponto de vista do falante. Todavia, como vimos na seção 3.3., há argumentos interessantes a sustentarem que nem todas as exclamativas-wh (estruturas-wh que envolvem, necessariamente, o ponto de vista do falante) têm seus traços valorados na periferia esquerda.

Ademais, enquanto os dados do italiano apresentados por Giorgi (2008), repetidos abaixo como (274) e (275), se apresentam como agramaticais, a mesma anomalia não é encontrada no PB, de modo que não há agramaticalidade no encaixamento do “francamente”:

(274) *Luisa credeva che francamente si fosse comportato male
Luisa acreditava que francamente se fosse comportar mal
‘Luisa acreditava que francamente ele havia se comportado mal’

(275) *Luisa credeva che si fosse comportato male, francamente
Luisa acreditava que se fosse comportar mal francamente
‘Luisa acreditava que ele se comportara mal, francamente’

(276) Como é curioso que francamente o presidente admitiu o erro!

(277) Como é estranho que Luisa acreditava que ele se comportava mal, francamente!

Na sentença em (276), temos a leitura de que ‘francamente’ é um advérbio orientado ao falante, i.e., exprime a impressão de quem profere a sentença. Assim, em

¹¹⁴ Os autores denominam como “Papéis-P” os papéis de ponto de vista do falante. Na teoria de Giorgi (2008), esses “Papéis-P” seriam codificados em termos de traços-phi.

(276) o advérbio ‘francamente’ é, nos termos de Giorgi (2008), um advérbio de ato de fala.

O argumento de Giorgi (2008) pode ser resumido em três partes: i) não é possível encaixar o advérbio de ato de fala ‘francamente’ no italiano; ii) a interpretação do advérbio é sempre veiculada ao falante e iii) não é aceitável o encaixamento de ‘francamente’ em orações dependentes de atitudes proposicionais.

Todavia, ao verificar essas hipóteses no PB, chegamos a um resultado diferente, dado que tanto (276) quanto (277) são aceitáveis. Uma vez que, como vimos na ampla descrição das propriedades semântico-pragmáticas das exclamativas-wh no capítulo 1, as sentenças exclamativas sempre envolvem atitudes proposicionais, as sentenças em (276) e (277) não deveriam ser aceitáveis.

Ainda que a aceitabilidade de (276) e (277) sozinhas não ponham em cheque a teoria de Giorgi (2008; 2012) para a representação sintática da indexicalidade, não deixa de ser curiosa tal possibilidade do PB. Ademais, ainda que (276) e (277) fossem anômolas, o modelo de Giorgi (2008) tem o problema de não justificar porque ‘francamente’ precisa estar em CP e não em uma posição alta de IP, tal como originalmente vemos na hierarquia de Cinque (1999).

Um problema similar é levantado para a estrutura proposta por Speas e Tenny (2003): por que precisarmos ‘duplicar’ ou ‘replicar’, na periferia esquerda, categorias já pertencentes ao *middlefield*?

Conceitualmente falando, SenP (SPEAS e TENNY, 2003) seria uma unificação das categorias de avaliação e evidencial (as categorias de *MoodEvaluation* e *MoodEvidential*, presentes na hierarquia de Cinque, 1999; 2004), com a diferença de que na estrutura-SAP tais categorias se encontram em CP, e não em IP. Contudo, uma vez que, além de soldagem, existe movimento nas derivações sintáticas, torna-se um desafio o mapeamento de certas categorias funcionais como pertencentes ao *middlefield* ou à periferia esquerda.

Como observamos ao longo de todo o capítulo, e particularmente nas seções 3.1. – com base em testes de sensibilidade/co-ocorrência de itens supostamente pertencentes à mesma categoria/projeção – e 3.3, é possível que a valoração dos traços associados à exclamatividade-wh seja satisfeita em grande parte no *middlefield*, uma vez que há posições fixas e dedicadas para acomodar sintagmas com o mesmo importe conceitual de categorias da porção alta do IP.

Assim, consideramos desnecessária a duplicação de categorias (com importes conceituais similares) da zona alta do IP para o CP. Uma vez que este trabalho observa estritamente a diretriz do princípio do *One Feature, One Head* (de Kayne (2005) e Cinque e Rizzi (2010)), argumentamos que é mais econômico (em termos de derivação) utilizar as categorias já existentes na estrutura hierárquica do IP (tal como feito na derivação das exclamativas-wh na seção 3.3).

Considerações finais do capítulo

Este capítulo ofereceu uma análise cartográfica das sentenças exclamativas no PB, levando em conta as categorias funcionais acionadas sobretudo na zona alta de IP e na periferia esquerda da sentença, com base em suas propriedades semântico-pragmáticas. Para isso, lançamos mão de uma abordagem comparativa, ao contrastar as exclamativas-wh do PB com as correspondentes em outras línguas.

Ao descrever, translinguisticamente, as categorias funcionais envolvidas na exclamatividade-wh, elaboramos um quadro sinóptico (cf. fig. 7, seção 3.1), quadro esse que contemplava as diferentes categorias que, para os autores consultados, “projetariam” um XP em exclamativas-wh. Na sequência, questionamos quais categorias poderiam ser consideradas “sinônimas” de quais outras – procedimento típico em tipologia linguística e, naturalmente, em Cartografia. Recolhemos, em quadro sinótico revisitado (fig. 10), as categorias que universalmente parecem estar envolvidas nesse tipo de construção. Na sequência, aplicamos testes de co-ocorrência/sensibilidade para cada uma das categorias funcionais alegadamente envolvidas em construções exclamativas-wh, testando sua pertinência com dados do PB.

Também foram aplicados alguns testes de co-ocorrência com advérbios avaliativos e mirativos para estabelecermos algumas diferenças de estratégias derivacionais entre diferentes tipos de exclamativas-wh, a saber, para estabelecermos uma distinção entre exclamativas-que/quanto e exclamativas-como.

A partir dessas análises, chegamos às duas questões centrais do presente trabalho: haveria uma configuração sintática distinta para cada exclamativa-wh e seu respectivo elemento-wh envolvido? Se sim, todas as construções exclamativas checariam seus traços nas mesmas áreas ou seria possível conjecturar sobre diferenças estruturais a depender do operador-wh envolvido na expressão?

De uma perspectiva semântica, ao analisar diferentes exclamativas-wh em diferentes línguas, Nouwen e Chernilovskaya (2015) estabeleceram uma organização que dividia as exclamativas-wh em dois grupos: e-level e i-level. *Mutatis mutandis*, visamos a argumentar em favor de algo semelhante para a estrutura sintática de dois tipos distintos de construções exclamativas: as exclamativas-que, que têm o traço E-deg qualitativo, e as exclamativas-quanto, que têm o traço E-deg quantitativo. Além disso, conjecturamos uma hipótese a respeito das exclamativas-como: a possibilidade de checarem seus traços em uma posição mais baixa, na zona alta do IP, movendo-se, depois, o IP (na verdade, “Mood_{Mirative}P”, como bloco) para [Spec,ForceP].

Quanto às categorias funcionais envolvidas na exclamatividade-wh, com base nos testes desenvolvidos na seção 3.1, apresentamos alguns dados para argumentar contra o envolvimento dos traços de factividade e de foco nas exclamatividade-wh e estabelecer que as categorias ForceP, MirativeP, EvaluativeP, EvidentialP, CircumstantialP¹¹⁵ (ou DemP¹¹⁶) seriam acionadas na derivação de todos os tipos de exclamativas-wh para serem valorados, respectivamente, os traços de força, miratividade, avaliação, evidencialidade e indexicalidade. O traço de gradatividade, como vimos na seção 3.3, é um traço valorado tão somente pelas exclamativas-que/quanto, não pelas exclamativas-como. Esse traço é valorado por movimento ao especificador de DegP, categoria projetada acima de ForceP.

Como mostramos na seção 3.4, este traço gradativo E-deg é duplo, de modo que há uma distinção entre E-deg quantitativo (caso das exclamativas-quanto) e E-deg qualitativo (o caso das exclamativas-que). Tal distinção de traço justificaria uma diferença de altura entre as exclamativas-wh do PB: assim, na esteira de Delfitto e Fiorin (2014), argumentamos que exclamativas-que sobem para uma posição mais alta que exclamativas-quanto, algo que necessitará ainda de desenvolvimentos futuros: a seção 3.3 sugeria uma mesma derivação para esses dois tipos sentenciais.

As derivações sugeridas, para as exclamativas-wh do PB, na seção 3.3 é o resultado das elucubrações avançadas na seção 3.1, onde aplicamos os testes de sensibilidade/co-ocorrência para estabelecermos quais categorias funcionais estariam envolvidas na exclamatividade-wh e quais não estariam.

Na seção 3.2, argumentamos que há bons argumentos em favor da ideia de que as exclamativas-como exibem uma configuração sintático-semântica distinta de que as

¹¹⁵ Na verdade, uma projeção da zona “CircumstantialP”, nomeadamente LocP, TempP ou MannerP.

¹¹⁶ Como discutimos na seção 3.1, o locus de valoração do traço de indexicalidade pode correr na projeção estendida do verbo ou do nome, algo que precisa ser mais bem investigado futuramente.

exclamativas-que/quanto. Na seção 3.3, explicitamos essas diferenças: as exclamativas-como satisfariam todas suas propriedades na zona do IP, indo para a posição final em CP, especificador de ForceP, apenas para satisfazer seu traço de força¹¹⁷; as exclamativas-que e as exclamativas-quanto, por outro lado, subiriam para uma posição mais alta em CP, especificador de DegP, para satisfazer seus traços de gradatividade.

Por fim, na seção 3.5, discutimos como o contexto pode ser capturado na estrutura sintática. Apresentamos duas teorias, relacionadas entre si, sobre a codificação da propriedade da indexicalidade nas línguas naturais. Apresentamos a proposta de Giorgi (2008) e alguns contra-argumentos a pontos específicos da análise, nomeadamente ao fato de SpeechAct ser expresso em CP e não em IP. Para isso, trouxemos alguns dados de exclamativas do PB. Naturalmente, os dados e a discussão não invalidam a proposta de Giorgi no que diz respeito à “sintetização” da indexicalidade em si.¹¹⁸ A proposta, nesse sentido, tem seu mérito. A única ressalva feita foi em relação ao fato de se duplicar desnecessariamente, em CP, categorias da zona alta do IP, crítica feita também em relação à proposta de Speas e Tenny (2003). Os dados apresentados argumentam em favor de uma alternativa cartográfica “dura” – bastante alinhada ao princípio do *One Feature, One Head* (de Kayne (2005) e Cinque e Rizzi (2010)).

¹¹⁷ Como argumentamos ao longo do capítulo 1, consideramos que as exclamativas-wh são uma categoria derivada, de modo que seus traços são satisfeitos com base em mais de uma categoria funcional envolvida. Assim, todo o IP iria para ForceP, após os traços serem checados na estrutura.

¹¹⁸ O entendimento da dissertação relativamente à valoração do traço de indexicalidade, conforme já exposto antes, é o de que ele seja valorado pela soldagem de um DemP ao NP, na projeção estendida do nome, ou – na ausência de um demonstrativo – pela soldagem de um circunstancial (LocP, TempP ou MannerP) dêitico na projeção estendida de V.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a caracterização semântico-pragmática das exclamativas, a revisão de literatura e os testes sintáticos empregados no capítulo 3, concluímos que a expressão da exclamatividade-wh envolve mais de uma categoria funcional. Argumentamos que as projeções funcionais MoodEvidentialP, MoodEvaluativeP, MoodMirativeP e ForceP são necessárias para derivar a exclamatividade-wh, independentemente de seu tipo. Além dessas quatro projeções, uma outra projeção estaria envolvida – também independentemente do tipo de exclamativa-wh –, garantindo a valoração do traço de indexicalidade (em vista dos argumentos sobretudo semânticos, avançados no cap. 2): trata-se de DemP – que valora esse traço por soldagem de um demonstrativo na projeção estendida do nome – ou, na ausência dessa projeção, de uma projeção de um dos três sintagmas circunstanciais dêiticos (LocP, TempP ou MannerP)¹¹⁹, soldada na projeção estendida do verbo/oração. As exclamativas-que/como projetam uma outra categoria, DegP, como vimos na seção 3.4. Do ponto de vista conceitual, já supúnhamos que a exclamatividade-wh requereria mais de uma projeção funcional, tendo em vista i) o princípio do *one feature one head* (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010) e ii) o fato de diferentes autores postularem mais de uma projeção para exclamativas-wh e recorrerem a uma zona cindida do CP para acomodar os respectivos traços das referidas projeções. Conforme argumentamos, muitas dessas propriedades acomodadas em CP têm importes conceituais idênticos ao de categorias funcionais do IP.

Como vimos inicialmente, no capítulo 1, há três abordagens possíveis para mapear os traços conceituais envolvidos nas exclamativas: a *construcional*, a *pressuposicional* e a *escalar*. Cada uma dessas abordagens identifica um conjunto de propriedades (semânticas e pragmáticas) para as exclamativas-wh. Assim, dedicamos uma breve seção para cada uma dessas abordagens para, em seguida, chegar às propriedades consensualmente identificadas pelas três abordagens. Essas propriedades foram

¹¹⁹ Cf. nota de rodapé 99, seção 3.3, onde se argumentou que, na ausência ou de um demonstrativo diretamente soldado na projeção estendida do N ou de um circunstancial morfofonologicamente expresso e soldado na projeção estendida do V, um circunstancial não pronunciado (p.ex., AQUI) – no espírito de Kayne (2005) – entraria na derivação, sendo soldado acima de *vP*, como nos exemplos (209) e (210), reproduzidos abaixo como (i) e (ii):

- (i) *Que bagunça eles fizeram aqui/AQUI!*
- (ii) *Quanta bagunça eles fizeram aqui/AQUI!*

retomadas no capítulo 3, quando elaboramos uma proposta – no espírito da Cartografia – que desse conta de derivar a exclamatividade-wh numa teoria que tivesse alcance universal, i.e., que pudesse dar conta da exclamatividade-wh não só em PB, mas em qualquer língua. Seguidamente, justificamos a adequação do Programa Cartográfico da Teoria de Princípios e Parâmetros para lidar com as propriedades semântico-pragmáticas das exclamativas-wh, descritas ao longo do cap. 1.

No capítulo 2, estabelecemos uma discussão teórica acerca da semântica das sentenças exclamativas, mais especificamente, a respeito da denotação das exclamativas-wh em contraste com as construções indexicais e expressivas.

A partir da literatura da área e de algumas análises sobre o PB, mostramos que as sentenças exclamativas, ao contrário das sentenças declarativas, não podem ser semanticamente derivadas apenas em uma perspectiva descritiva/referencialista. Isso porque, além da predicação envolvida, essas estruturas também contam com uma avaliação do falante e essa avaliação deve ser considerada como um parâmetro indexical, i.e., é uma avaliação que é indissociável da perspectiva do falante.

Essa subjetividade, aparentemente intrínseca às exclamativas, levantou alguns problemas teóricos, como o problema de *faultless disagreement*: casos em que falantes discordam, mas sem que um diga algo necessariamente falso. Em uma perspectiva vericondicional, esse problema impõe um desafio à teoria semântica (dado que o sentido, nessa perspectiva, é derivado a partir das condições de verdade da sentença).

Vimos algumas formulações teóricas postuladas na literatura para resolver o problema, a saber, as abordagens relativista e expressiva, tal como estabelecemos um paralelo entre exclamativas e construções expressivas como uma alternativa possível de resolver esse impasse. O problema de *faultless disagreement* parece legitimar – conforme argumentado no cap. 2 – a obrigatoriedade de valoração de pelo menos dois traços na derivação de exclamativas-wh, nomeadamente os traços de *indexicalidade* e *avaliação*, retomados nas discussões das seções 3.1., 3.3 e 3.5.

Ainda no segundo capítulo, verificamos que uma abordagem expressiva é uma opção viável para lidar com a subjetividade das exclamativas e para explicar certas restrições sintáticas, como as diferenças entre as *small clauses* livres e as denominadas que-SCLs (SIBALDO, 2016).

Foi no terceiro capítulo que, de posse de uma descrição semântico-pragmática das exclamativas-wh, empreendida nos dois capítulos anteriores, e, com base na metodologia típica da Cartografia Sintática – sobretudo a partir de testes de co-ocorrência de

constituintes (supostamente) pertencentes a uma mesma categoria (TESCARI NETO, 2019) –, avançamos uma análise sintática das exclamativas-wh no PB. Para isso, lançamos mão de uma perspectiva contrastiva, ao observar as categorias funcionais em outras línguas (islandês, húngaro, japonês, espanhol, catalão e português europeu). Ao analisar as categorias funcionais envolvidas na exclamatividade-wh, apresentamos um quadro sinóptico – cf. fig. 7, seção 3.1. – e aplicamos testes de sensibilidade/co-ocorrência para cada uma das categorias funcionais, testando sua pertinência com dados do PB.

Na seção 3.1, com base nesses testes de sensibilidade, concluímos, então, que os traços de *força*, *evidencialidade*, *miratividade*, *avaliação* e *indexicalidade* estão envolvidos na exclamatividade-wh, de modo que as projeções funcionais ForceP, MoodEvidentialP, MoodMirativeP, MoodEvaluativeP, além de DemP (ou, na ausência dela, uma projeção de circunstancial (LocP, TempP ou MannerP)) são acionadas para a derivação desse tipo sentencial. A projeção de DegP, que valora o traço de gradatividade, está envolvida na derivação das exclamativas-que/quanto, mas não das exclamativas-como (cf. seções 3.2 e 3.3).

Argumentamos também, ainda na seção 3.1, com base em testes envolvendo dados do PB, que as propriedades de factividade e de foco não parecem estar envolvidas na derivação das exclamativas-wh.

Ao longo das seções 3.1 e 3.2, com base em testes de sensibilidade e testes de co-ocorrência, estabelecemos algumas diferenças de estratégias derivacionais entre diferentes tipos de exclamativas-wh, a saber, as exclamativas-que/quanto e exclamativas-como. Apresentamos na seção 3.2 algumas diferenças sintático-semânticas entre estes dois tipos de exclamativas-wh e argumentamos em prol da hipótese que estabelece distinções estruturais entre diferentes tipos de sentenças exclamativas e suas respectivas veiculações da noção de gradabilidade, além de lançarmos a questão sobre a localidade onde os traços das exclamativas-como são checados.

Com base nos testes desenvolvidos ao longo do capítulo 3, concluímos que as exclamativas-que/quanto sobem para uma posição mais alta na hierarquia do que as exclamativas-como, para valorar o traço de gradatividade. Assim, as exclamativas-como checam todos seus traços no *middlefield*, com o IP (Mood_{Mirative}P, na verdade) subindo posteriormente para o especificador de ForceP; já as exclamativas-que/quanto envolvem, para além do movimento à posição do especificador de força, extração e movimento do sintagma-wh a uma posição acima, denominada DegP.

As derivações específicas a cada um dos três tipos de exclamativas-wh do PB (as exclamativas-que, as exclamativas-quanto e as exclamativas-como) foram finalmente comentadas e ilustradas na seção 3.3.

Após identificarmos que muitas das categorias funcionais do CP, postuladas pela literatura como estando envolvidas no processo derivacional das exclamativas-wh, teriam seu importe conceitual duplicado na zona do IP, optamos por utilizar as categorias do *middlefield* não só por questão de economia teórica como sobretudo em vista dos resultados apresentados pelos testes de sensibilidade/co-corrência (seção 3.1). Assim, na seção 3.3, utilizamos as categorias funcionais veiculadas por Cinque (1999) – a saber, Mood_{Evidential}P, Mood_{Evaluative}P, Mood_{Mirative}P – para satisfazer os traços envolvidos nas exclamativas (ao invés de postular categorias com importe similar na periferia esquerda – como em algumas abordagens concorrentes). Com base neste expediente, também estabelecemos uma diferença configuracional entre as exclamativas-como, de um lado, e as exclamativas-que/quanto de outro.

As exclamativas-que/quanto se distinguiriam das exclamativas-como por terem um movimento-wh mais alto, tendo como posição final uma projeção de grau, acima de ForceP. Denominamos esta projeção como *DegP* e argumentamos que tal projeção seria necessária para acomodar o traço de gradatividade (E-deg), discutido nos cap.1 e 2, e ilustrado com maiores detalhes na seção 3.4. Naquela seção, observamos uma distinção no traço E-deg que justificaria uma diferença de altura entre as exclamativas-wh do PB. Deste modo, existiria um traço E-Deg quantitativo (para as exclamativas-quanto) e o traço E-Deg qualitativo (para as exclamativas-que).

Por fim, na seção 3.5, argumentamos sobre a relevância de se considerar o contexto na derivação sintática e discutimos (criticamente) duas propostas de ‘sintatização’ do traço de indexicalidade e de outros traços discursivos em zona alta da periferia esquerda. Como argumentado, consideramos como desnecessária a duplicação, em CP, de categorias da zona alta do IP. Adotamos o *middlefield* como locus de valoração dessas categorias (indexicalidade, referencialidade/evidencialidade, avaliação, miratividade) – sobretudo pelo fato de exclamativas-wh reagirem à presença de advérbios dessas classes/categorias (conforme largamente argumentado, via testes de co-corrência/sensibilidade na seção 3.1) – e argumentamos em favor de uma alternativa cartográfica “dura”, alinhada ao princípio do *One Feature, One Head* (de Kayne (2005) e Cinque e Rizzi (2010)) para ilustrarmos a história derivacional de exclamativas-wh.

Desta forma, acreditamos que esta dissertação traz importantes contributos teóricos, não só no contexto da Cartografia Sintática – e da Gramática Gerativa – como também da Tipologia Linguística, da Linguística Geral e da linguística descritiva do PB.

Para a Cartografia Sintática, e para a Gramática Gerativa em geral, o contributo principal foi mostrar a eficácia da metodologia da Cartografia na derivação de um tipo sentencial específico. Uma vez munidos dos testes de sensibilidade/co-ocorrência de exclamativas-wh com itens supostamente pertencentes à mesma categoria (TESCARI NETO, 2019), foi possível descartar análises que recorrem à duplicação de categorias de IP em CP, o que, em tese, questiona uma linha importante de estudos em cartografia atualmente, em favor, contudo, de uma análise cartográfica mais ‘dura’ (como vimos na última seção do capítulo 3). Tal proposta de derivação também traz contributos ao Programa Minimalista, uma vez que seguimos as mesmas diretrizes gerais daquele programa, derivando, então, a exclamatividade-wh tão somente com ingredientes minimalistas, a saber, soldagem e movimento, além, obviamente, da hierarquia cartográfica.

Para a Tipologia Linguística, tal como todo empreendimento cartográfico, a dissertação também tem o mérito de, ao descrever as categorias envolvidas nesta modalidade em específico, precisar – por meio da metodologia da cartografia – as categorias que, de fato, estariam envolvidas neste tipo sentencial, excluindo categorias cuja valoração não é condição *sine qua non* à expressão da exclamatividade-wh.

Essa organização das propriedades e categorias funcionais envolvidas em uma determinada estrutura é imprescindível para a compreensão de uma construção gramatical e, com base nela, podemos afirmar que este trabalho também traz contributos para a Linguística Geral. Vimos que um tipo sentencial pode envolver não apenas um traço categorial, como todo um conjunto de traços; no caso específico da exclamatividade-wh pode-se, então, dizer que esse tipo sentencial não corresponde a uma única categoria sintático-semântica, mas a um conjunto de categorias, sendo, portanto, obtido derivacionalmente. Isso foi ilustrado na seção 3.3, sobretudo, a partir de ingredientes cartográficos (uma única estrutura de base, com suas categorias hierarquicamente ordenadas).

Por fim, acreditamos que o trabalho traz também contributos para os estudos de linguística portuguesa, no geral, e para a descrição do PB, em particular. Uma vez que recorremos a dados do PB para propor uma teoria *universalista* sobre as exclamativas-wh, acreditamos que a dissertação traga contribuições importantes não só para a

investigação das exclamativas-wh, como também para a descrição do português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELS, K. Why surprise-predicates do not embed polar interrogatives. **Linguistische Arbeitsberichte**, 79, 2004
- ABBOTT, B. **Reference**. Oxford Surveys in Semantics e Pragmatics. Oxford University Press, 2010
- AMBAR, M. Wh-questions and wh-exclamatives: Unifying mirror effects. In: **Romance Languages and Linguistic Theory 2000: Selected Papers from "Going Romance"**, p. 15-41, 2000
- _____. Wh-asymmetries. **Asymmetry in grammar**, ed. A. M. Di Sciullo, p. 209–249. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- AUSTIN, J. L. How to do things with words. **The William James Lectures** by J. L. AUSTIN edited by J. O. Urmson. Oxford, 1962.
- BARTRA, A., VILLALBA, X.. Information structure and exclamative force in Spanish DP. In: Paper presented at the **Workshop on DP-Internal Information Structure: Topic, Focus and Other Illocutionary Forces**, University of Utrecht, 2006
- BADAN, L.; CHENG, L. Exclamatives in Mandarin Chinese. **Journal of East Asian Linguistics**, 24 (4): 383–413, 2015
- BELLETTI, A. **Generalized Verb Movement**. Rossenber and Sellier, Torino, 1990
- _____. Aspects of the low IP area. In: **The structure of CP and IP**, edited by Luigi Rizzi, New York: Oxford University Press, 16–51, 2004.
- BENINCA, P. La struttura della frase esclamativa alla luce del dialetto padovano. **Italiano e dialetti nel tempo**, p. 23-43. Rome: Bulzoni, 1996
- BENINCÀ, P.; MUNARO, N. (ED.) **Mapping The Left Periphery: The Cartography of Syntactic Structures Volume 5**, Oxford, Oxford University Press, 2011.
- BENNIS, H. Exclamatives!. **Linguistics in Netherlands 2000**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2000
- BENNIS, H.; CORVER, N.; DEN DIKKEN, M. Predication in Nominal Phrases. **Journal of Comparative Germanic Linguistics**, 1, p. 85-117, p. 1998
- CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012
- CASTROVIEJO, E. **Wh-Exclamatives in Catalan**. Ph.D. thesis, Universitat de Barcelona, 2006.

- _____. Deconstructing Exclamations. **Catalan Journal of Linguistics**, v. 7, n. 1, p. 41, 1 dez. 2008
- _____. Gradation in modified AdjPs. In: **Semantics and Linguistic Theory**, p. 83–103, 2012.
- CHERNILOVSKAYA, A. **Wh-exclamatives, speech acts and discourse**. Ph.D. thesis, Utrecht University, 2013.
- CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.
- _____. **The minimalist program**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- _____. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, M. (Ed.) **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, MIT Press, 2001.
- CINQUE, G. Adverbs and the Universal Hierarchy of Functional Projections. **GLOW**, 34, p.14-15, 1995.
- _____. Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective. In: **Working Papers in Linguistics**, vol.7, n.1, 2, University of Venice, 1997.
- _____. **Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective**. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 1999.
- _____. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. In: **Linguistic Inquiry**, 36, p. 315-332. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2005
- _____. **Restructuring and functional Heads**. Oxford University Press, 2006.
- _____. **Typological Studies. Word Order and Relative Clauses**. New York, ROUTLEDGE, 2013
- CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. In: Heine, B.; Narrog, H. (Eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. NY, Oxford University Press, p. 51-65, 2010.
- CRUSCHINA, S; REMBERGER, E. M. Speaker-oriented syntax and root clause complementizers: Comparative approaches to the Complementizer Phrase. **Linguistic Variation**. 18. 336-358, 2018
- D'AVIS, F. J. On the interpretation of wh-clauses in exclamative environments. **Theoretical Linguistics**, 28: 5-31, 2002
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DELFITTO, D; FIORIN, G. Exclamatives: Issues of syntax logical form and interpretation. **Lingua**, 152, 1–20, 2014
- ELLIOTT, D. The grammar of emotive and exclamatory sentences in English. **Ohio State Working Papers in Linguistics**, 8: viii-110, 1971

- _____. Toward a grammar of exclamations. **Foundations of Language**, 10: 41-53, 1974
- FARKAS, I.A. Fseq and Cartography: The tip of the iceberg. In: **Bucharest Working Papers in Linguistics**, Vol XVII, Iss 1, p. 99-117, 2015.
- FREGE, Gottlob. (1892). Sobre o Sentido e a Referência. In: ALCOFORADO, Paulo (org. e trad.). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.
- FOLTRAN, M. J. Predicados complexos. **Revista Letras**. Curitiba, n.53, p. 127-139, 2001.
- FOLTRAN, M. J.; MIOTO, C. As small clauses revisitadas: apresentação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, Editora da Unicamp, v. 49, n.1, p. 5-9, 2007
- FOOLEN, A. Expressives. In N. Riemer (Ed.), **The Routledge handbook of semantics**. London: Routledge, p. 473–490, 2015
- GARTNER, H.M.; STEINBACH, M. A skeptical note on the syntax of speech acts and point of view. In Brandt, P., and E. Fuss, (eds.), **Form, structure, and grammar: a festschrift presented to Günther Grewendorf on occasion of his 60th Birthday**, 313 - 322. Berlin: Akademie Verlag, 2006
- GRIMSHAW, J. Complement selection and the lexicon. **Linguistic Inquiry**, 10: 279-326, 1979
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P., MORGAN, J. (Eds.). **Speech acts**. New York: Academic Press, 1975.
- GUESSER, S.; SOUSA, R. ; KEDOCHIM, F. . Perguntas com sintagmas -WH adverbiais altos, cartografia e o caso das interrogativas com como assim em PB. **Revista Linguística**, v. 15, p. 88-117, 2019.
- GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. . Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. **Revista Linguística (Online)**, v. 9, p. 30-63, 2013.
- GUESSER, S. Sentenças Foco+que do PB na interface sintaxe-pragmática. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 13, p. 78-106, 2015.
- GUTIÉRREZ-REXACH, J. The Semantics of Exclamatives. In: Garrett, E.; Lee, F. (eds.). **Syntax at Sunset. UCLA Working Papers in Linguistics**, pp. 146-162, 1996
- _____. The structure and interpretation of Spanish degree neuter constructions. **Lingua**, 109: 35-63, 1999
- _____. Spanish Exclamatives and the Interpretation of the Left Periphery. In: **Romance Languages and Linguistic Theory 1999: Selected Papers from "Going Romance"**, p. 167–194. Amsterdam: John Benjamins., 2001

- _____. "Spanish Root Exclamatives at the Syntax/Semantics Interface". **Catalan Journal of Linguistics**, 7: 117-133, 2008
- GUTZMANN, D; TURGAY, K. Expressive Intensifiers and External Degree Modification. **The Journal of Comparative Germanic Linguistics**, 17, p. 185-228, 2015
- GUTZMANN, D. **Use-conditional meaning: Studies in multidimensional semantics**. Oxford: Oxford University Press. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780198723820.001.0001, 2015
- _____. Spanish exclamatives and the interpretation of the left periphery. In: **Romance Languages and Linguistic Theory 1999. Selected papers from 'Going Romance' 1999**. Leiden, ed. J. Roorick Y. D'Hulst and J. Schrotten. John Benjamins, 2001.
- _____. Spanish root exclamatives at the syntax/semantics interface. **Catalan Journal of Linguistics**, 7: 117-133, 2008.
- HAUMANN, D. **Adverb Licensing and Clause Structure in English**, John Benjamins Publishing Company, 2007.
- JACKENDOFF, R. **Semantic interpretation in Generative Grammar**. MIT Press, 1972.
- JÓNSSON, J. Icelandic exclamatives and the structure of the CP layer. **Studia Linguistica**, 64, 1, p. 37–54, 2010.
- KAPLAN, D. Demonstratives. In: **Almog, Perry, and Wettstein**, p. 481-563, 1989.
- KATO, M. A. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. Handout apresentado no **GT de Teoria da Gramática**, 1988.
- _____. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. **DELTA**, v. 23, n. especial, p. 85-111, 2007.
- KAYNE, R. S. The Antisymmetry Of Syntax. **Linguistic Inquiry Monograph**, 25. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1994
- _____. **Movement and Silence**. New York: Oxford University Press, 2005.
- KELLERT, O. Complementizers in Sardinian wh-exclamatives and clefts. **Italian Journal of Linguistics**, 31.1: 124-148, 2019
- KIPARSKY, P. e C. KIPARSKY. Fact. In: D. Steinberg e L. Jakobovits (eds.) **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press. [Reprinted from M. BIERWISCH e K. HEIDOLPH (eds. 1970) **Progress in Linguistics**. Mouton, The Hague, 1971.
- KRIPKE, S. **Naming and Necessity**. Harvard University Press e Basil Blackwell: Oxford, 1980.

LAENZLINGER, C. **Elements of comparative generative grammar: a cartographic approach**. Padova: Unipress, 2011.

LASERSOHN, P. Context-dependence, disagreement, and predicates of personal taste. **Linguistics and Philosophy**, n. 28, p. 643-686, 2005.

LIMA, B. F. Wh-Exclamatives: a primitive of grammar or a derived category. In: **3rd Eissi - Syntax, Semantics, Interfaces e Cognition**, 2018, Florianópolis. 3rd Eissi - Syntax, Semantics, Interfaces e Cognition - Abstracts. Florianópolis: Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1. p. 74-76, 2018a

_____. Syntactic and semantic distinctions between wh-interrogatives and wh-exclamatives in Brazilian Portuguese. In: **THE ELEVENTH CONFERENCE ON SYNTAX, PHONOLOGY AND LANGUAGE ANALYSIS**. Disponível em: <http://www.sinfonija11.confer.uj.edu.pl/documents/138583982/138588517/syntactic+and+semantic+distinctions+between+wh-interrogatives+and+wh-exclamatives+in+Brazilian+Portuguese.pdf/c9d42968-7b91-44a6-a2a8-63c7b595e64c>, 2018b. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

_____. On some differences between wh-interrogatives and wh-exclamatives: The case of Brazilian Portuguese. In: **Workshop: Recent Issues in the Syntax of Questions**. Disponível em: https://www.ling.uni-konstanz.de/typo3temp/secure_downloads/96704/0/32d0d4d0254af5a9daf0f106b30c524b95f86f12/RISQ2018_Lima_On_some_differences_between_wh-interrogatives_and_wh-exclamatives.pdf, 2018c. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

LIPTÁK, A. The left periphery of Hungarian exclamatives. In: **Contributions to the thirtieth Incontro di Grammatica Generativa**, ed. Laura Brugé, Giuliana Giusti, Nicola Munaro, Walter Schweikert, and Giuseppina Turano, p. 161–183. Venezia: Cafoscarina, 2005.

_____. Word Order in Hungarian Exclamatives. In: **Acta Linguistica Hungarica**, Vol. 53 (4), p. 343–391, 2006

LOBATO, L. Por que não existem pequenas orações em posição de adjunto? **Caderno de Squibs**, v. 2, n. 2, p. 69-79, 2016

MAYOL, L. Catalan ‘Déu n’hi do’ and Levels of Meaning in Exclamatives. In: CHANG, C. B.; HAYNIE, H. J. (Eds.). **Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics**, p. 375-383, 2008.

- MARQUES, M.N. **Essa dissertação é divertida: predicados de gosto pessoal e seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, 2018.
- MEDEIROS JÚNIOR, P.; SIEIRO, P. L. M. 'Que lindo o que vocês organizaram!' Brazilian Portuguese Wh-Exclamatives and the Evidence for a Split Force. In: **3º Encontro Internacional de Sintaxe, Semântica e Interfaces**, 2018, Florianópolis. 3rd EISSI - Encontro Internacional de Sintaxe, Semântica e Interfaces, p. 64-65, 2018.
- MERIN, A; NIKOLAEVA, I. **Exclamative as a universal speech act category: A case study in decision-theoretic semantics and typological implications.** Ms., University of Konstanz and SOAS London University, 2008
- MICHAELIS, L.; LAMBRECHT, K. Toward a Construction-Based Model of Language Function: The Case of Nominal Extraposition, **Language**, 72, 215–247, 1996
- MICHAELIS, L. Exclamative constructions. **Language typology and universals: an international handbook**, Martin Haspelmath et al. (eds.), 1038-1050. Berlin: de Gruyter, 2001.
- MILNER, J. C., **De la syntaxe à l'interprétation: quantités, insultes, exclamations.** Seuil, Paris, 1978.
- MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português Brasileiro. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 97-139. jul./dez. 2001. Editora da UFPR, 2001.
- MIOTO, C.; FOLTRAN, M. J. A favor de small clauses. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, Editora da Unicamp, v. 49, n.1, p.11-28, 2007.
- NEVEUX, J. Grammar and feelings: a study of WH- exclamatives in Katherine Mansfield's short stories. In: Sorlin Sandrine (ed.), ESA n°12, **La Société de Stylistique Anglaise (1978-2018): 40 ans de style**, 192-222, 2018
- MUNARO, N. On some differences between exclamative and interrogative Wh-phrases in Bellunese. Paper presented at the **Workshop Minimal variation in the WH system**, Paris, 1998.
- _____. Verbless Exclamatives Across Romance: Standard Expectations and Tentative Evaluations, vol. 16. **Working Papers in Linguistics**, University of Venice, 2006
- MUNARO, N.; OBENAUER, H.G. On the semantic widening of underspecified wh-elements. **Proceedings of the X-Coloquio de Gramatica Generativa**. Madrid: Alcalh, forthcoming, 2003.

- NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2018.
- NOUWEN, R. e CHERNILOVSKAYA, A. Two types of exclamatives. **Linguistic Variation**, 15(2). 201–224, 2015.
- ODA, T. **Degree constructions in Japanese**. PhD dissertation. University of Connecticut, 2008
- ONO, H. **An Investigation of Exclamatives in English and Japanese: Syntax and Sentence Processing**, 2006
- PERRY, J. Indexicals and demonstratives. In: HALE, B.; WRIGHT, C. (Ed.). **A Companion to the Philosophy of Language**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, p. 586–612, 1997
- PFEIFFER, M. The deictic dimension of exclamations: On the use of wh-exclamatives in German face-to-face interaction. **Revue de Sémantique et de Pragmatique**, 40. 35-57, 2017.
- PINHEIRO, C.S. **Small Clauses Livres: bem diferentes, essas sentenças!** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2019
- PINTO, C. F. A perda do efeito V2 na história do espanhol europeu. **Fórum Linguístico**, v. 16, p. 3513-3529, 2019.
- QUAREZEMIN, S. **Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- QUAREZEMIN, S.; TESCARI NETO, A. Da Sintatização dos focos contrastivo e exaustivo em CP e das estratégias de marcação de foco. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, p. 42-77, 2015.
- RETT, J. **Degree Modification in Natural Language**. Tese (Doutorado) - Rutgers University, 2008a.
- _____. A degree account of exclamatives. In **Proceedings of SALT XVII**, 2008b
- _____. Exclamatives, degrees and speech acts, **Linguistics e Philosophy**, 34(5): 411-442, 2011.
- RICHTER, M.; VAN HOUT, R. How WIE 'how' as Intensifer Co-occurs with other Intensifers in German Sentences. In: **Proceedings of the Workshop on Logic and Algorithms in Computational Linguistics 2017 (LACompLing2017)**, 2017

- RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause – Primarily illustrated for Italian. In: **The Willey Blackwell Companion to Syntax**, II edition, p.1-30, 2017.
- RIZZI, L. Residual verb second and the Wh criterion. In: BELLETTI, A.; RIZZI, L. (Eds.). **Parameters and functional Heads: essays in comparative syntax**. New York, Oxford: Oxford University Press, p. 64-90, 1996
- _____. The fine structure of left periphery. In: Haegman, L. (Ed.). **Elements of Grammar**. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, p. 282-337, 1997
- _____. On the position of Int(errogative) in the Left Periphery of the Clause, in: G. Cinque, G. Salvi (Eds.), **Current Studies in Italian Syntax**, Elsevier, Amsterdam, 287-296, 2001
- _____. Locality and left Periphery, in A. Belletti (Ed.), **Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 3**, Oxford University Press, 2002
- _____. The structure of CP and IP. **The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2**, New York: Oxford University Press, 2004a
- _____. Locality and Left Periphery. In: Belletti, A. (Ed.) **Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures, vol.3**. New York/Oxford: Oxford University Press, pp. 223-251, 2004b.
- _____.The Structure of CP and IP. **The Cartography of Syntactic Structures, vol.2**. New York, Oxford: Oxford University Press, 2005.
- _____. Subjects, Topics and the interpretation of pro. In: Roberto Petrosino, Pietro Cerrone e Harry van der Hulst (Ed.) **From Sounds to Structures: Beyond the Veil of Maya**. Berlin: Mouton de Gruyter [Studies in Generative Grammar 135], p.510-530, 2018
- RUSSELL, B. On Denoting. **Mind**, vol. 14, p. 479-93, 1905.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SEARLE, J. R. **Expression and meaning: Studies in the theory of speech acts**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1979.
- SCHLENKER, P. **Propositional Attitudes and Indexicality: A Cross-Categorical Approach**. Tese (Doutorado) — Massachusetts Institute of Technology, USA, 1999.
- _____. A plea for monsters. **Linguistics and Philosophy**, v. 26, p. 29–120, 2003.
- SIBALDO, M. A. **A sintaxe das small clauses livres do Português Brasileiro**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Alagoas, 2009.

_____. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. **Gragoatá (UFF)**, v. 21, p. 113-132, 2016.

SIMPSON, A. Wh-movement, licensing, and the locality of feature checking. In David Adger et al. (Eds.), **Specifiers: Minimalist Approaches**. Oxford: Oxford University Press, p. 231–247, 1999

SOUSA, R. S. Como assim mirativo em PB: aspectos sintáticos e semânticos. In: **III Colóquio de Semântica Referencial**. Disponível em: <https://csr.faiufscar.com/anais#/trabalhos>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

SPEAS, M. Evidentiality, logophoricity and the syntactic representation of pragmatic features. **Lingua**, 114(3), 255–276, 2004

SPEAS, P.; TENNY, C. Configurational Properties of Point of View Roles. In DiSciullo, A. (ed.), **Asymmetry in Grammar**. Amsterdam: John Benjamins. 315-344, 2003.

STALNAKER, R. Assertion. **Syntax and Semantics**, 9, p. 315–322, 1978.

TANG, S. W. Nominal Predication and Focus Anchoring. **ZAS Papers in Linguistics**, v. 22, p. 159–172, 2001.

TEIXEIRA, L. R. **Indexicais e operadores-monstros no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal De Santa Catarina, 2012

TESCARI NETO, A. AdvPs aspectualizadores (modalizadores) no português brasileiro e no italiano e a hierarquia universal de Cinque. **Estudos Lingüísticos (São Paulo)**, v. 37, p. 194-203, 2008.

_____. **On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study**. Tese (Doutorado) - Università Ca' Foscari Venezia, UNIVE, Itália, 2013.

_____. “Só”, “Exclusivamente” e suas posições na sentença. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)**, v. 59, p. 573-602, 2015.

_____. A posição do quantificador universal e suas implicações para o diagnóstico do movimento do verbo. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)**, v. 32, p. 819-859, 2016.

_____. **Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática**. Manuscrito, UNICAMP, 2019.

URIAGEREKA, J. An F position in western Romance. In: KISS, K. **Discourse configurational languages**. New York: Oxford University Press, p. 153-175, 1995.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax and cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

VILLALBA, X. **The syntax of sentence periphery**. Ph.D. diss., Universitat Autònoma de Barcelona, 2000.

_____. An exceptional exclamative sentence type in Romance. **Lingua**, 113, p.713–745, 2003

_____. **Exclamatives and negation**. Report de Recerca GGT-2004-02. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2004.

_____. Exclamatives: a thematic guide with many questions and few answers. **Catalan Journal of Linguistics**, 7, 9–40, 2008.

_____. L'evolució de les oracions exclamatives-qu de grau en català. **Caplletra**, 60, 211-226, 2016

YAMATO, N. The left periphery of Japanese exclamatives. **Studia Linguistica**, 64(1): 55–80, 2010

ZANUTTINI, R. e PORTNER, P. Exclamative clauses: At the syntax-semantics interface. **Language**, 79, 39–81, 2003.

ZENDRON, K. e SEARA, I. C. O padrão entoacional das exclamativas-wh em português brasileiro. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 18, n. 2, p. 211-229, 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2015/04/13-CUNHA-ESEARA.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015

ZENDRON DA CUNHA, K. **Sentenças exclamativas em Português Brasileiro: um estudo experimental de interface**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ZEVAKHINA, N. Syntactic strategies of exclamatives. **The journal of Estonian and Finno-Ugric linguistics**, (4–2): 157–178, 2014

ZUBIZARRETA, M. L. **Prosody, Focus and Word Order**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1998